

THAIS EHRHARDT DE SOUZA

**AS CRIANÇAS E OS CONTEÚDOS PARA ADULTOS NA  
TELEVISÃO: RECEPÇÃO, MEDIAÇÃO E BRINCADEIRA**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-graduação em Educação da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de mestre  
Educação. Orientador: Prof. Dr. Gilka  
Elvira Ponzi Girardello

FLORIANÓPOLIS  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária  
da UFSC.

Souza, Thais Ehrhardt de  
As crianças e os conteúdos para adultos na  
televisão: recepção, mediação e brincadeira / Thais  
Ehrhardt de Souza ; orientador, Gilka Elvira Ponzi  
Girardello Girardello, 2017.  
200 p.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis,  
2017.  
Inclui referências.  
1. Educação. 2. conteúdos para adultos que as  
crianças assistem na televisão. 3. pesquisa de  
recepção. 4. metodologia de pesquisa com crianças  
pequenas. 5. criança, televisão, conteúdos adultos  
da TV. I. Girardello, Gilka Elvira Ponzi  
Girardello. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.  
Titulo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

"AS CRIANÇAS E OS CONTEÚDOS PARA ADULTOS NA TELEVISÃO: RECEPÇÃO, MEDI-  
AÇÃO E BRINCADEIRA"

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso  
de Pós-Graduação em Educação do Centro de  
Ciências da Educação em cumprimento parcial  
para a obtenção do título de Mestre em Educa-  
ção.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 23/02/2017

Dra. Gilka Elvira Fomsi Girardello (PPGE/CED/UFSC-Orientadora) *Gilka Girardello*  
Dra. Iracema Munarim (PME/Florianópolis-Examinadora) *Iracema Munarim*  
Dra. Juliane de Paula Queiroz Odicino (FMP- Examinadora) *Juliane Odicino*  
Dra. Dulce Márcia Cruz (PPGE/CED/UFSC- Examinadora) *Dulce Márcia Cruz*  
Dr. João Josué da Silva Filho (PPGE/CED/UFSC-Suplente) *João Josué da Silva Filho*

THAÍS EHRHARDT DE SOUZA  
FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/FEVEREIRO/2017

Prof. Elison Antonio Paim  
Coordenador do PPGE/ED/UFSC  
*Elison Antonio Paim*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Thais Ehrhardt de Souza

AS CRIANÇAS E OS CONTEÚDOS PARA ADULTOS NA  
TELEVISÃO: RECEPÇÃO, MEDIAÇÃO E BRINCADEIRA

Dissertação submetida ao colegiado do curso de Pós-Graduação em Educação no Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello (UFSC-Orientadora)

Dra. Dulce Márcia Cruz

Dra. Iracema Munarim (UFSC – Examinador)

Dra. Juliane di Paula Queiroz Odicino (UDESC – Examinador)

Dr. João Josué da Silva Filho (UFSC – Suplente)

Florianópolis/Santa Catarina

Fevereiro/2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e ao mestre Jesus por me darem força, e luz, pela oportunidade a vida, por restaurarem a minha saúde para que eu pudesse com determinação seguir todos os meus sonhos.

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar desde pequenininha, e com todo o amor me motivavam todos os dias para que eu alcançasse todos os meus objetivos.

Aos meus irmãos Thiago e Thaiana por me compreenderem que muitas vezes eu precisava do apoio deles e do silêncio no lar para que eu pudesse me concentrar melhor nos estudos.

Ao meu noivo Gustavo e mesmo a distância me incentiva todos os dias a buscar sempre novos caminhos e não desistir jamais, embora algumas vezes o cansaço do trabalho e dos estudos por alguns instantes me abatesse.

Aos (as) parceiros (as) de trabalho do NEI São João Batista, que no transcorrer desta pesquisa foram tão compreensivos (as) auxiliando-me em algumas tarefas, para que eu pudesse me dedicar mais aos estudos. Destaco especialmente as profissionais que atuaram diretamente comigo com nossos grupos de crianças e se tornaram mais do que parceiras de trabalho, parceiras para a vida.

As 95 crianças com as quais atuei durante o tempo da pesquisa. Primeiramente s 15 crianças as quais atuava como professora e ao ser aprovada no mestrado e com o ganho da bolsa de estudos tive que deixá-las às pressas. E as 80 crianças as quais atuei nestes dois anos no NEI São João Batista, que me ajudaram tanto a pensar nas práticas diante das crianças tão pequenas na educação infantil.

As crianças da “Creche Monte Cristo”, e em especial as crianças do G6 que foram participantes na pesquisa. A verdade é que elas foram as protagonistas e essenciais para a realização da pesquisa empírica e conseqüentemente poderemos analisar todo o contexto e as reflexões que buscamos fomentar aqui.

As profissionais da Creche Monte Cristo que me receberam tão bem, principalmente aquelas que atuavam com o grupo G6. Elas foram maravilhosas e o auxílio delas foi fundamental.

A professora Gilka Girardello, mais do que orientar-me a pesquisa foi um anjo que eu tive a oportunidade de conviver e aprender tanto com ela. Me acalantou em tantos momentos... será para sempre especial para mim.

Aos componentes da banca examinadora professores (as) Dulce, Iracema, Josué e Juliane por contribuírem tanto com meu trabalho. O professor Josué por aceitar o convite. A Iracema e a Juliane por quem tenho carinho muito especial e foram essenciais para que eu continuasse meus estudos desde a especialização e com carinho me acompanham nesta trajetória. A professora Dulce pelas contribuições nas aulas c , disciplina frequentei.

Enfim, muito obrigada a cada pessoa que faz parte de minha trajetória de vida e acadêmica e que compartilhou comigo um pouco de si, pois é neste processo, na convivência e aprendizagem com os outros indivíduos que nos constituímos.

## RESUMO

Este trabalho tem como foco as relações que as crianças estabelecem com os conteúdos para adultos - aqueles não destinados especificamente a elas - a partir do que assistem na televisão. Buscamos compreender como elas recebem tais produções, identificando elementos capazes de contribuir para as mediações pedagógicas e para a qualificação do cotidiano cultural e do imaginário das crianças. A dissertação tem como principais referenciais teórico-metodológicos os trabalhos de autores que refletem sobre a pesquisa com crianças, como Buckingham (2007), Martins Filho e Barbosa (2010); e Pereira (2010, 2015), além de trabalhos sobre recepção infantil de televisão, entre eles os de Hodge e Tripp (1986), Fischer (2001), Duarte (2008) e os do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (CED/UFSC), como Girardello e Orofino (2002), Fantin (2009), Munarim (2007), Biegging (2011) e Soler (2015). Em sua dimensão empírica, a pesquisa envolveu brincadeiras, diálogos e demais interações com uma turma de uma instituição pública de Educação Infantil, em uma comunidade situada na periferia de Florianópolis. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que incluiu um estudo de caso junto ao grupo de 25 crianças do G6, com idades de 5 a 6 anos. Conforme evidenciado na pesquisa, observou-se que elas assistem diariamente tanto a programas infantis como a programas endereçados ao público adulto e considerados inadequados para sua idade pelos critérios da Classificação Indicativa brasileira. Faz parte desse cenário o fato de que atualmente a programação televisiva nas emissoras abertas no Brasil oferece alternativas cada vez mais raras de programas especificamente destinados às crianças, o que exige uma atenção urgente da sociedade, para que possam ser garantidos os direitos da criança a proteção, provisão e participação em sua relação com as mídias, bem como às mediações educativas a essa recepção.

Palavras-chave: televisão - crianças - recepção - pesquisa - conteúdos para adultos

## **ABSTRACT**

This dissertation focuses on the connection children establish with adult content – those contents which are not specifically intended for them – based on what they watch on television. Our proposal was to understand how they receive such productions, identifying elements capable of contributing to pedagogical mediations and to the qualification of children's cultural everyday life and their imagination. The main theoretical and methodological references are the works of writers who reflect on research with children, such as Buckingham (2007), Martins Filho and Barbosa (2010); and Pereira (2010, 2015), as well as works on children's television reception, such as Hodge and Tripp (1986), Fischer (2001), Duarte (2008) and those from the Center for Childhood, Communication, Culture and Art (CED / UFSC) such as Girardello and Orofino (2002), Fantin (2009), Munarim (2007), Bieging (2011) and Soler (2015). In its empirical dimension, the research involved games, dialogues and other interactions with a group of a public institution of Early Childhood Education, in a community located in the periphery of Florianópolis. The work is characterized as a qualitative research, which included a case study with a group of 25 G6 children, ages 5 to 6. As evidenced by the research, it was observed that they watch, daily, both children's programs and some adult content which is considered inadequate for their age by the Brazilian Indicative Classification criteria. Part of this scenario is the fact that, currently, FTA television programming on Brazilian broadcasters offers increasingly rare alternatives to programs specifically aimed at children, which requires urgent attention from society, so that the children's rights to provision and participation in their relation with the media, as well as that alternatives to educational mediations to this reception can be assured.

**Keywords:** television - children - reception - research - adult content



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	35
INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA E PESQUISA COM CRIANÇAS.....	35
1.1. Sobre os conceitos de criança e infância na cultura e na sociedade.....	35
1.2. Pesquisar com crianças pequenas: aspectos teórico-metodológicos.....	43
1.2.1 A criança como participante da pesquisa.....	46
1.2.2. A responsividade na pesquisa com crianças pequenas.....	51
CAPÍTULO II.....	57
ESTUDANDO AS RELAÇÕES ENTRE A CRIANÇA E A TELEVISÃO.....	57
2.1. A recepção da TV pelo olhar das crianças.....	65
2.2. Programas de televisão e audiência infantil.....	71
2.3. Conteúdos para adultos assistidos pelas crianças.....	85
2.4. Crianças, televisão e produção cultural.....	89
CAPÍTULO III.....	97
PESQUISA DE CAMPO: COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS.....	97
3.1. Planejando a entrada no campo da pesquisa.....	98
3.2. Na "Creche Monte Cristo" .....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
REFERÊNCIAS.....	189
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	195
ANEXOS.....	199

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretendeu analisar as relações entre o brincar e a presença das mídias na vida de um grupo de crianças, observadas em suas vivências no âmbito da educação infantil. O foco da pesquisa foi discutir algumas questões pertinentes aos conteúdos para adultos que as crianças assistem na televisão e que se mostram presentes nas experiências das crianças. Quisemos examinar como as mídias se refletem na forma como estão se constituindo as brincadeiras das crianças atualmente, e ainda de que modo podemos observar essas relações dentro dos espaços de educação infantil. Esperamos que a pesquisa possa trazer contribuições para a educação, e sobre as reflexões a respeito do que a televisão comercial oferece hoje às crianças pequenas, principalmente aquelas de comunidades onde as famílias têm menor poder aquisitivo, e por isso assistem na grande maioria das vezes apenas a programação disponível nos canais abertos de televisão.

O que me instigou a realizar a pesquisa foram as inquietações presentes em minha própria prática docente, como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis. Parti assim para a pesquisa em uma Creche na mesma Rede de Educação em que atuo, porém em uma comunidade diferente. E o fato de as crianças nos trazerem constantemente elementos "do universo adulto", nos momentos das brincadeiras e em suas falas nos momentos da roda, muitas vezes emendados à frase "eu vi na televisão", me incitou a investigar essas relações.

A fim de introduzir o tema da pesquisa, vou situar a seguir as noções gerais sobre infância e brincadeira que são referência do trabalho pedagógico na rede pública de ensino de Florianópolis, e depois

apresentar aspectos gerais da problemática criança-televisão. A seguir, ainda nesta mesma introdução, vou expor a justificativa e os objetivos do trabalho, bem como os aspectos gerais da metodologia.

A proposta norteadora da prática pedagógica no município tem como eixo principal o brincar, visto que, na perspectiva vigotskiana que a embasa, a brincadeira é a atividade central no cotidiano das crianças: “Através da brincadeira a criança expressa seu modo de ver e interpretar o mundo, e a partir de suas vivências e experiências ela se apropria e ressignifica suas aprendizagens sociais” (SOUZA, 2014, p.7). De acordo com o Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015), a brincadeira desempenha também o papel de estruturador e estruturante em meio às propostas neste âmbito. Prestes (2008) trata a brincadeira de faz-de-conta como “uma das atividades-guias da criança”, o que não implica que seja a atividade única exercida pela criança. É entendida como guia porque em determinadas faixas etárias e períodos do desenvolvimento, é responsável por guiar o desenvolvimento psicológico da criança, “gerando neoformações”. Neste sentido, a atividade-guia na infância não exige tempo e lugares pré-estabelecidos e determinados, pois eles são criados e regulados pela própria criança (p.11).

Dentro da teoria sociocultural que norteia o trabalho pedagógico da Rede Municipal de Florianópolis, acredita-se que o brincar não é inato, ou seja, a criança não nasce sabendo brincar, ao contrário disso, é imersa na cultura e no meio social que ela aprende a brincar e interagir com os pares. Um exemplo disso: ao disponibilizarmos a uma criança de 1 ano e 6 meses uma caixa de blocos de encaixar, considerando que ela nunca tenha visto tais objetos, não saberá que deve encaixar os blocos uns nos

outros, e, pela faixa etária, provavelmente sua primeira reação será colocar o bloco na boca. Outro exemplo são as brincadeiras de faz-de-conta onde as crianças representam papéis sociais, como por exemplo, o papel de mamãe, exercendo as funções que observam a mãe fazendo; ou também quando a criança interpreta e reproduz o papel da professora, muitas vezes reproduzindo as mesmas falas que escuta dela. Essas brincadeiras acontecem a partir das interações das crianças, do que elas observam do mundo adulto e de tudo que as circunda.

Enquanto professores, seguimos tais propostas, pois acreditamos de fato que é principalmente por meio da brincadeira que a criança aprende e por isso ela se desenvolve, tal qual propõe a teoria de Vigotski. Neste sentido procuramos elaborar atividades em que as crianças aprendam de modo prazeroso, por meio do brincar. Entretanto, percebemos também que, ainda que as crianças sintam prazer em realizar as atividades planejadas e fiquem ansiosas por estes momentos, é notória a alegria e entusiasmo delas toda vez que as convidamos para brincar no parque, ou com os brinquedos na sala “de modo livre”.

É evidente que o (a) professor (a) pode planejar atividades de faz-de-conta e muitas outras para as crianças nesses momentos. Quando pretendemos conhecer melhor as crianças, porém, é por meio das brincadeiras espontâneas em que elas se envolvem que melhor temos condições de observar como cada criança enxerga o mundo, assim como suas experiências e vivências fora do espaço de educação infantil. Vamos entender aqui a brincadeira espontânea da criança como uma “janela da alma”, onde ela brinca, cria suas regras, transgride espaços, onde ela escolhe ser quem ela quer, na brincadeira de faz-de-conta. Nessa “janela da alma” as crianças se permitem ser crianças, vivenciando a infância sem

a interferência direta do adulto. Como professores e pesquisadores somos privilegiados por estarmos inseridos no cenário da educação infantil, a observar toda a riqueza de repertórios (falas, gestos, ressignificação de acontecimentos e ações do mundo adulto) que as crianças nos trazem todos os dias, e assim buscando compreender um pouco melhor a nossa sociedade e a cultura em que também nossas crianças estão inseridas.

Sabemos que o brincar está ligado à aprendizagem da criança, sempre inserido em uma cultura, um espaço e um tempo. Sabemos também que as vivências e experiências que as crianças têm são ressignificadas por elas em suas brincadeiras. Ou seja, tudo o que vivenciam nos diversos espaços, como lar, escola, rua - neste último caso cada vez em menor proporção, como já observou Perrotti (1991) - elas nos mostram por meio dessa “janela da alma”. Nas brincadeiras as crianças reproduzem criativamente a fala e as atitudes dos pais, das demais pessoas que fazem parte de seu cotidiano e assim também as de personagens vistos na televisão. Isso demonstra que as crianças não estão inertes diante da rotina do lar e dos demais espaços de seu cotidiano; ao contrário disso, elas observam, participam e interpretam processos, e o resultado dessa interpretação percebemos nas brincadeiras, especialmente naquelas que chamamos de faz-de-conta.

Entendendo a brincadeira de faz-de-conta como resultado das observações das crianças em relação ao mundo adulto, Wiliam A. Corsaro (2002) pondera sobre “o processo de reprodução interpretativa através da análise do brincar de faz-de-conta sociodramático das crianças com idades pré-escolares” (p.115). O brincar sociodramático referido pelo autor é aquele em que as crianças produzem de modo colaborativo o faz-de-conta, a partir de experiências que se fazem presentes em suas vidas

reais, como por exemplo rotinas familiares, “por oposição aos jogos e fantasias baseados em narrativas de ficção” (Corsaro, 1985, p.115). O mesmo autor preocupa-se com uma questão em especial:

“como é que as crianças relacionam ou articulam as características locais do desenrolar do brincar ao “faz-de-conta” com as suas concepções do mundo adulto”. Esta articulação permite às crianças apropriarem-se de aspectos da cultura dos adultos que depois usam, refinam e expandem (CORSARO, 2002 p.118).

Na pesquisa realizada no ano de 2014,<sup>1</sup> pela qual iniciamos os nossos estudos sobre as relações das crianças com os conteúdos da TV e suas ressignificações nas brincadeiras, fizemos a seguinte síntese sobre o processo de reprodução interpretativa, na visão de Corsaro (2002), ao falar do brincar ligado ao faz-de-conta:

Dentro dessa perspectiva as crianças brincam a partir daquilo que elas observam e vivenciam, e a reprodução de papéis sociais é algo bastante presente nas brincadeiras infantis. Ao brincar de casinha, exercendo o papel de mãe, a criança traz aquilo que ela percebe da vida adulta, neste caso a mãe, e reproduz como ela comporta-se, suas ações, suas falas, etc. Sendo assim, na brincadeira existem regras que as crianças próprias criam ou se apropriam já que para exercerem o papel de mãe implica certas regras sociais. Considerando a apropriação das crianças diante das observações delas diante do mundo adulto, ressignificando-as em suas brincadeiras a partir das reproduções de papéis sociais, existem outros estímulos que estão em proporções cada vez mais perceptíveis na rotina de adultos e crianças: a presença das mídias, tais

---

<sup>1</sup> Monografia de conclusão de curso de pós-graduação em nível de especialização em Docência na Educação Infantil NDI/UFSC/MEC intitulada: “A relação entre as mídias e as brincadeiras das crianças”, com orientação de Iracema Munarim. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130400>

como internet, rádio, jornais, revistas, outdoors e especialmente a TV (SOUZA, 2014, p.7).

Os roteiros de brincadeiras vêm se modificando com o passar do tempo: na mesma medida em que a sociedade muda, esses roteiros também se modificam. E o advento dos aparatos tecnológicos digitais no cotidiano das crianças contribui também nesse processo de mudanças e ressignificações da experiência do brincar das crianças. Destacamos aqui os apelos da mídia no contexto do mercado de consumo<sup>2</sup>, persuadindo os telespectadores infantis a partir de produtos, personagens ou figuras em destaque na televisão. Um exemplo é um grupo de meninas com quem atuei (e que à frente vamos abordar mais detalhadamente), que passaram a se vestir do mesmo modo que a cantora Anitta, levantando a blusa para cima, como se fosse uma espécie de "top". Geralmente isto acontecia no momento da brincadeira de papeis em que elas interpretavam a cantora vista na televisão. Poderíamos aqui citar outros tantos produtos midiáticos que são criados em sua gênese para o público adulto, mas que acabam atraindo também o público infantil.

Muitas pesquisas apontam que as crianças assistem TV em proporções cada vez maiores. Segundo Rosália Duarte (2008) a sociedade brasileira é uma das mais audiovisuais do mundo, sendo que em torno de 98% dos lares no Brasil têm disponíveis ao menos um aparelho de televisão (p.17). Segundo dados mais atuais, como os obtidos pela *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015* (BRASIL, 2014), 75% da população brasileira assistem a televisão todos os dias da semana, e 72% dos que

---

<sup>2</sup> Ver mais em: Buckingham, David. Repensando a criança-consumidora: novas práticas, novos paradigmas. In: Educação, mídia e consumo. São Paulo, ano 9, vol. 9, n. 25, agosto, 2012.

assistem o fazem via televisão aberta. Embora essa pesquisa não se refira especificamente à audiência infantil, ela informa que 49% das pessoas que veem TV o fazem durante as refeições, o que sugere que muitas crianças estejam também assistindo. Já o *Painel Nacional de Televisão*, do IBOPE Media<sup>3</sup>, registrou que em 2014 o tempo médio por dia de exposição a TV de crianças e adolescentes foi de 5h35min, o que representa um aumento de quase uma hora diária desde 2004. Dados semelhantes vêm sendo reiterados por muitas outras pesquisas brasileiras recentes, como a de Taísa Ribeiro (2016), realizada com 467 crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que mostrou que 75% delas assistem a no mínimo 3 horas de televisão por dia. Neste sentido as crianças inseridas em uma cultura e em um lar onde convivem com várias pessoas no âmbito familiar, não escapam aos olhares da ‘telinha’, e assim muitas vezes assistem a programas que não são destinados a elas, que não são endereçados a elas e que não levam em conta as especificidades do público infantil.

Destacamos que o público desta pesquisa são crianças, especificamente que frequentam a educação infantil com idades entre 5 a 6 anos de idade e que residem em uma periferia do município de Florianópolis. E porquê da escolha desse público? Nos debruçamos a investigar quais tipos de conteúdos televisivos as crianças com pouco poder aquisitivo assistem, e é válido ressaltar que no contexto dessa e de outras comunidades carentes, o acesso as diferentes manifestações culturais acontecem muitas das vezes pela TV aberta (canais que não são por assinatura). Sabemos que nos canais por assinatura existem uma

---

<sup>3</sup> <http://www.etc.com.br/infantil/para-pais/2015/06/tempo-de-criancas-e-adolescentes-assistindo-tv-aumenta-em-10-anos>



diversidade de programas para adultos e crianças, e canais específicos com enfoque no público infantil que é o caso do canal Cartoon Network.

As crianças estão inseridas no segmento mais significativo de espectadores de televisão. Estimativas realizadas pelo IBOPE apontam que espectadores de 8 a 14 anos representam o maior percentual do público das telenovelas, inclusive as que são exibidas em horário nobre, e que de modo geral são classificadas como programas impróprios para esta faixa etária. Alguns canais são primordialmente pensados com enfoque no público infantil, como *Cartoon Network*, *Fox Kids*, *Discovery Kids*, *Disney Chanel* e *Nickelodeon*, dentre outros. Sua programação destina-se a atender, sobretudo, o “gosto” infantil durante vinte e quatro horas por dia (DUARTE, 2008). Estes canais de televisão, porém, contemplam apenas assinantes de seus serviços. Na TV aberta, à qual a maioria da população tem acesso, o caso é diferente, como veremos.

“Desde a primeira década do século 21, as notícias sobre programação infantil tratavam de sua redução nas principais emissoras de televisão aberta do Brasil. Em 2012, um espaço tradicional da TV Globo foi retirado do ar durante a semana e ficou restrito aos sábados” (CARNEIRO, 2015 s/p). As crianças assim perderam espaço na programação da emissora, que anos antes exibia programas infantis como *TV Globinho*, *Xou da Xuxa*, *Vila Sésamo* e *Sítio do Pica-pau Amarelo*. À medida que foi-se retirando a programação infantil da rede aberta, ela foi ficando cada vez mais restrita aos canais de TV por assinatura (CARNEIRO, 2015).

Observamos que a audiência dos canais infantis de TV por assinatura vem subindo expressivamente. No ano de 2016, por exemplo, o canal pago com segunda maior audiência no Brasil foi o *Discovery Kids*,

seguido pelo também infantil *Cartoon Network*, em terceiro lugar. (O primeiro foi o *Sport TV*) Além disso, sempre de acordo com dados do IBOPE<sup>4</sup>, o canal pago que teve um maior salto de audiência, entre todos, foi o infantil *Gloob*, que saiu da 28ª colocação para a 16ª. Esses dados ajudam a situar a gravidade da ausência de programas para crianças nos canais abertos, pois sugerem que as crianças, *quando têm oferta e acesso*, assistem aos programas infantis, mas esses são dados que mais à frente traremos a partir da pesquisa em campo por meio da fala das próprias crianças. Os dados também podem ajudar a relativizar a ideia muitas vezes presente no senso comum de que as crianças assistem programas para adultos porque os preferem, em relação aos infantis.

As gerações de crianças nascidas nas décadas entre 1970 e 2000 ainda contaram com o privilégio de ter acesso a programas infantis na TV aberta. Não vamos neste momento discutir gostos e critérios de qualidade, mas é importante observar que naquelas décadas havia programação destinada ao público infantil, em TVs abertas como as emissoras Rede Globo, SBT, TV Cultura dentre outras, o que era especialmente importante para as classes mais populares, que não têm acesso as TVs por assinatura. Pessoas que cresceram naquele período, como eu, não podem deixar de lembrar do *Sítio do Picapau Amarelo* e seus personagens mágicos, exibido pela Rede Globo de (1977-1986), depois uma nova versão (2001 a 2007). Através da mesma emissora, assistimos a programas de auditório voltados ao público infantil, como: *Xou da Xuxa* (1986-1994), *TV Colosso* (1993-1997) (um programa apresentado por bonecos-cachorros, que exibia desenhos animados), *Angel Mix* (1996-

---

<sup>4</sup> Ver reportagem "Na TV paga, jornalismo e infantil crescem em 2016, de Gabriela Sá Pessoa, Folha de São Paulo, 4/1/2017.

2000) com a atrapalhada fada Bela, representada pela apresentadora Angélica; *Os Trapalhões* (1977-1993) enquanto programa representados pelos comediantes Didi Mocó, Dedé Santana, Mussum e Zacarias e cuja classificação indicativa é livre tanto para os filmes quanto para os programas. Na emissora SBT, o programa *Bom dia e Cia* (1993) que já foi apresentado por Eliana e por muitos outros apresentadores, atualmente é exibido sem apresentadores, e nos dias atuais a programação destina-se as crianças, que exhibe desenhos animados; *Show Maravilha* (1996-1997) com Mara Maravilha, que iniciou na emissora Record e posteriormente foi para o SBT; ‘*Bozo*’ (1980-2013) o palhaço vivido por diversos artistas, que teve início da TV americana e depois veio a fazer sucesso nessa emissora e no Brasil; a novela infantil ‘*Carrossel*’, que no contexto brasileiro foi produzida de 2012 a 2013, mas que na versão mexicana que muitos de nós assistimos na infância foi transmitida pelo SBT (1991-1992); e *Sérgio Malandro*. Poderia ficar aqui citando muitos dos tantos programas que fizeram parte da infância daqueles que nasceram no período de 1970 a 2000.

Ao mencionarmos a programação infantil na TV aberta, percebemos que aos poucos foram se extinguindo as ofertas, talvez em razão de já não atenderem aos interesses econômicos das grandes empresas de produtos destinados as crianças. Segundo a pesquisadora Vânia Quintão Carneiro (2015), a redução da programação infantil na TV aberta brasileira já vinha ocorrendo há vários anos, e conseqüentemente as crianças passaram a assistir mais programas para adultos:

De 2000 a 2005, o tempo de programação destinada às audiências infantis nas três principais emissoras brasileira se reduziu aproximadamente à metade. Uma das conseqüências observadas foi a mudança quanto aos programas preferidos. Os

programas infantis que em 2000 ocupavam o segundo lugar passaram para o terceiro, e as novelas subiram para o segundo lugar. Os desenhos continuaram em primeiro. **As crianças passaram a consumir mais programas para adultos.** Contudo, embora programas de adultos fossem os mais assistidos pelas crianças, tanto pela curiosidade e a atração que exerce o mundo dos adultos, como **pela falta de programas infantis, principalmente no horário nobre quando a maioria está em casa** (CARNEIRO, 2015 s/p, grifos meus).

Na pesquisa realizada no ano de 2005 por Vânia Quintão Carneiro com 424 crianças, estas, quando eram questionadas sobre o programa que mais assistiam, normalmente elas citavam aqueles endereçados ao público adulto, entretanto, “quando perguntadas sobre de que programas mais gostavam, sempre indicaram um programa dirigido a crianças, principalmente desenho” (CARNEIRO, 2015, s/p). Um fato que parece ter sido determinante para que hoje exista uma quase ausência de programas para crianças na TV aberta brasileira foi a aprovação da Resolução 163/2014 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que proíbe a publicidade destinada às crianças:

No dia 4 de abril de 2014 foi publicada no Diário Oficial da União a Resolução 163/2014 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), **que considera abusivo o direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança**, pessoa de até 12 anos de idade, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com a Resolução, fica proibido o direcionamento à criança de anúncios impressos, comerciais televisivos, spots de rádio, banners e sites,

embalagens, promoções, merchandising, ações em shows e apresentações e nos pontos de venda.D<sup>5</sup>

Nesse contexto de mercado, restringem-se cada vez mais as ofertas de programas destinados especificamente às crianças: “Recentemente, uma das poucas emissoras abertas que continua exibindo programação infantil no período da manhã, o SBT, ameaça rever seus planos de investimento em programação infantil” (Jimenez *apud* Carneiro, 2015, s/p). Como essa redução se apresenta enquanto tendência constante, às crianças restam raras opções na programação da TV aberta. Enquanto isso, encontram-se à mercê de programas voltados ao público adulto. “O acesso a novas programações por canais a cabo ainda não atinge o grande público de baixa renda, que busca informação e entretenimento nos circuitos abertos gratuitos” (CARNEIRO, 2015 s/p).

Outro dado do atual contexto brasileiro que agrava ainda mais o quadro foi a decisão do Supremo Tribunal Federal, tomada em 31 de agosto de 2016, de atender ao pedido das emissoras e liberá-las para veicular programas impróprios para crianças e adolescentes em qualquer horário:

O Supremo Tribunal Federal (STF) considerou inconstitucional parte do artigo 254 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que obriga veículos de radiodifusão a transmitirem seu conteúdo de acordo com o horário estabelecido pela classificação indicativa. (...) O julgamento foi finalizado na última quarta-feira (31) com o placar de 7 votos a três 3 pela derrubada da vinculação horária. Os ministros que votaram pela inconstitucionalidade do dispositivo alegaram que o artigo 254 do ECA, que prevê multa para as

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Publicidade-Infantil-é-ilegal.pdf>

emissoras que apresentam programas “em horário diverso do autorizado ou sem aviso de sua classificação”, configura censura prévia e ataca a liberdade de expressão empresarial.<sup>6</sup>

Essa decisão representou um importante retrocesso na proteção dos direitos da criança no Brasil, segundo o pesquisador Renato Godoy, do Instituto Alana, pois com ela “o Estado descumpre um dever constitucional e privilegia interesses econômicos das emissoras em detrimento dos direitos da criança” (idem).

Desta forma percebemos o quanto as crianças acabam cada vez mais sendo telespectadoras de diversos dos programas que não são endereçados a elas. Pretendemos chamar atenção aqui para a importância de que o gosto das crianças deva ser levado em conta, em uma programação que seja própria a sua idade, tal qual defende o *Manual da Nova Classificação Indicativa* (BRASIL, 2006), do qual voltarei a falar mais adiante. Temos que valorizar todas as potencialidades que as crianças têm, como por exemplo a criatividade, o imaginário, considerando que uma gama de possibilidades que a televisão poderia propiciar ampliaria o repertório vivencial das crianças e enriqueceria também os roteiros de suas brincadeiras. A responsabilidade social por isso é expressa assim por Jesús Martín-Barbero, na resenha que fez de uma pesquisa colombiana sobre audiência infantil:

Caracterizar as crianças como audiências significa assumi-las por sua vez como consumidores e como cidadãos, como sujeitos que dedicam muitas horas a ver programas de televisão, e como atores sociais que elaboram com eles representações de si

---

<sup>6</sup>Disponível em: <http://prioridadeabsoluta.org.br/noticias/conteudo-inapropriado-para-criancas-pode-ser-veiculado-a-qualquer-horario-decide-stf/>

mesmos e sobre os outros. (...) Aos criadores de televisão, este estudo faz um chamado a pensar uma televisão para as crianças que não as infantilize, mas que as assuma como sujeitos e cidadãos em construção, dotados de uma especial sensibilidade em relação ao jogo das imagens e dos sons (MARTÍN-BARBERO, 2004, pp. 405-406)

E Martín-Barbero deixa claro que a responsabilidade pela qualidade da programação infantil e pelas mediações adultas ao que as crianças assistem não é apenas da família e da escola, sendo também uma questão mais ampla de política pública:

Por que se temos hoje uma esplêndida e crescente literatura escrita para crianças não podemos contar com uma literatura televisiva para elas? A resposta a essa pergunta se encontra basicamente na ausência de algumas políticas televisivas que estimulem essa literatura. (...) E também o Estado pode e deve exigir dos novos canais privados um mínimo de investimento social no desenvolvimento de uma programação familiar que cuide, não de forma moralista mas culturalmente, da profunda relação entre uma crise da sociedade que afeta a todas as suas instituições e organizações, e uma crise da família que tem na relação das crianças com a televisão um de seus momentos mais delicados e por sua vez promissores (MARTÍN-BARBERO, 2004, pp. 407-408)

Sabemos que esse tema coloca desafios percebidos também pelas famílias. Uma pesquisa realizada em (2004) pela organização não-governamental brasileira *Midiativa*<sup>7</sup> com 30 casais, 60 pais de crianças e jovens de 4 a 17 anos, concluiu quais são as principais características essenciais daquilo que eles consideram como sendo uma "programação

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/premio-midia-q-premio-midia-q-qualidade-natelevisao-para-criancas-e-jovens.html>

televisiva de qualidade" para suas crianças,: Ser atraente; gerar curiosidade e interesse por outras áreas, como esporte, música e cultura; confirmar valores, "respeito ao próximo, solidariedade, princípios éticos"; ter fantasia, "estimular a brincadeira, fazer sonhar"; não ser apelativo ("não banalizar a sexualidade e não usar um vocabulário chulo, não explorar a desgraça alheia e o ridículo, não incentivar o consumismo, não mostrar o consumo de drogas e o comportamento violento como um coisa normal"; gerar identificação, "colocando personagens, temas e situações que tenham a ver com essa geração"; mostrar a realidade; despertar o senso crítico; incentivar a autoestima ("o programa deve respeitar e valorizar as diferenças, não transmitir o preconceito e a discriminação por meio de estereótipos"; e preparar para a vida ("abrir os horizontes, mostrar opções de vida que ajudem o jovem a escolher seu direcionamento").

Espero, assim, ter situado a importância e a atualidade da temática que escolhi abordar na pesquisa. A audiência infantil e os conteúdos para adultos da televisão que as crianças recebem são, assim, o foco que escolhi para este trabalho, apoiada em autores que discutem temas pertinentes à infância contemporânea, à relação da criança com a TV, e à importância de um olhar sensível na pesquisa com crianças pequenas. Nesta pesquisa parto de alguns dos pressupostos teóricos utilizados por colegas do grupo de pesquisa NICA (Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte, UFSC) que me antecederam na realização de trabalhos, como teses de doutorado e dissertações de mestrado que trazem uma abordagem sobre a infância, a criança e televisão, entre elas as teses de Girardello (1998), e as dissertações de Munarim (2007), Bieging (2011) e Soler (2015).



Discorro a seguir sobre aspectos que possam apresentar melhor a **justificativa** de minha pesquisa. O tema do trabalho, como já disse, emergiu das inquietações na minha prática profissional, como professora de Educação Infantil pela Rede Municipal de Florianópolis, no ano de 2013, e especialmente a partir das observações do cotidiano das crianças em uma creche conveniada à Prefeitura Municipal de Florianópolis, localizada na região continental da cidade. Trabalhei alguns anos em outras creches nesta comunidade e pude perceber, nas diferentes faixas etárias com as quais atuei, “as modificações nos roteiros das brincadeiras das crianças e no quanto o conteúdo presente nas mídias têm influenciado essas brincadeiras” (SOUZA, 2014, p. 10). Observava as crianças durante suas brincadeiras espontâneas, vendo como traziam estes conteúdos, nos diversos locais como parque, pátio e dentro da própria sala. Em grande parte das brincadeiras, as crianças interpretavam papéis sociais, como os de artistas e apresentadores de programas de TV, por meio do faz-de-conta.

Naquele mesmo ano de 2013, concomitantemente ao trabalho docente, estava realizando um curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, promovido pelo Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC) subsidiado por uma parceria com o MEC/UFSC, onde tive a oportunidade de iniciar a pesquisa neste âmbito. A pesquisa da Especialização suscitou uma reflexão sobre o mesmo tema que atualmente busquei aprofundar mais nesta pesquisa de mestrado, já que tive a oportunidade de ir a campo e analisar, agora com o olhar de pesquisadora mais aguçado, todas as inquietações que anteriormente já me mobilizavam e que ainda continuam constantes em mim.

A decisão de pesquisar a temática da relação entre criança e televisão surgiu de maneira natural, por meio da minha prática pedagógica como professora, à medida que percebia a presença frequente da TV nos roteiros de brincadeiras e diálogos das crianças. Mas sabia que havia algo guardado dentro de mim que buscava saber a resposta de por que me identifico tanto com este tema. Foi aí então que busquei em minhas reminiscências da infância o quanto eu gostava de programas como novelas, filmes, programas de auditório, muitas vezes classificados como próprios para o público adulto. Percebi que este movimento de buscar minhas memórias da infância foi fundamental, para assim buscar compreender o porquê de as crianças assistirem televisão, e o que de fato mais chama a atenção delas. Sabemos também que as crianças de hoje não são uma categoria homogênea, nem nunca o foram. Diferenças de classe social, cultura, gênero, etc. fazem com que existam de fato muitas diferentes formas de viver a infância, mesmo entre as crianças de uma mesma época e lugar. E tanto as mídias vêm assumindo papéis diferentes e ganhando cada vez mais espaço na vida de adultos e crianças, como os roteiros das brincadeiras infantis também vêm se modificando a partir das experiências das crianças com os conteúdos televisivos.

Continuo atuando como professora de educação infantil, e por isso a inquietação que me levou a refletir sobre o que os conteúdos midiáticos, e especialmente aqueles advindos de programas que não eram endereçados às crianças, só vem aumentando no transcorrer da minha prática. Embora eu não atue como pesquisadora nos grupos nos quais trabalho como educadora, é impossível separar de meu trabalho cotidiano os saberes que vim ampliando com a pesquisa. Desta forma a pesquisa contribuiu também para que a "Thais professora", em meu cotidiano com

as crianças, venha despertando um olhar cada vez mais sensível. Considerando as razões que me moveram a pesquisar tal temática na especialização, dei continuidade a esse estudo no mestrado, e em virtude disso, utilizo aqui parte do que já havia aprendido na pesquisa anterior. A 'professora' não sai de mim no momento em que pesquiso, do mesmo modo que a Thais pesquisadora permanece alerta enquanto estou com meu grupo de alunos.

Os momentos de roda, como os denominamos na educação infantil, são caracterizados por situações em que professores e crianças sentam-se no tapete, normalmente em círculo, para que assim todos possamos nos ver uns aos outros e ali compartilhar histórias, vivências, experiências. É um momento de aprendizado e desenvolvimento tanto para as crianças como também para nós, professores, e é no diálogo com elas, e principalmente nessas ocasiões, que a criança sente que sua voz ganha mais força, pois estamos todos naquele instante a ouvir o universo de coisas que cada uma tem para falar. Neste sentido, sempre achei os momentos da roda preciosos e delicados para a discussão sobre muitos assuntos que aguçavam a curiosidade das crianças, e percebia que o assunto do interesse delas muitas vezes estava associado à expressão "eu vi na televisão". Ou então, eu percebia que mesmo que elas não mencionassem a televisão explicitamente, suas conversas e brincadeiras demonstravam ter embasamento na TV.

Trabalho com crianças da educação infantil desde 2008 e sempre percebi a brincadeira como fonte enriquecedora do modo como a criança vê, interpreta e se expressa em relação ao mundo e tudo que a circunda. Diante de todos esses anos no trabalho pedagógico com crianças pequenas, observo o quanto estas trazem para o universo da educação

infantil acontecimentos e linguagens (orais, corporais, visuais, musicais...) que são utilizados e ressignificados por elas nos roteiros de suas brincadeiras.

Nas instituições de educação infantil nas quais trabalhei, muitas vezes observava as crianças pelo parque, pátio ou até mesmo no espaço da sala, em seus momentos de brincadeiras livres onde representavam papéis sociais e figuras em destaque na televisão. Destaco especialmente o ano de 2013, quando atuei com o grupo do G5, que compreende o trabalho com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, e vi que principalmente as meninas apresentavam uma identificação muito grande com a cantora pop Anitta. Deste modo as meninas de todos os grupos (G3, G4 e G5) reuniam-se pelo pátio no parque, preparavam o seu figurino levantando a blusa, enrolando-a numa espécie de top, e cantavam a música 'Show das Poderosas', dançando em ritmo coreografado todos os gestos que a música mencionava. O interessante era também observar que geralmente os meninos ficavam mais "de fora" da brincadeira, olhando a apresentação das meninas. Percebia algumas rodinhas entre os meninos, que brincavam cantando e dançando músicas sertanejas, como "Camaro Amarelo"; e funk, como "Quadrado de oito" etc. Em um momento na roda, por exemplo, as crianças comentaram sobre a programação da TV e emendaram: - "Ô, profe, tu viu o programa da Regina Casé?", querendo saber se eu havia assistido a Valeska Popozuda, cantora funkeira que tinha se apresentado no domingo anterior no programa *Esquenta* da Rede Globo. Em geral as crianças falavam muito deste programa na época. Escrevi sobre isso em meu trabalho final na Especialização:

Como professora, tive a oportunidade de observar diariamente o ritmo da instituição, principalmente os espaços externos da creche como o parque e o pátio, locais onde havia o encontro e a interação de todos os grupos e de todas as faixas etárias que contempla o trabalho desta unidade, com crianças de 1 ano e 6 meses de idade até 5 anos. Durante o ano letivo de 2013, percebi o quanto era forte a presença da música, em especial músicas recorrentes nas mídias, como TV e rádio, na vida escolar daquelas crianças que frequentavam a creche. Pude observar em diversas situações com as crianças de outras turmas, mas principalmente, com o grupo do qual trabalhei, o gosto delas por ritmos como funk, samba, pagode e sertanejo, ritmos que eram cantados por elas em seus momentos de brincadeiras nesses espaços. Esse parece ser um importante dado a ser levado em consideração já que, [...] a comunidade e a própria creche ficam localizadas muito próximas a uma escola de samba de Florianópolis, o que faz com que esses ritmos façam parte da cultura local (SOUZA, 2014, p.10)<sup>8</sup>

Deste modo, consideramos que especialmente nos canais abertos as músicas permeiam a rotina televisiva, e que a muitas delas estão atrelados também diversos valores morais e sociais, sentimentos, que tratam de diversos temas como: amor, justiça, ódio, traição. O que merece atenção crítica é que muitas dessas músicas trazem expressões e termos pejorativos que denigrem a imagem de certos grupos sociais (mulheres, negros, homossexuais etc.), palavrões, xingamentos e outros elementos que incitam ao preconceito, ainda que possam estar nas entrelinhas. Seriam, assim, sobretudo, conteúdos para adultos, ou pelo menos não indicados para crianças. (SOUZA, 2014).

---

<sup>8</sup> Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação em Especialização- UFSC, sob a orientação da Professora Dra. Iracema Munarim no ano de 2014.

Durante esta pesquisa a música estará bastante presente nos roteiros de brincadeiras das crianças, entretanto, embora saibamos a importância da música <sup>9</sup> e que ela faz parte da cultura de cada sociedade, não será aprofundado aqui. Isso, por conta do recorte necessário a pesquisa, mas que buscaremos trazer em forma de discussões a partir daquilo que as crianças possam nos trazer, quanto aos conteúdos musicais.

Transcrevo abaixo o modo como formulei minhas inquietações de pesquisa naquele trabalho anterior, as quais estiveram na origem de meu projeto de dissertação.:

A presença frequente de músicas de conteúdos adultos, com apelos sexuais, nas brincadeiras das crianças levou-me a questionar sobre a presença das mídias na vida dessas crianças. E a preocupação em questão é: O que as crianças aprendem com as informações de cunho adulto e facilmente acessíveis a elas que estão constantemente sendo evidenciadas pelas mídias? Os pais, as famílias conversam com seus filhos ao ligarem a TV ou aparelho de som e que disparam várias informações em forma de música ou outras expressões artísticas e midiáticas? (SOUZA, 2014, p. 10).

Neste sentido, trago aqui uma das inquietações que emergiram em minha prática pedagógica ao mesmo passo que realizava a pesquisa da especialização, questões as quais foram delineando-se. Uma das inquietações naquele momento era quanto as mídias, em proporções cada vez maiores, têm permeado o imaginário das crianças e os seus modos de brincar, fenômeno que tem sido comprovado por inúmeras pesquisas, e

---

<sup>9</sup> Ver mais em: AZOR, Gislene Natera. Música nos anos iniciais do ensino fundamental [dissertação]: perspectivas para os trabalhos em parceria na rede municipal de Florianópolis. Florianópolis, SC, 2010. 286 p.: il.

que me instigou também a escolher o tema desta pesquisa de mestrado e poder aprofundar e trazer um recorte ainda maior no momento atual. Como já observei anteriormente, não só as crianças assistem mais televisão, como a oferta de programas especificamente desenvolvidos para elas é cada vez menor nos canais acessíveis à maioria. Diante desse quadro problemático, debruçei-me a investigar como as crianças interagem com os conteúdos adultos ofertados pelas mídias, em específico os programas de TV, e de que forma podemos perceber a presença desses conteúdos nas suas brincadeiras e demais interações.

O **objetivo geral** do trabalho, então, foi investigar como as crianças pequenas se relacionam com os conteúdos endereçados aos adultos que assistem na televisão. A partir dele, estabeleci também os seguintes **objetivos específicos**: explorar as possibilidades de uma pesquisa com um grupo de crianças da Educação Infantil em uma periferia urbana onde pressupõe-se que grande parte da comunidade tem maior acesso apenas à TV aberta; conhecer melhor a experiência cotidiana de um grupo de crianças com a televisão; identificar de que modo se manifesta a presença dos conteúdos da televisão em um grupo de crianças, especialmente em relação a temas potencialmente problemáticos a que elas têm contato em programas que não são destinados a elas; e, por fim, refletir sobre como as crianças lidam com a esses materiais destinados aos adultos, e sobre o papel da mediação educativa nesse contexto.

Em relação à **estrutura do trabalho**, no **capítulo I** trarei algumas reflexões sobre a infância contemporânea e a pesquisa com crianças, principalmente a partir das contribuições da Sociologia da Infância, para a compreensão do processo de transição das formas de

conceber a criança, que hoje é vista como ser de direitos, e a infância como uma categoria social e histórica. Os principais teóricos nos quais me apoiei para estudar essa temática foram Alan Prout, David Buckingham e Manuel Sarmiento. Ao se tratar de pesquisa com crianças tão pequenas como as que estão na Educação Infantil, com idades entre 0 e 5 anos, destaco ainda no capítulo I. A importância das especificidades metodológicas da pesquisa com crianças pequenas. Entre os autores em quem me baseei, estão Altino Martins Filho e Maria Carmem Barbosa; Clarice Cohn, com uma visão mais antropológica relacionando a infância, a criança e a cultura; e Rita M. Ribes Pereira, que também chama a atenção para as inúmeras especificidades éticas das pesquisas com crianças. Neste mesmo capítulo, Ribes Pereira traz o conceito de “responsividade” de Bakhtin, ao tratar de pesquisas com crianças pequenas, entendendo-o como a ação que o sujeito desenvolve ao responder e responsabilizar-se ao mesmo tempo pelo outro, de modo indissociável.

No **capítulo II**, sobre Criança e TV, a abordagem que trago refere-se à presença frequente da televisão no cotidiano das crianças, com foco no público a quem se endereçam os conteúdos, mensagens e linguagens. Ou seja, a criança inserida em um mesmo lar onde os demais indivíduos assistem televisão, não fica inerte a isso, participa e torna-se também telespectadora desses conteúdos e linguagens. Falo também sobre a recepção da televisão pelo olhar das crianças, discutindo um pouco sobre como as crianças constroem e ressignificam os conteúdos e mensagens que assistem na televisão. As principais autoras em que me apoiei foram Rosália Duarte e Rosa Maria Bueno Fischer. Apresento ainda sobre "Programas de televisão e a audiência infantil" - o problema



já introduzido acima: como no Brasil os programas destinados em sua gênese ao público infantil vêm perdendo cada vez mais espaço, tendo sido praticamente extintos nas emissoras abertas, fazendo com que a grande maioria dos telespectadores, que não têm acesso canais de televisão por assinatura, fiquem praticamente à mercê de uma programação baseada ou em programas voltados "ao público em geral" ou então para jovens e adultos. Desta maneira as crianças, inseridas no mesmo espaço que os adultos, acabam sem opção, assistindo assim a programas não endereçados a elas. No subitem seguinte apresento as relações entre TV, criança e produção cultural, incluindo uma breve abordagem sobre a cultura para/das crianças, sustentada principalmente em João Alegria; Duarte, Migliora e Leite. E neste capítulo trato um pouco sobre a relação entre o imaginário e as brincadeiras, visto que esta é a principal forma pela qual as crianças ressignificam suas experiências e expressam como veem e interpretam o mundo ao seu redor, sendo, portanto, fundamental para se compreender a relação das crianças com a televisão. Neste sentido vemos a televisão tanto como fonte de mensagens e conteúdos que podem ser inspiração positiva para os roteiros de brincadeiras, como podem ser inadequados às crianças pequenas, por diversas razões que examinaremos mais adiante, em processos que também podem ser manifestados na brincadeira infantil. Apresento também um conjunto de referências teóricas sobre o tema abordado: a relação das crianças com os conteúdos adultos na televisão, articuladas pelas práticas e questionamentos que me convocaram enquanto pesquisadora e professora na mesma Rede Municipal na Educação infantil onde teci esta pesquisa de mestrado, ainda que em uma comunidade distinta.

E por fim, para falar um pouco sobre experiência no campo de pesquisa, apresento no **capítulo III** as observações em relação ao um grupo de crianças na Comunidade Monte Cristo e assim tecendo algumas reflexões sobre a pesquisa com crianças pequenas, no contexto de uma unidade de Educação Infantil e também investigando quanto aos programas as crianças assistem, e quais se identificam mais. A partir de diálogos e estratégias metodológicas envolvendo prioritariamente a brincadeira, as crianças demonstram assistir tanto a programas adultos, quanto infantis e a partir desses apontamentos discutimos a importância da programação voltada ao público infantil.

Após as observações e a transcrição dos registros, com base nos referenciais teórico-metodológicos que serão apresentados mais adiante, principalmente no capítulo I, procurei realizar a análise de modo sensível, considerando que a pesquisa havia sido feita com crianças pequenas, entre 5 a 6 anos. Levei em conta a observação de Pereira (2010) de que a etapa da escrita propicia ao pesquisador um exercício de alteridade único e particular, no sentido de que lhe permite olhar de fora e muitas vezes surpreender-se com suas próprias reflexões tecidas, estranhar-se, e ainda descobrir-se. A escrita é o espaço onde suas questões ganham vida, e não apenas um fechamento da pesquisa. É nos rascunhos, nas leituras, no ato de rever, apagar, refazer, ressignificar da escrita que a pesquisa é construída, bem como as relações de alteridade se formalizam.

## CAPÍTULO I

### **INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA E PESQUISA COM CRIANÇAS**

Para discutir as relações das crianças com os conteúdos ofertados pela televisão, é essencial destacar que sabemos que não existe uma única e singular infância, mas, sim, infâncias. Neste sentido o olhar social sobre a infância e a própria criança veio se modificando ao longo da história, e atualmente ele se configura em um conjunto de reflexões bastante influentes na Educação, desenvolvidas principalmente a partir da sociologia da infância, no que vem sendo chamado de Novos Estudos da Infância. Neste capítulo, apresento uma síntese das referências sobre os conceitos de infância e criança que foram importantes pressupostos para minha pesquisa, principalmente a partir dos estudos da Sociologia da Infância, assim como as referências em que mais me baseei para pensar as novas configurações da infância, no contexto das mudanças sociais que acompanharam a introdução das mídias e das novas tecnologias de comunicação no cotidiano das crianças. Apresento ainda neste capítulo uma síntese das referências teórico-metodológicas em que me apoiei sobre a especificidade de se pesquisar crianças, especialmente crianças pequenas.

#### **1.1. Sobre os conceitos de criança e infância na cultura e na sociedade**

No contexto contemporâneo, entende-se que as crianças não estão apenas inseridas no mundo social e na cultura, mas também são produtoras dessa cultura, aprendem por meio da brincadeira e também

produzem novos modos de brincar, a partir de suas vivências e experiências, ressignificando suas ações e também suas brincadeiras. As crianças têm direito a uma participação política e social, no sentido de serem sujeitos ativos nas escolhas e decisões nos espaços onde vivem, a exemplo do lar e da instituição educativa. Hoje temos um novo olhar para as crianças, diferentemente de como eram vistas décadas atrás, como meros adultos em miniatura, ou ainda como um "vir a ser", a partir do que nos ensina a história da infância, principalmente a partir do trabalho de Philippe Ariès (1981). Atualmente percebemos as crianças como indivíduos dotados de muitas potencialidades, como criatividade, criticidade, desejos e vontades, e que não podem ser vistos como seres passivos que apenas reproduzem aquilo que observam. As crianças aprendem na cultura, mas também produzem nela, e imbricados a estas relações é que mencionamos a importância de considerar as culturas infantis como fonte enriquecedora nas práticas de pesquisa com crianças, para que estas sejam mais que observadas, e sobretudo, ouvidas, enxergadas nas condições reais que implicam o seu 'ser criança'.

Pereira (2010) afirma que tem-se buscado ouvir das crianças suas contribuições, no que têm a dizer em relação às suas experiências com a cultura contemporânea, entretanto não valorizamos muitas das experiências e vivências que as crianças nos trazem a partir de temas tais como: trabalho, relação com as mídias, erotização, e outros aspectos da vida classificados como sendo do "mundo do adulto". A literatura no campo nos faz compreender que a criança se constitui na cultura na qual está inserida. Entretanto, precisamos mencionar que não raras vezes deixamos nos levar pela ideia de causalidade e percebemos a criança apenas como fruto da cultura e não como também sua produtora. Um dos

exemplos mencionados por Pereira é a ideia tão difundida de que criança é meramente “influenciada” pelos elementos da cultura (televisão, publicidade, internet). É preciso considerar também que a expressão “influenciada”, vem impregnada da ideia de algo que é ruim e negativo, e nesta proporção a criança assume um lugar de passividade. A mesma passividade que tanto negamos quando evocamos a potencialidade criativa infantil em outros âmbitos (a imaginação, a criação de histórias, o brincar, etc.).

O desenvolvimento dos estudos e pesquisas relacionados às infâncias e à educação das crianças em espaços de educação infantil reflete o próprio avanço das ciências humanas e sociais. Segundo o autor, diante de muitos desafios que já foram superados, faz-se necessário “construir diálogos entre as duas lógicas socializadoras – adultos e crianças”, e de modo muito especial com o anseio de encontrar as crianças em seus diversos modos de falar (MARTINS FILHO e BARBOSA, p.13, 2010).

Manuela Ferreira (*apud* Martins Filho e Barbosa, 2010) “assevera que há necessidade de se conceptualizar uma condição de criança socialmente construída no dia a dia, na experiência de relação direta e implicada com outros – adultos e crianças, em contextos sociais específicos e diversos” (p. 13).

A assunção de critérios e valores próprios de pensar, sentir, dizer, saber e fazer, aprendidos e reproduzidos num quadro de relações sociais em contextos educativos, estável e durável, torna-os patrimônio cultural inerente ao grupo de crianças. Assim, são esses pensares, sentires, dizeres, saberes e fazeres, pela sua gênese, reconhecimento e partilha em atividades cotidianas coletivas que estruturam as culturas infantis (FERREIRA, *apud* MARTINS FILHO e BARBOSA, 2010, p.13).

Entretanto, assim como a concepção de criança e de infância nem sempre foi a mesma que se tem atualmente, faz-se necessário considerar também as diversas infâncias existentes nas diferentes partes do planeta, desta maneira as práticas culturais conseqüentemente são diferentes à medida que as sociedades organizam-se e compreendem as infâncias.

O autor britânico David Buckingham, do campo da Educação, debruçou-se sobre as relações das crianças com as mídias e em muitas de suas obras fala sobre a construção da infância contemporânea. Para Buckingham (2000) “A ideia de que a infância é uma construção social é hoje um lugar-comum na história e na sociologia da infância” (p.19).

O argumento principal aqui é que “a criança” não é vista como uma categoria natural ou de modo universal, regulada meramente por seus fatores biológicos. Nem pode ser considerada algo com sentido fixo. Ao inverso disso, “a infância é variável – histórica, cultural e socialmente variável. As crianças são vistas – veem a si mesmas – de formas muito diversas em diferentes períodos históricos, em diferentes culturas e em diferentes grupos sociais” (idem). Muito além dessas relações, todas essas as que a definem não são fixas. O significado de “infância” está sujeito a um contínuo processo de negociações e lutas, tanto nas relações pessoais, na família e com os amigos quanto no discurso público, nas mídias, e nas políticas públicas.

O sociólogo inglês Alan Prout situa historicamente o desenvolvimento da sociologia da infância, em sua forma contemporânea, a partir das décadas de 1980 a 90. De acordo com Prout (2010) desde meados de 1970 percebia-se uma crise cultural ou ainda representacional da infância. Um indicativo disso são os chamados textos “semiaacadêmicos” e populares que neste período

apontavam um possível “desaparecimento da infância”, como os de Neil Postman. Tais argumentos são fáceis de serem refutados, afirma Prout, mas ainda assim eles contribuíram para que se voltasse um novo olhar para o tema e se percebesse que as ideias antigas em relação a infância já estavam inadequadas, fazendo-se necessária uma mudança no caráter do conceito de infância.

Podemos destacar também a mudança das condições da infância. A ideia de uma infância padrão foi sempre questionável, mas nos anos 1970 e 1980 ficou claro que a experiência da infância estava se fragmentando. A proporção de crianças vivendo em situações familiares “não padrão” já era tão elevada que estas não podiam mais ser vistas como desvios da norma. Além disso, as novas formas de família se diversificaram bastante, e ficou difícil categorizá-las em um esquema rígido com apenas duas ou três variantes (...) (PROUT, 2010, p. 732)

Prout (2010) destaca o problema de que a teoria social moderna jamais havia reservado a atenção necessária à infância. A Sociologia da Infância, diz ele, surge para exercer dupla função: “criar um espaço para a infância no discurso sociológico e encarar a complexidade e ambiguidade da infância como fenômeno contemporâneo e instável (p.733). E enfatiza: "A verdadeira novidade da abordagem está em considerar que as crianças realmente têm uma determinada ação e que cabe ao pesquisador sair a campo e descobri-la" (PROUT, 2010, p.735).

Em relação ao que sugere Prout sobre a pesquisa com crianças, é necessário que o pesquisador desvende cada ação a partir de seu olhar sensível e observador, especialmente as especificidades das crianças, que são muitas. Neste sentido cada criança nos aponta o caminho e nos conduz às descobertas por meio da maneira como interpreta o mundo ao

seu redor. Toda a atenção aos direitos das crianças e a infância que vemos hoje nas pesquisas, são sementinhas plantadas por muitos dos que se engajaram nos estudos acerca da criança e da infância, como é o caso da própria Sociologia da Infância. Mas nem sempre foi assim, e já foram diversos os olhares voltados as crianças no decorrer dos tempos e de determinados períodos históricos.

A criança, como nos ensina a história da infância, era vista antes unicamente como um indivíduo que estaria sendo preparado para outro momento, a fase adulta, ou seja, não se pensava na infância como categoria social e na criança enquanto vivendo o tempo presente. Prout (2010) fala sobre a já conhecida relação dicotômica entre crianças como devires e crianças como seres. A partir de alguns teóricos da nova Sociologia da Infância, tal relação foi construída na forma de oposição, reafirmada com insistência e de modo dogmático, negando assim a possibilidade de considerar as crianças como seres e ao mesmo tempo devires.

Nick Lee (*apud* Prout, 2010) defende que a Sociologia da Infância deve reconhecer de modo equivalente ao ser e o devir. Primeiramente o autor preconiza que mesmo que a relação de oposição tivesse alguma representação do ponto de vista das sociedades modernas, tornou-se insustentável em face das mudanças recentes no trabalho e na família. Percebeu-se o cunho inacabado da vida dos adultos que se tornou tão visível quanto o das crianças. Neste sentido, adultos e crianças podem ser vistos como devires, respeitando seus estatutos como seres ou pessoas. Depois, ao identificar as crianças como seres “de direito próprio” (p.737), a nova Sociologia da Infância arrisca-se a transformar o mito do indivíduo autônomo e independente, como se houvesse tal possibilidade



de "ser humano sem fazer parte de uma complexa rede de interdependências." (p.737) Segundo Prout, Nick Lee critica ainda "a nova Sociologia da Infância por se basear unilateralmente na ideia de crianças como seres". "Tanto crianças como adultos deveriam ser vistos através de uma multiplicidade de devires, nos quais todos são incompletos e dependentes" (Idem).

Para o sociólogo Manuel Sarmiento (2002), "o conceito de culturas da infância tem vindo a ser estabelecido consistentemente pela Sociologia da Infância como um elemento distintivo da categoria geracional"(Sarmiento, 2002, p.3). Desta forma, segundo o autor, compreende-se nessa concepção a capacidade que as crianças têm de constituírem de maneira sistematizada significações do mundo e ações exercidas intencionalmente, diferente em relação às significações construídas pelos adultos bem como suas ações (SARMENTO, 2002).

Segundo Sarmiento (2002) "as culturas da infância são tão antigas quanto a infância" (p.4) e são assim resultantes do processo de construção da infância na sociedade contemporânea. "A diferença geracional é, assim, historicamente construída, com efeitos na evolução do estatuto social e das representações sociais sobre as crianças" (p.4) Para o autor:

Ao dizermos isto, recusamos uma concepção ontogénica das culturas infantis e afastamo-nos de uma perspectiva que "naturaliza" os modos de percepção, representação e significação do mundo pelas crianças, gerado a partir das características desenvolvimentais específicas e realizadas no vazio social. Ao invés, as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as

possibilidades das interações das crianças entre si e com outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e nas suas complexidades (SARMENTO, 2002, p.4)

A partir das contribuições desses autores e também dos pressupostos teóricos apresentados por Buckingham, podemos dizer que à medida que a sociedade se modifica, as infâncias também passam por transformações, inclusive provocadas pela maior presença das tecnologias, a exemplo da TV. Assim as infâncias vão também se corporificando em seus modos de ser, de constituir-se e de agir.

Novas formas de infância emergem quando são criados novos espaços de conexões em rede, entre crianças e tecnologias a exemplo da TV e a internet. Essas novas redes podem se sobrepor e coexistir com outras mais antigas, da mesma forma que podem conflitar com elas. Uma questão-chave destacada aqui “é saber que rede produz uma forma particular de infância ou de criança” (PROUT, 2010, p.742).

Da mesma forma que as pessoas, “as mobilidades transnacionais envolvem fluxos de produtos de informações, valores, imagens com as quais algumas crianças são capazes de interagir rotineiramente” (Prout, 2010, p. 743). Estudiosos da mídia como David Buckingham criticaram os novos Estudos Sociais da Infância, e o fizeram com razão, na opinião de Prout, por desconsiderarem esse aspecto da vida das crianças. Com a visão de um olhar mais global, “a cultura da infância e da juventude está se tornando cada vez mais homogênea” (PROUT, 2010, p.743).

Lucia Rabello de Castro, por sua vez, considera que o consumo é uma das raras mudanças históricas que influenciam de algum modo a participação das crianças na vida social: “o que se observa é que, de maneira significativa, a cultura de consumo promoveu alguns deslocamentos na situação social da criança, mas disso não decorreu um descentramento da sua posição de sujeito tutelado, menorizado e que não pode falar por si” (*apud* Pereira, 2015, p.59). Castro acrescenta que este “novo” espaço que atualmente envolve as crianças dentro da cultura de consumo trata-se de um lugar profundamente paradoxal, pois ao mesmo tempo que ela é participante, é também objeto dessa cultura. Ou seja, dentro desta lógica, “elas continuam referidas ao discurso dominante do adulto, sem que se constituam como centros potenciais de enunciação” (p.59).

Neste sentido, perceber as infâncias de hoje envolve também a compreensão do modo como as crianças estão interagindo com as diversas tecnologias e, no caso de nossa pesquisa, principalmente com a TV, objeto tecnológico e cultural presente no lar da grande maioria das famílias que vivem na organização político-econômica da sociedade capitalista. Vamos retomar o tema da relação entre as crianças e a televisão com mais detalhe no capítulo II.

## **1.2. Pesquisar com crianças pequenas: aspectos teórico-metodológicos**

Acreditamos que ao realizar pesquisa com crianças, principalmente na educação infantil com crianças tão pequenas, em idades que compreendem de 0 a 5 anos, é necessário também que tenhamos um olhar mais sensível diante das especificidades desses sujeitos.

Destacamos a singularidade da pesquisa com crianças, visto que é de suma importância dialogar com elas e suas próprias produções, quando se tem a infância como enfoque de estudo. A experiência da pesquisa difere de outras vivenciadas no diálogo com outros interlocutores, temas ou contextos. Na mesma proporção, compreendemos os temas estudados como permeando os campos da infância e da cultura contemporânea, no sentido de que suscitam debates diversos daqueles promovidos por outras temáticas, e a ação de pensar relacionada à experiência infantil ganha maior especificidade por meio do discurso produzido (PEREIRA, 2010).

Ao se referirem à construção histórica acerca da infância e ao modo de tornar as crianças sujeitos protagonistas dentro do processo de pesquisa, Martins Filho e Barbosa (2010) salientam "a necessidade de se desenvolver pesquisas que investiguem quem são as crianças, no sentido de conhecê-las melhor" (p.9). Os pressupostos considerados aqui vão muito além de uma mera "concepção descritiva sobre o desenvolvimento infantil, a qual se dá por etapas ou fases humanas, ou ainda, da ideia que compreende as crianças como simples sujeito a ser investigado, analisado ou interrogado" (p.9-10). Neste sentido, emerge do contexto das pesquisas educacionais um tratamento de cunho científico às crianças pequenas, rompendo assim "com o esquecimento que as envolveu (ou envolve) na construção da história da própria infância" (p. 10).

Pensamos em destacar o protagonismo infantil, assim como defendem os autores, no sentido de conhecer as crianças em suas especificidades, e imersos no mesmo contexto que elas, conseguimos compreendê-las melhor em suas vontades, desejos, curiosidades e olhares.

Sabemos que colocar em prática a ideia do protagonismo infantil não é atividade fácil, e quem exerce a função de professor sabe o desafio que é atender a 25 crianças, cada uma com suas vontades, desejos, opiniões, criatividade. Mas trabalha-se incessantemente para que isso aconteça, tanto no campo da pesquisa como na prática pedagógica docente. Em que momentos percebemos que nossas crianças são protagonistas nos espaços em que elas convivem, sejam domésticos ou escolares? Nos momentos das atividades planejadas e/ou dirigidas? Nas brincadeiras livres? Esse é um questionamento que me faço todos os dias antes de entrar na sala de aula e que me inquietou também ao me aproximar do campo de pesquisa.

No que concerne à participação ativa das crianças nas pesquisas, Martins Filho e Barbosa (2010) destacam que além da importância de tal participação é relevante também uma “consciência político, pedagógica e teórico-metodológica em relação ao mundo social e cultural das crianças” (p.10), especialmente ao tratar-se da elaboração de princípios para a constituição das crianças enquanto “sujeitos sociais ativos” (p.10), dando início assim a um projeto educacional e com diferentes práticas metodológicas que atendam os desejos e necessidades das crianças. Deste modo, propõem os autores, fica fortalecida a ideia das crianças como efetivos “atores sociais e sujeitos ativos nas investigações” como participantes diretos durante a coleta de dados nas pesquisas. É muito importante propiciar a participação ativa das crianças durante a pesquisa, assim como o papel em evidência que devem assumir, visto que elas são os nossos sujeitos em investigação. Diante de situações em que as crianças se sentem ouvidas, atendidas em seus anseios e necessidades,

colocadas em foco por meio do olhar e da fala das próprias crianças, a pesquisa ganha maior significado, para todos os participantes.

Ainda no que se refere às pesquisas com crianças, Martins Filho e Barbosa (2010) destacam “a importância de desenvolvermos um olhar e uma escuta atenta e sensível em um diálogo coletivo” (p.11). Eles propõem que olhemos as crianças com uma “lente de aumento”, como forma de aproximação de suas vozes, ações, reações, manifestações e relações. Essa lente de aumento nos propicia, segundo os autores, ultrapassar as barreiras que isolam a criança do mundo adulto, "um muro firme que tem bases sólidas, pois foi construído ao longo da história da humanidade", ainda que possa ser rompido (idem).

### **1.2.1 A criança como participante da pesquisa**

Percebemos como imprescindível o processo de ouvir e garantir que seja ouvida a voz da criança, visto que sua participação tanto na pesquisa quanto no mundo social é de fundamental importância. Torna-se inconcebível realizar uma pesquisa com crianças sem considerar plenamente o que elas pensam e sentem.

Segundo Martins Filho e Barbosa (2010) a preocupação em desenvolver metodologias que conduzam o adulto a escutar o ponto de vista das crianças é algo recente entre os pesquisadores. Dentro desta perspectiva, os autores destacam que a ação de atribuir ao adulto um posicionamento capaz de “captar das próprias crianças as peculiaridades e especificidades do mundo social da infância” (p.11), tem envolvido pesquisadores que debruçam-se em saber e compreender o que as crianças “pensam, sentem, dizem e fazem”. Entretanto existe uma lacuna a ser preenchida, a de que ainda é preciso aprender a estabelecer relações com

os sujeitos/crianças respeitando-as em seus diversos modos de ser criança.

Os mesmos autores destacam a “importância de construirmos mecanismos e estratégias metodológicas que nos aproximem das crianças pequenas, elaborando recursos férteis e procedimentos de interlocução entre as duas lógicas geracionais”, (p.11) ou seja, a relação entre adultos e crianças, que são de fato muitas diversas entre si, mas que, entretanto, entrelaçam-se pela cultura e pela própria história. Temos total consciência, dizem os autores, de que ainda nos debruçamos pouco “à observação das crianças e ao modo pelo qual elas produzem suas culturas, suas formas de socialização e suas maneiras de interpretação das coisas que vivem, experimentam, criam e recriam”. (MARTINS FILHO e BARBOSA, 2010.pp. 11-12).

A pesquisa com crianças e a própria aproximação com esses sujeitos pode parecer atividade fácil, mas não o é, ao considerarmos todas as concepções que a criança já teve no decorrer dos tempos. Hoje já a concebemos de outra forma, pensamos na criança como um sujeito social, de direitos, inserido em uma cultura, em um tempo e todas as suas especificidades que precisam ser respeitadas e percebidas. Outro ponto importante a destacar é que, incorporados ao adulto e pesquisador, estão também seus vícios e valores, e se faz necessário que o pesquisador fique atento a isso, despiando-se das amarras dos pré-conceitos e sobretudo ficando aberto à imensidade de coisas que as crianças nos apontam.

Pereira (2010) destaca que “o primeiro encontro entre pesquisador e criança é demarcado pelo olhar exotópico que a teoria lhe permite” (p.14), isto é, o olhar externo e amplo de um indivíduo em relação ao outro. Neste sentido a autora problematiza: “O que pensa sobre

infância? O que pensa sobre pesquisa com crianças? Que informações a literatura científica sugere para a escolha da linguagem desse primeiro encontro?” (p.14).

Pereira faz uma importante problematização no que tange às pesquisas com crianças: “Como se fazer entender pelas crianças? ”.

Assumir que a instauração de uma pesquisa é a constituição de um tipo de relação social e, portanto, de uma ética, é fundamental para entender que os lugares a serem ocupados pelo pesquisador e pelas crianças não estão dados de antemão, nem podem ser prescritos *a priori* num manual de pesquisa ou num código de ética. Trata-se de uma construção ideológica que perpassa todo o processo de pesquisa, da formulação da questão à circulação do conhecimento produzido, onde pesquisador e crianças negociam o tempo todo, no interior do processo, o lugar que ocupam e a legitimidade da visão de mundo que apresentam. Essa negociação seguirá entre o pesquisador e seus pares face às perspectivas hegemônicas vigentes (PEREIRA, 2010, s/p).

Importante também se faz frisar o consentimento, não apenas das famílias quanto à pesquisa, visto que há toda uma documentação institucional exigida para que as crianças possam participar, mas sobretudo, avaliar se a pesquisa é de interesse do grupo, e respeitar as manifestações e desejos de cada criança, se ela deseja ou não participar da pesquisa. Neste sentido, em nossa pesquisa de campo, após a apresentação da pesquisadora e uma aproximação com os participantes, em conversa com o grupo no momento de roda, procuramos falar sobre a proposta de maneira clara e objetiva, considerando sempre o contexto da criança. Esse processo será melhor detalhado adiante.



Para Pereira (2010), legitimizar o espaço único que a criança ocupa na pesquisa não implica conferir a ela uma autonomia crucial e nem conceder-lhe a autoridade na forma de conduzir todos os caminhos da pesquisa. Compreende-se que o pesquisador, “ao propor uma pesquisa *com* crianças está propondo um compromisso que só pode ser firmado – ou não – por ele e pelas crianças” (s/p.). Em razão disso, em primeira instância a pesquisa necessita ter o assentimento da criança, pois ninguém melhor que ela própria pode estabelecer tal compromisso em seu nome. No caso de crianças pequenas, como aquelas com quem trabalhamos, isso envolve muita delicadeza, como relataremos mais à frente.

Em relação a metodologias que reconhecem as crianças como participantes, Sarmiento e Pinto nos esclarecem:

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa. (...) a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. (SARMENTO & PINTO, *apud* MARTINS FILHO e BARBOSA, 2010, p 14).

A partir do momento em que consideramos fazer pesquisa com crianças, é necessária a construção de uma postura de pesquisa, a qual requer que se discuta “o lugar social ocupado por pesquisadores e crianças na produção socializada de conhecimento e de linguagem” (PEREIRA, 2010, p.3).

Girardello e Orofino (2002) fazem um importante apontamento, a partir de Buckingham, em relação à tendência de muitas vezes tomarmos o que as crianças nos dizem nos momentos de pesquisa como evidências do que elas pensam. “Pois, como nos ensinam as análises do discurso, a linguagem não é a expressão cristalina e inambígua do pensamento” (p.27). Ao tratar com pesquisas que envolvam entrevistas e dinâmicas de grupo, temos a tendência de “não levar suficientemente em conta o papel das dinâmicas interpessoais” (p.27). Neste sentido, é necessário um olhar cauteloso em relação às expectativas que as crianças constituem sobre a finalidade do pesquisador, mas sobretudo, o quanto na fala delas estão também arraigadas relações e categorias implícitas, como gênero, idade, classe e etnia, e o quanto ao mesmo tempo em que elas se autodefinem, definem também aos outros.

Os estudos da antropologia da infância trazidos por Clarice Cohn (2005) nos possibilitam uma visão um pouco diferente da visão da sociologia da infância sobre a relação entre criança e cultura. Na proporção que a cultura vem a ser compreendida como "um sistema simbólico, a ideia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender coisas pode ser revista" (p.33). Reduz-se em pensar apenas de que maneira e quando transmite-se a cultura por meios de suas produções, que variam entre objetos, relatos ou crenças, mas sobretudo, qual o sentido que a criança atribui ao mundo que a circunda. Na perspectiva da antropóloga britânica Cristine Toren (*apud* Cohn, 2005) a diferença entre as crianças e os adultos se dá em nível qualitativo, no sentido de que os significados construídos pelas crianças não são necessariamente menos elaborados do que aqueles construídos pelos adultos. As crianças não têm uma compreensão menor, e sim diferente,

sendo que muitas vezes demonstram o que os adultos já sabem, mas não expressam.

Alguns dos pressupostos teóricos apontados por Cohn (2005) nos revelam que "as crianças não são [apenas] produzidas pela cultura, mas também produtoras de cultura" (p.35). Pois elas forjam significados para o mundo e suas experiências partilhando plenamente de uma determinada cultura. Entretanto, esses significados têm especificidades, que não se mesclam e nem reduzem-se aquelas tecidas pelos adultos; demonstrando assim que "as crianças têm autonomia cultural em relação aos adultos" (p.35). Tal autonomia, porém, deve ser relativizada, isto é, as crianças têm "uma relativa autonomia cultural" (idem). Pois, afinal, os significados forjados pelas crianças têm como ponto de partida um sistema simbólico que elas compartilham com os adultos.

### **1.2.2. A responsividade na pesquisa com crianças pequenas**

"O que é a criança? O que é ser criança? Como vivem e pensam as crianças? O que significa a infância? Quando ela acaba?", problematiza Clarice Cohn (p.7). A nova antropologia da criança, sugere Cohn (2005), lança um outro olhar para a infância no que se refere às relações sociais. Os indivíduos são considerados atores na sociedade, à medida em que a recriam o tempo todo. Consideram-se atores não em detrimento de interpretarem um papel que não forjaram, mas, sobretudo, por criarem seus próprios papéis enquanto vivem no âmbito social.

Nesta perspectiva antropológica percebe-se a criança não como ser incompleto, que está apenas se preparando para a vida adulta, mas como alguém que está representando papéis sociais ao mesmo tempo em que se socializa ou adquire competências, constituindo assim sua

"personalidade social" (p.21), e ganhando um papel ativo no estabelecimento da própria condição. Entende-se a criança como um ser pleno, que assume sua legitimidade enquanto sujeito nos estudos que têm a criança como foco. E a infância é vista como "um modo particular e não universal de pensar a criança" (p.21) no sentido de que em cada sociedade ou cultura, a concepção de infância é uma e pode até não existir. E a problemática suscitada pela autora sobre o que é ser criança e quando a infância termina é compreendida de diversas formas nos diferentes contextos culturais e sociais (COHN, 2005).

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, que "crianças são crianças" em todos os lugares do mundo, quem estuda um pouco sobre infância e criança sabe que essas são concebidas de diferentes formas nos diversos lugares e contextos sociais e culturais do planeta. Uma criança que cresce em meio uma tribo na África certamente não terá a mesma cultura de uma criança que vive aqui na América Latina. As crianças e as infâncias são diferentes se comparadas no oriente e no ocidente, e até mesmo em um mesmo lugar de nosso país, se compararmos o acesso aos bens culturais da população que vive nas periferias em relação àquelas de famílias mais abastadas, ou então nas diferentes regiões, por conta, por exemplo, das diferentes colonizações. Neste sentido, os brinquedos e brincadeiras das crianças também diferem uns dos outros pelos diferentes cantos do mundo, e é a cultura e o meio social em que as crianças estão inseridas que irão representar modos diversos de compreender as infâncias. Tudo isso precisa estar presente quando se pretende pesquisar crianças.

Cada pesquisador traz consigo, além de sua trajetória, tanto de vida como profissional, aquilo que o instiga à prática da pesquisa, suas

inquietações, concepções de criança e infância e modos próprios de conceber a pesquisa. É nessa perspectiva que abordaremos aqui as contribuições da teoria da responsividade de Bakhtin para a pesquisa com crianças, seguindo a mediação de Rita Ribes Pereira.

Sobre o processo de refletir sobre a infância, Pereira (2010) coloca em foco: “O que é pensar? O que é pensar a infância? O que se coloca em jogo quando escolhemos pensar a infância e não outra coisa? Em que medida pensar a infância é também tecer uma interlocução com as crianças concretas?”.

A autora concebe crianças e infância de forma indissociável, ou seja, não se separa uma da outra, a infância é vista como categoria social, constituída por “sujeitos concretos”, as crianças. Ela assume que trabalhar de modo imbricado esses conceitos pressupõe incumbir-se a responsabilidade de saber que diante das ações realizadas por meio de diálogo com as crianças (tanto no pensar, como no campo, e na escrita da pesquisa) “o pesquisador implica sua visão teórica de infância; do mesmo modo que sua teoria, mais do que constatar com distanciamento algum aspecto da realidade infantil, funda realidades que afetam direta ou indiretamente as crianças” (PEREIRA, 2010, s/p).

Ainda na perspectiva da mesma autora, considerando sobretudo a ciência com suas verdades e relações de poder, devemos enquanto pesquisadores problematizar a ciência a qual produzimos, e neste sentido “assumir que a ética, como como postura de pesquisa, não é dada de modo *a priori*, mas é parte constitutiva da questão da pesquisa” (p.53).

E para que se tenha ética na pesquisa, Pereira sugere que nos apoiemos em Mikhail Bakhtin (*apud* Pereira, 2015), que constrói o conceito de “responsividade” como a ação que o sujeito desenvolve ao

responder e responsabilizar-se de modo indissociável por suas respostas, considerando sempre o meio cultural, a história desse sujeito, sua existência e dinâmica no mundo social. Pereira, inspirada por Bakhtin, traz também a importância da ação de pensar enquanto um ato ético (2015, p. 56):

Para Bakhtin [...] o pensar é um ato ético para o qual não há alibi. Quando escolho pensar (ou não pensar) sobre um tema, me posiciono no mundo, instauro com meu pensamento uma realidade que, sem o meu pensar, não existiria. Isso faz do pensar uma ação no mundo, uma convocação que mobiliza singularmente os sujeitos e deles cobra uma assinatura que só o seu pensar e o seu agir podem firmar.

Ainda a partir de Bakhtin, prossegue Pereira (2015), o ato ético de pensar "posiciona responsivamente" o sujeito no meio social" (p.57). Neste sentido, pensar a infância é sustentar determinado posicionamento, visto que o outro em questão na pesquisa é a criança. Pereira acrescenta que, "considerando que não há uma sociedade sem crianças, posto que o nascer das crianças é condição para a preservação da espécie humana, podemos dizer que a relação de alteridade entre adultos e crianças está posta na vida cotidiana como elemento constitutivo das próprias relações sociais" (Pereira, 2015, p. 57). É dentro deste contexto que são articulados os lugares sociais que adultos e crianças ocupam na sociedade (idem).

Pereira aponta ainda que, no que tange às políticas e a toda a especialização acerca da infância, as crianças continuam na condição de objeto, uma vez que historicamente as políticas "para" a infância vêm sendo construídas principalmente sob o olhar dos direitos e não da

participação da criança. E acrescenta: "A postura de tutela que historicamente vem sendo imputada às crianças é fruto de um olhar que confere ao adulto a autoridade de enunciação, de dizer e prescrever o que a criança precisa" (p.59).

Numa perspectiva para examinar as produções culturais oferecidas às crianças pelo mercado, então, problematizamos: as crianças são de fato ouvidas, em suas vontades, anseios, medos, gostos? Percebemos, muitas vezes, o quanto algumas produções culturais que não são pensadas em sua gênese para a infância acabam por cair no gosto das crianças. Para Pereira (2015) o espaço mais ativo que as crianças ocupam hoje na cultura de consumo nos possibilitou enxergar que existe uma discordância entre as reais "expectativas de infância depositadas nas produções culturais" (p.59) endereçadas a elas e os seus efetivos interesses, que podem estar mais voltados "para outras produções ou experiências não imaginadas ou não recomendadas pelos adultos". "Temos, muitas vezes, procurado por elas onde elas não estão. E elas, por sua vez, esperam por diálogo em contextos onde tememos estar" (p.59).

Esse descompasso entre o que a cultura oferece às crianças e suas expectativas e necessidades nos parece muito pertinente ao nosso problema de pesquisa. De acordo com Pereira (2015), tal desencontro, por um lado, revela "um imenso fosso as experiências concretas vivenciadas ou desejadas pelas crianças e aquilo que pensamos ser a sua condição infantil". Por outro, nos chama a pensar sobre "Em que condições se torna possível o encontro? Que ética construir fora dos limites desse encontro?" (idem, p. 60).

De acordo com Pereira (2015) a ética da pesquisa envolve uma postura que se estabelece desde o surgimento das suas questões iniciais até a circulação dos seus resultados, e neste longo processo acontecem inúmeros encontros – com as teorias, com as crianças, com as instituições etc. e também do pesquisador consigo próprio. “O processo de pesquisa é feito de minúcias e de intermitentes tomadas de decisões, cada uma delas exigindo do pesquisador um posicionamento ao qual não pode se isentar de responder e de responsabilizar-se” (p.62) pelos embasamentos teóricos, pelas crianças, pelas instituições e também por ele mesmo.

E é neste sentido que buscamos nessa pesquisa fomentar algumas reflexões sobre as produções culturais que se tem disponibilizado às crianças, muitas delas endereçadas para o sujeito adulto, mas que mesmo assim são incorporadas pelas crianças e permeiam os roteiros das brincadeiras. O campo escolhido, uma instituição de educação infantil com crianças pequenas com idades entre 5 a 6 anos, exigiu, além da postura ética do pesquisador, o olhar sensível aos desejos, anseios e necessidades dos sujeitos envolvidos diante de cada situação. No capítulo seguinte, exponho as principais referências que me ajudaram a pensar sobre a relação entre crianças e televisão, que está no horizonte temático da pesquisa.



## CAPÍTULO II

### ESTUDANDO AS RELAÇÕES ENTRE A CRIANÇA E A TELEVISÃO

A televisão se faz presente na vida de indivíduos por todo o planeta há mais de meio século, estando já incorporada à cultura em nossa sociedade como objeto essencial em nossos lares. Na sociedade contemporânea, a TV e a internet são artefatos que nos auxiliam a manter-nos informados em velocidade rápida. Em suas diversas funções a televisão tem também o potencial de entretenimento, ou seja, busca distrair, divertir o público nos seus momentos de lazer. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, encomendada ao IBOPE pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, informa que a televisão continua sendo o principal meio de comunicação no país. Mesmo diante do crescente acesso da população à internet (48%), a quase totalidade dos 18 mil entrevistados (95%) disseram ver televisão. Ainda segundo a pesquisa, "As pessoas assistem à televisão, principalmente, para se informar (79%), como diversão e entretenimento (67%), para passar o tempo livre (32%) e por causa de um programa específico (19%). Mas não é baixo o percentual de entrevistados que declaram ter esse meio de comunicação como uma companhia (11%)". (BRASIL, 2014).

Para tratar da televisão, Arlindo Machado (2000, pp. 19-20) em sua "Obra a televisão levada a sério" diz:

*Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades e produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e*

intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público. Para falar de televisão, é preciso definir corpus, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de *televisão*.

Um importante ponto a ser destacado é que a TV não é apenas um mero aparelho que nos traz informações e entretenimento, e que ao apertar o “power” do controle remoto estão imbricadas muitas ideologias e formas de ver o mundo nos aspectos políticos e sociais. A TV é também uma disseminadora de conteúdos. Mas afinal, quais caminhos os diversos conteúdos televisivos tem trilhado? E de modo geral, como podemos observar os aspectos políticos, econômicos e ideológicos que vem predominando na sociedade capitalista e em específico demonstrado nas emissoras de TV aberta no Brasil? Atualmente na sociedade capitalista quem determina quais conteúdos são mais vendáveis, e que geram maiores lucros é que são priorizados, como é o caso da publicidade e da propaganda. E em relação a publicidade e a propaganda destacamos que diante da proibição destas para o mercado infantil, que antes tinham o poder de persuadir as crianças e assim incentivarem suas famílias a comprarem os produtos oferecidos. Atualmente a partir da resolução 163/2014 do Conanda <sup>10</sup>dispõe: “sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente”. Em decorrência dessa resolução e da extinção das

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/normas-em-vigor/resolucao-no-163-do-conanda/> Acesso em: 12/03/17

propagandas destinadas ao público infantil, as emissoras perdem seus patrocínios e deste modo, acabam por extinguir os poucos programas que ainda restavam para as crianças.

A televisão nos interessa aqui muito por seu papel formativo. Segundo Rosa Maria Bueno Fischer (2001), não podemos negar que a televisão é um lugar privilegiado de várias aprendizagens, com ela aprendemos desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo assim como estabelecer e entender diferentes gêneros, ou seja, como são ou devem ser homens e mulheres, diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. Para a autora, a TV, que tem a função de meio de comunicação social, ou de linguagem audiovisual específica, e também considerada muitas vezes como um mero eletrodoméstico, cujas imagens são consumidas por nós, desenvolvendo um papel preponderante e formativo na vida das pessoas, e sendo assim de essencial importância na constituição do sujeito contemporâneo. É nesse sentido que entendemos a televisão em nosso trabalho.

Fischer (2001) concebe a TV como criação, produção cultural, que nos propicia uma gama “de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação, de sentimentos, ideias, questionamentos, informações” (p.17). A autora propõe fazer do estudo sobre televisão um modo pelo qual possa-se refletir em relação aos problemas, possibilidades e impasses que enfrenta a educação na contemporaneidade, de maneira marcante por alguns traços culturais, referentes as transformações tecnológicas nas diversas práticas de comunicação e de informação da atualidade. A presença frequente da televisão no cotidiano de adultos e crianças em alguns aspectos contribui no sentido das informações, conhecimentos que são ampliados, entretanto se faz necessário perceber quais conteúdos são

assistidos pelas crianças, sujeitos em questão, e se existe a mediação do adulto, ou se à TV muitas vezes se confere a própria educação e instrução das crianças.

Assistimos muitas vezes à televisão de modo dispersivo, ao mesmo tempo em que nos movimentamos pelas áreas de nossos lares, conversamos, fazemos nossas refeições, falamos ao telefone, recebemos amigos. A linguagem básica da TV caracteriza-se especialmente por esta “dispersão”, e procura de diversas formas respondê-la, procurando ritmos, em busca de “sons, atores, personagens, produzindo imagens e diálogos”, objetivando a captura de atenções e emoções dos telespectadores (FISCHER, 2001, p.62).

A mesma autora (2001) alerta ainda que ao assistirmos televisão pode-se dizer que os olhares de outrem também nos olham, no sentido de que podemos enxergar aquilo que somos (ou ainda, que não somos), o que negamos ou acreditamos, o que aprendemos a almejar, a rejeitar, ou apenas a admirar. Em suma, de alguma maneira, em proporções maiores ou menores, estamos um pouco naquelas imagens. A partir de nossas experiências com objetos artísticos, com diversos artefatos culturais, tais como filmes, peças de teatro, programas de televisão, pinturas, esculturas, principalmente as que nos fixam por completo nosso olhar, e isso refere-se a um aprendizado bastante específico, de nos olharmos também por meio daquilo que olhamos, e a partir disso refletir, nos reapropriarmos de algo que alguém já refletiu e tornou visível e público.

Como instrumento político e ideológico, a TV é vista de duas formas antagônicas, pois de um lado seria a vilã e todas as ideias associadas a ela destacariam que é ruim, que traz informações negativas à infância. Por outro lado, a TV é vista por muitos como uma janela para

o mundo, que oferece uma gama de possibilidades, aprendizagens. O que deve-se ponderar é a adequação da programação ao público infantil, sendo que a mediação do adulto nessa relação é preponderante, e o diálogo acerca dos assuntos que são vistos na telinha também se faz imprescindível. Pois as crianças precisam ser ouvidas, esclarecidas em suas curiosidades, e se elas são telespectadoras ativas dos diversos programas é possível que as dúvidas surjam constantemente. Neste sentido, é por meio das mediações que as crianças apropriam-se daquilo que assistem na televisão, e essas relações acontecem nos diversos espaços sociais, em diálogo com os amigos ou no âmbito familiar. Segundo Gomes, Fernandes e Oswald (2014), as crianças não nascem “televidentes” como se isso fosse algo inato ao indivíduo, e sim se constituem por intermédio de fatores, implícitos e explícitos de diferentes agentes sociais (ibidem).

O psicólogo Howard Gardner foi um dos primeiros estudiosos a reconhecer a grande complexidade do processo social e cognitivo que chama de "a conquista da televisão" pela criança pequena:

Ao ser colocada diante da televisão, tendo que dar sentido às incontáveis imagens fugidias que ela apresenta, a criança pequena de dois, quatro ou oito anos é um tipo de antropólogo. (...) Ela tem que decodificar ou desvendar uma série de mundos - o de cada canal, cada tipo de programa, cada episódio e cena - e aprender a linguagem visual usada pela televisão (closes, replays, montagens. ...) Aos cinco anos de idade, ela já alcançou a maioria desses entendimentos e discriminações. (...) Porém, a conquista da televisão pela criança não é total nem homogênea. (...) Aí é que os informantes habilidosos - pais, professores e pares - mostram-se essenciais. (...) Não antes dos quatro ou cinco anos de idade, a criança entende que aquilo que aparece na TV existe em um mundo separado

daquele espaço imediato onde ela vive.  
(GARDNER, 1982, p.242-243)<sup>11</sup>

Reconhecendo a dimensão cognitiva da leitura da imagem televisiva, precisamos considerar também a dimensão cultural do acesso intensivo à televisão pelas crianças, particularmente em nosso país. E assinalamos também a importância que Gardner atribui ao papel de pais, professores e pares, ou seja, das mediações, à recepção televisiva das crianças.

De acordo com João Alegria (2008), “muitas crianças brasileiras passam mais tempo em frente à TV que na sala de aula – é na TV que buscam suprir sua necessidade de novos conhecimentos e estímulos. No Brasil, a televisão preenche as lacunas geradas pela falta de acesso ao teatro, cinema, lazer e informação” (83-84). Considera-se que o crescimento do consumo da mídia televisiva tenha colaborado diretamente para a “conformação da sociedade contemporânea e alguns de seus dilemas”, tais como o consumismo e individualismo exagerados, a violência urbana, a intolerância religiosa e cultural, a falta de consciência e respeito com o meio ambiente. (FEILITZEN e CARLSSON *apud* ALEGRIA, 2008, p.83-84). Este é também um aspecto que mostra a importância de se problematizar os conteúdos a que as crianças pequenas assistem, em especial aqueles que não foram concebidos especificamente para elas.

Em razão de cada vez mais observarmos o quanto a televisão se faz presente na vida das crianças, vimos a importância de investigar essas relações, de como as crianças apreendem e/ou ressignificam os conteúdos

---

<sup>11</sup> Tradução: G. Girardello.

televisivos por meio de suas conversas, nas mais diversas linguagens, e especialmente em suas brincadeiras.

De acordo com Fischer (2001), fazer da TV instrumento de estudos requer que se dê conta de uma linguagem específica, ao mesmo tempo que mergulhar na cultura, nos enfrentamentos pelas imposições de sentidos, nas formas de constituir-se como sujeitos na atualidade. Para a autora, trata-se de aprender a utilizar-se de imagens e imaginações, e a responder questões como as que Elizabeth Ellsworth nos sugere: “Afinal, quem a TV brasileira pensa que são nossas crianças? Quem as grandes redes de televisão pensam que somos e sobre o que desejamos?” (p.83). A necessidade de análise da linguagem desses produtos se faz, em todos os seus detalhes e mínimas percepções estéticas no uso de imagem, sons, música, diálogos, tempos, planos. É conceber que se aquele produto existe, ele é produzido para alguém, há um endereçamento do mesmo, mas sabe-se o quanto esses meios utilizam da persuasão para chamar a atenção da pessoa que irá consumi-lo (FISCHER, 2001).

Destaco que não irei fazer uma análise detalhada da linguagem da televisão que as crianças assistem, por não ser esse o foco de minha pesquisa, porém trago essas referências porque sei a importância de ter essa dimensão presente em meu horizonte de investigação.

Alguns conceitos estruturantes de nosso marco teórico tratam da produção de sentidos que ocorre na recepção. Destacamos a ideia de que toda recepção midiática implica a produção de sentidos, a construção subjetiva de significados, compreensão comum a todas as teorias da recepção, ou pesquisas de audiência (GIRARDELLO e FANTIN, 2009).

A obra de Jesus Martín-Barbero, que entendemos como a maior influência nas pesquisas de recepção nas últimas décadas no Brasil, é uma referência importante para este trabalho, por suas contribuições ao campo da comunicação e educação. De acordo com Martín-Barbero (1997) se faz necessária *a compreensão da natureza comunicativa da cultura*. Ou seja, as especificidades que envolvem o processo capaz de produzir significações não envolvem em apenas a circulação das informações, e o receptor não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor.

Para o autor, a construção de significados para o que se vê na televisão acontece por meio de negociações e “mediações, como a da família, a da cultura e a da repetição ritual em que se organiza o que ele chama de temporalidade social” (idem, p.11). As leituras, bem como o consumo dos produtos culturais, são vistos como instâncias produtivas (GIRARDELLO e FANTIN, 2009):

O consumo não é apenas a reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que dão forma social e nos quais inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 290).

Assim, para falar sobre as relações que as crianças estabelecem com os conteúdos advindos da TV é imprescindível também destacarmos alguns estudos de recepção, e considerações teórico-metodológicas sobre a recepção, para podermos compreender melhor como se efetiva na prática esse processo.



## 2.1. A recepção da TV pelo olhar das crianças

Os poderes semióticos das crianças e a complexidade de significados que elas constroem quando assistem televisão são o argumento principal de dois autores australianos, Bob Hodge e David Tripp, que foram referências pioneiras dos estudos de recepção de televisão entre crianças. Para eles, isto não implica que as crianças sejam ativas de modo igual e homogêneo em quaisquer circunstâncias. Eles destacam também a produção de sentidos pelas crianças, durante e após a audiência aos programas de televisão. “Os significados adquiridos através da televisão são renegociados e alterados no processo do discurso, e dessa forma têm status e efeito social”. (HODGE e TRIPP *apud* GIRARDELLO e OROFINO, 2009, p.26). Eles falam ainda que:

O discurso sobre a televisão é em si uma força social considerável. É um local primordial onde ocorre a mediação dos significados da televisão, um local onde os sentidos da televisão se fundem com outros sentidos em outro texto, para formar uma interface fundamental com o mundo da ação e da crença. (HODGE e TRIPP, *apud* GIRARDELLO e OROFINO, 2009, p.26).

Um dos muitos exemplos que poderíamos citar de pesquisa de recepção baseada nessa perspectiva semiótica e cultural, é o trabalho que Girardello e Orofino (2009) fizeram em diferentes regiões da cidade de Florianópolis em 2001, verificando que na maioria das escolas pesquisadas a atividade mais realizada pelas crianças consistia em assistir televisão, mais até que o próprio brincar. Naquele estudo, as autoras destacavam a inquietação diante do tempo em que as crianças no Brasil, e mais especificamente em Florianópolis, ficavam em frente à televisão.

Como vimos, esse tempo só aumentou de lá para cá. E outro importante apontamento seria como se organiza a vida dessas crianças, que em proporções cada vez maiores vivem em espaços privados, geralmente domésticos (MUNARIM, 2007). Ou então nos espaços de escolarização, que são muitas vezes onde a criança permanece a maior parte do seu dia, como é o caso das crianças que frequentam as creches da Rede Municipal de Florianópolis em período integral, ou seja, matutino e vespertino e até mesmo início do noturno. E é o período em que as crianças estão em seus lares, participando da rotina e das atividades desse espaço, que nos mobiliza a esta pesquisa, e neste sentido a saber: Quais os conteúdos e mensagens a que as crianças assistem? Trata-se de programas que em sua origem foram pensados para as crianças? Como as crianças recebem tais representações? Como elas estão presentes nas conversas e brincadeiras das crianças?

Para abordarmos a temática sobre recepção, trazemos mais uma vez as contribuições de David Buckingham, desta vez com foco em seu extenso trabalho, ao longo de quatro décadas, com investigações empíricas sobre a fala das crianças relacionada à televisão (GIRARDELLO e OROFINO, 2009).

Buckingham faz críticas em relação a determinados problemas da pesquisa qualitativa com crianças. Por um lado, Buckingham apoia a maneira como a criança é vista como espectadora, ativa e complexa, que na pesquisa qualitativa de recepção substituiu a "visão da criança submissa e entregue às todo-poderosas emanações da tela de TV" (idem, p. 27). Ao mesmo tempo, ele destaca o perigo de nos deixarmos levar mecanicamente ao problema contrário, ou seja, o de trocar a tradicional imagem da criança inocente e vulnerável por uma imagem romantizada

da criança sábia e liberada. Neste sentido, segundo o mesmo autor, “estaríamos continuando a falar da “criança” enquanto uma categoria universal, em vez de falar sobre crianças específicas vivendo em contextos sociais e históricos específicos” (BUCKINGHAM apud GIRARDELLO E OROFINO, 2009, p. 27).

Sabemos que na sociedade na qual vivemos muito temos nos preocupado com o fato de que a criança possa ser influenciável pela TV e por todos os seus conteúdos arraigados a ideologia e poder. Mas se pensarmos unicamente nesta perspectiva, poderemos cair em um retrocesso sobre o próprio conceito de criança e de infância, entendendo as crianças como indivíduos acríticos e fáceis de serem manipulados, e a infância como uma categoria social submissa à cultura da geração adulta. Por outro lado, temos todos os estudos da nova sociologia da infância que nos ajudam a perceber com outro olhar as relações das crianças com os conteúdos televisivos. Como vimos anteriormente, nesse contexto a criança é vista como um indivíduo com participação social, dotada de criatividade, criticidade, sonhos, vontades e muitas outras potencialidades. E a infância tem o seu espaço reservado na cultura não apenas como reprodutora, mas acima de tudo como produtora de culturas.

Algumas informações requerem um olhar mais aguçado em relação ao que nós, adultos, pensamos sobre os conteúdos vistos na TV, desta forma temos também o receio quanto à forma como as crianças recebem uma gama de informações, como as ligadas a sexualidade, violência, drogas, etc. O que acontece é que as crianças podem ter diferentes interpretações sobre determinados assuntos que veem na televisão, tanto em relação umas às outras como também em relação à opinião dos adultos, e os fatores determinantes são as experiências da

própria criança, o meio social e a mediação do adulto. Não podemos esquecer que, para que a criança participe plenamente de sua cultura, ela precisa contar também com o acesso a um repertório cultural amplo e rico, adequado a suas necessidades e interesses. Os três direitos de mídia das crianças - Provisão, Proteção e Participação (Buckingham, 2007) - assim, precisam andar lado a lado. Veremos mais adiante se isso parece ocorrer entre as crianças com quem pesquisamos.

Girardello e Orofino (2009) destacam que as dificuldades na compreensão das narrativas da TV não surgem de modo homogêneo entre as crianças. Assim como ocorre entre o público adulto, existe uma grande variedade nas condições de recepção, o que faz com que repensemos os clichês de interpretação e nos exija cautela com relação às análises excessivamente generalizantes. Segundo as autoras, muitos autores deste âmbito compartilham da “recusa à análise da produção midiática para crianças baseada apenas nos textos: é fundamental, para eles, que se ouça as crianças” (idem, p.30). Não somente, elas acrescentam, “pela opção política de dar voz a toda uma geração”, mas também por um argumento defendido por Joseph Tobin, outro pesquisador da recepção infantil de TV, de que é importante saber se as crianças aceitam com facilidade ou com resistência as mensagens subsidiadas pelas mídias, o que é uma questão de entendimento complexo, contingente e contextual, para a qual só poderemos achar respostas se fizermos leituras cuidadosas a partir das interações de crianças específicas com textos culturais específicos (GIRARDELLO e OROFINO, 2009).

As crianças gostam de ser ouvidas, mas sobretudo, gostam que seus questionamentos sejam respondidos. A televisão muitas vezes traz muitos conteúdos para a discussão, e nós ficamos reticentes. Deixaremos

essa lacuna esperando que um dia as crianças talvez venham a aprender? Vamos deixar que a própria televisão eduque nossas crianças sem a mediação necessária? Ou vamos dialogar sobre os conteúdos que elas assistem? E claro, que em relação a alguns dos programas que aparecem em conversas com as crianças, acreditamos que o melhor caminho seja orientar quanto a todo e qualquer conteúdo que não seja adequado para a sua idade, assim como sugere a Classificação Indicativa na tela da TV no início dos programas. Nesse sentido, destacamos aqui a contribuição dada pela dissertação de Simone Soler (2015), defendida recentemente no PPGE/UFSC, dentro de nosso grupo de pesquisa, intitulada *Se chover assistimos TV: práticas e mediações pedagógicas em relação à televisão na Educação Infantil*. A autora problematiza a ausência de critérios para a audiência de televisão nas creches, e propõe uma pauta de questões e sugestões para que as equipes, em cada instituição, possam definir quando, como e por quê a televisão será utilizada em cada situação, levando em conta mediações e intencionalidades pedagógicas, além dos contextos sócio-culturais específicos das crianças e das turmas.

Simone Soler (2015) trata em sua pesquisa sobre o uso da televisão nas unidades de educação infantil, e que as crianças, nos momentos em que brincam, “trazem referências televisivas” (p.34), tanto na elaboração da brincadeira como nos “brinquedos que a compõe” (idem). A autora questiona-se se existe alguma reflexão por parte das professoras que atuam diretamente com as crianças sobre tais referências presentes nas brincadeiras das crianças. E dentre diversas indagações da autora, ela problematiza: de que forma as professoras planejam o uso da TV com as crianças? E, ao concluir que muito pouco se planeja, faz uma série de propostas para contribuir nesse sentido.

É importante destacar que o nosso enfoque aqui não é analisar as práticas do uso da televisão dentro das instituições de educação infantil, pois a pesquisa que me antecedeu acredito já ter subsidiado uma boa discussão sobre o tema. O que pretendemos foi investigar como as crianças recebem os conteúdos para adultos que assistem na televisão e de que forma podemos observar isso nos diálogos e brincadeiras com um grupo de crianças, participantes da pesquisa. Dentro dessa perspectiva é que optamos por realizar a pesquisa com crianças pequenas em uma Unidade de Educação Infantil, a fim de termos maior conhecimento de como acontecem essas relações, visto que é neste espaço que as crianças permanecem a maior parte do tempo, e é onde elas têm mais oportunidade de, em conjunto com seus pares, ressignificar muitas das experiências televisivas que têm no âmbito privado do lar. Nossa proposta foi analisar como as crianças constroem significados a partir de suas experiências com os conteúdos que assistem na televisão, manifestados por meio de suas brincadeiras. Os estudos de recepção de televisão contribuem para isso, esclarecendo conceitos como o de receptor ativo, para que não vejamos as crianças como meros telespectadores passivos, no quais são depositadas ideias, ideologias e concepções.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Na linha da crítica à educação bancária feita por Paulo Freire, por exemplo, em *Pedagogia da Autonomia*, 2002.

## 2.2. Programas de televisão e audiência infantil

Uma das mais importantes questões que pretendemos levantar aqui é quanto à programação a que as crianças assistem. No Brasil, especialmente nas periferias das grandes cidades, a maioria do público tem acesso apenas à TV aberta, e emissoras como Rede Globo, SBT, Record, Band, Rede TV estão no ranking com as maiores audiências. A emissora que lidera o ranking é a Rede Globo de Televisão, neste sentido precisamos levar em conta que se as famílias assistem à programação desta emissora, as crianças que convivem no mesmo espaço possivelmente assistem aos mesmos programas. E se analisarmos a programação desta emissora, como na maioria das que compõem a TV aberta, observaremos que há muito pouca programação voltada ao público infantil; podemos falar que esta é até quase nula.

Para dar uma ideia do contexto atual nesse sentido, abaixo está a tabela da audiência de TV em São Paulo de acordo com o Ibope<sup>13</sup> para fim de breve análise no que diz respeito à TV aberta no período de 19/10/2015 a 25/10/2015. É preciso que se destaque que a audiência mencionada aqui corresponde ao público em geral, ou seja, se refere a todas as faixas etárias: crianças, jovens, adultos e idosos. Mas, como as crianças não estão isoladas no mundo e participam do cotidiano doméstico, consideramos que elas acabam por assistir muitas vezes a estes mesmos programas, muitos dos quais não são propriamente destinados a elas. Escolhemos a audiência da TV em São Paulo, pois entre as cidades disponíveis nessa tabela do Ibope, foi a que julgamos melhor

---

<sup>13</sup> As pesquisas contidas no portal IBOPE são de propriedade do IBOPE e estão protegidas pela Lei do Direitos Autorais nº 9.610/98.

poder representar a audiência de modo geral na TV aberta. É preciso observar, porém, que a TV Cultura, que na tabela abaixo é a única com foco em programação infantil, não possui atualmente retransmissoras na região da Grande Florianópolis<sup>14</sup>, fazendo com que a oferta de programas infantis para as crianças que participaram de minha pesquisa seja muito menor.

Emissoras/Programas	Total Domicílios		Total Indivíduos	
	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)
<b>GLOBO</b>				
Novela III <i>A regra do jogo</i>	27	1.789	13	2.504
Telejornal SPTV 2a edição	24	1.604	11	2.126

Telejornal <i>Jornal Nacional</i>	23	1.513	10	2.032
Novela II <i>I Love Paraisópolis</i>	22	1.500	10	2.031
Novela I <i>Além do tempo</i>	22	1.495	10	1.975
<b>RECORD</b>	<b>Total Domicílios</b>		<b>Total Indivíduos</b>	

<sup>14</sup> De acordo com o site da Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura de São Paulo. Ver: <http://cmais.com.br/fpa/estados-afiliados#/SC>.



	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)
Novela <i>Os dez mandamentos</i>	21	1.381	10	1.973
Jornalístico <i>Domingo Espetacular</i>	13	844	6	1.191
Telejornal <i>Jornal da Record</i>	12	815	6	1.143
Reality Show <i>A Fazenda</i>	10	690	5	952
<b>SBT</b>	<b>Total Domicílios</b>		<b>Total Indivíduos</b>	
	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)
Novela noite 2 <i>Carrossel</i>	11	769	5	1.054
Programa de auditório <i>Programa Silvio Santos</i>	11	766	6	1.180
<i>Teleton</i>	11	710	5	1.023

Novela noite 1 <i>Cúmplices de um resgate</i>	11	706	5	931
---	----	-----	---	-----

<i>Conexão Repórter</i>	9	626	5	937
<b>BAND</b>	<b>Total Domicílios</b>		<b>Total Indivíduos</b>	
	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)
Futebol vespertino 1 liga Campeonato Europa Paris S. German. x Real Madrid	7	470	3	579
Programa de culinária cozinheiros são crianças  <i>Master Chef Junior</i>	6	408	3	548
Programa de auditório/humor  <i>Pânico na Band</i>	6	380	3	515
Esportivo <i>Terceiro tempo</i>	4	301	2	409

Futebol (vesp). Camp. Brasileiro Coritiba x São Paulo	4	286	2	386
<b>REDETV</b>	<b>Total Domicílios</b>		<b>Total Indivíduos</b>	
	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)
Programa de Humor  <i>Encrenca</i>	5	318	2	431
Programa de Humor  <i>Te peguei na TV</i>	3	220	2	309
Variedades <i>A tarde é sua</i>	3	171	1	201

Programa de auditório  <i>Encrenca</i>	2	146	1	220
<i>Operação de risco</i> (not.)1	2	141	1	184
<b>CULTURA</b>	<b>Total Domicílios</b>		<b>Total Indivíduos</b>	
	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)

Desenho animado- <i>Dora a aventureira</i> (matutino.)	2	157	1	193
Serie de desenho animada francesa  <i>Inami</i> (vesp.)1	2	148	1	174
Desenho animado  <i>Nilba desastronauta</i> (vespertino).	2	145	1	175
Serie de desenho animado USA  <i>Cyberchase</i> (vesp.)	2	143	1	172
Serie de desenho animado  <i>Thomas e seus amigos</i>	2	137	1	168
<b>GAZETA</b>	<b>Total Domiclios</b>		<b>Total Individuos</b>	
	<b>Audiência %</b>	<b>Audiência (000)</b>	<b>Audiência %</b>	<b>Audiência (000)</b>
Variedades  <i>Mulheres 3</i>	1	93	1	112
Variedades  <i>Mulheres 2</i>	1	92	1	113

Telejornal	1	76	0	94
<i>Gazeta News (vesp.)</i>				
Debate esportivo	1	73	0	97
<i>Mesa redonda</i>				
<i>Gazeta esportiva</i>	1	70	0	89

Figura 1 : Audiência de TV aberta em São Paulo entre 19/10/2015 e 25/10/2015 (IBOPE)

No Brasil o gênero televisivo mais assistido são as novelas: segundo o índice medido por Kantar Ibope<sup>15</sup>, cerca de 23.339.996 domicílios representam este consumo entre as 67.721.049 pessoas que assistem televisão.

Na Rede Globo de Televisão, líder de audiência no país, até há alguns anos eram exibidos alguns poucos programas endereçados ao público infantil, a exemplo da *TV Globinho*, cujo conteúdo baseava-se sobretudo em desenhos animados. Normalmente a eles era reservado o período matutino; atualmente, porém, já não há mais espaços destinados apenas a este público na programação de segunda a sexta da emissora, pois deram lugar a programas que em tese ‘possam ser assistidos por toda a família’. Essa categoria é muito questionável, e parece ser definida principalmente pela busca de um mercado publicitário mais amplo, pois desenhos animados e outros programas infantis também podem ser

---

<sup>15</sup> Gêneros televisivos mais vistos na América Latina. Medidos por Kantar Ibope Media, 1º semestre de 2015. Disponível em: <http://www.kantaribopemedia.com/generos-televisivos-latam/>

assistidos por toda a família. A questão que nos interessa aqui é qual o endereçamento dos programas, qual o público a quem *Mais Você*<sup>16</sup>, apresentado por Ana Maria Braga e *Encontro com Fátima Bernardes*<sup>17</sup> se destinam prioritariamente. Não são as crianças!

Lembramos que o programa *TV Globinho* restringia-se apenas aos sábados nos últimos meses em que foi ao ar, mas em agosto de 2015 foi substituído pelo programa *É de Casa*<sup>18</sup> que conta com a apresentação de Ana Furtado, André Marques, Cissa Guimarães, Patrícia Poeta, Tiago Leifert e Zeca Camargo, e que estreou em agosto de 2015. Assim, os infantis foram extintos recentemente de toda a grade de programação da TV Globo.

Pretendemos suscitar aqui uma discussão que compreenda programas de televisão que estão sendo assistidos pelas crianças atualmente. Não estamos argumentando que as crianças devam assistir apenas a programas que são pensados em sua gênese a elas; ao contrário disso, ao considerarmos que a criança é um sujeito ativo e participativo, com direito a permear diversos espaços sociais, interagindo e se envolvendo com uma variada gama de informações ao seu redor. Entretanto é necessário que se tenha atenção quanto aos conteúdos que as

---

<sup>16</sup> Programa da Rede Globo de televisão que aborda temas gerais como culinária, famosos, moda etc. Disponível em: <http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/mais-voce/15-anos/>

<sup>17</sup> Programa da Rede Globo de televisão que trata de diferentes temas do cotidiano no Brasil e no mundo, tais como: humor, música, prestação de serviço etc. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro\\_com\\_F%C3%A1tima\\_Bernardes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro_com_F%C3%A1tima_Bernardes)

<sup>18</sup> Programa da Rede Globo de televisão que trata de diversos conteúdos como informações jornalísticas, dicas de estilo de vida, atualidades, além da participação de convidados especiais. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89\\_de\\_Casa](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89_de_Casa)

crianças veem na televisão, ou seja, observar que muitas vezes eles não correspondem à classificação indicada para a faixa etária <sup>19</sup>. Outro importante apontamento é a presença ou não de mediação do adulto diante da diversidade de informações a que as crianças assistem.

O *Manual da Nova Classificação Indicativa* (BRASIL, 2006) consiste em uma norma constitucional processual resultante da concordância de regras como “o direito à liberdade de expressão e o dever de proteção absoluta à criança e ao adolescente” (p.3). Dentro desse equilíbrio fazem parte tanto o Estado e o Executivo com o dever de classificação, produção e estabelecimento de parâmetros ao produzir conteúdos audiovisuais, quanto a Sociedade que deve exigir das emissoras de televisão, e dos responsáveis pela distribuição dos audiovisuais, a veiculação com a classificação de acordo a cada programa.

O sistema de Classificação Indicativa de diversões públicas audiovisuais, regulamentado pelo Ministério da Justiça em 2006, pressupõe a "responsabilidade dos pais no exercício do poder familiar", (...) e "a co-responsabilidade da família, da sociedade e do Estado na garantia à criança e ao adolescente do direito à educação, ao lazer, à cultura e à dignidade", e considera que "cabe ao poder público regular as diversões e espetáculos públicos, informando sobre sua natureza, a faixa etária a que não se recomendem, locais e horários em que sua

---

<sup>19</sup> *Manual da Nova Classificação Indicativa*. Organização: José Eduardo Romão; Guilherme Canela, Anderson Alarcon – Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Justiça. Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, 2006. Disponível em: <http://www.andi.org.br/politicas-decomunicacao/publicacao/manual-da-nova-classificacao-indicativa>

apresentação se mostre inadequada, nos termos (...) do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA" (BRASIL, 2006, p. 1). O sistema busca, assim, "divulgar a classificação indicativa com uma informação consistente e de caráter pedagógico, para que os pais realizem o controle da programação; e, ainda, o dever de exibir o produto de acordo com a classificação, como meio legal capaz de garantir à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de produtos inadequados" (idem, p.2). Em relação às categorias da classificação indicativa, a norma estabelece que:

Com base nos critérios de violência e sexo, e obedecidos os parâmetros do Manual de Classificação Indicativa, as diversões públicas são classificadas como:

I - especialmente recomendada para crianças e adolescentes;

II - livre – para todo o público;

III - não recomendada para menores de 10 (dez) anos;

IV - não recomendada para menores de 12 (doze) anos;

V - não recomendada para menores de 14 (quatorze) anos;

VI - não recomendada para menores de 16 (dezesseis) anos; e

VII - não recomendada para menores de 18 (dezoito) anos. (BRASIL, 2006, p. 5)

Em seu Artigo 18, a portaria de regulamentação do sistema ressalta que a informação sobre as faixas etárias em que os materiais audiovisuais são classificados " é meramente indicativa aos pais e responsáveis que, no regular exercício de sua responsabilidade, podem decidir sobre o acesso de seus filhos (...) a obras ou espetáculos cuja classificação indicativa seja superior a sua faixa etária" (idem). Na mesma direção, o documento *Classificação Indicativa - Guia Prático* (BRASIL,



2012), define como objetivo dessa política pública "fornecer instrumentos confiáveis para a escolha da família e a proteção da criança e do adolescente contra imagens que lhes possam prejudicar a formação" (p. 5).

Cito abaixo, como exemplo, os critérios da Classificação Indicativa para a representação da Violência na categoria "LIVRE", segundo o *Novo Manual*, em vigor desde 2012, que incorporou propostas apresentadas em Debate Público realizado pela Internet e em reuniões com especialistas da temática dos direitos da infância e da adolescência.

**VIOLÊNCIA:  
Classificação LIVRE:**

São admitidos com essa classificação obras que contenham predominantemente conteúdos positivos e que não tragam elementos com inadequações passíveis de indicação para faixas etárias superiores a 10 anos. Nem sempre a ocorrência de cenas que remetem à violência são prejudiciais ao desenvolvimento psicológico da criança, como os elencados abaixo:

**A.1.1. VIOLÊNCIA FANTASIOSA**

- Níveis elementares e fantasiosos de violência, como atos agressivos de desenhos animados destinados ao público infantil, que não apresentem correspondência com a

realidade tais como lesões corporais;

- Brigas não impactantes de tramas infanto-juvenis maniqueístas, de luta do bem contra o mal, que não apresentem sofrimento, lesões ou sangue;

- Violência caricata inserida no gênero comédia-pastelão (guerra de comida, pancadas que não resultem em dor), ou seja, que são feitas para provocar o riso e não como ato violento. **EXEMPLO:** Desenho animado em que personagem animalizado bate com uma bigorna na cabeça de outro, que é amassado e, logo em seguida, volta a sua forma original.

**A.1.2. PRESENÇA DE ARMAS SEM VIOLÊNCIA**

- Presença de armas de qualquer natureza, sem que haja motivação evidente de violência.

**EXEMPLO:** Samurai pega sua espada sobre a mesa e a coloca nas costas.

**A.1.3. MORTES SEM VIOLÊNCIA**

- Cenas com morte, seja o momento em que o ato ocorre ou a exposição de cadáver, sem

envolvimento de dor ou lesões.

**EXEMPLO:** Senhora idosa morre enquanto dorme.

(BRASIL, 2012, p. 9).

Assim como o documento acima, outro material que pode servir de referência para o debate sobre a relação das crianças pequenas com conteúdos audiovisuais para adultos é o artigo da pesquisadora portuguesa Cristina Ponte *Kids Online na Europa e no Brasil* (2012). Entre os aspectos negativos que os programas de TV para adultos podem oferecer às crianças, ela menciona: "Agressividade (conteúdos violentos e discriminatórios), Sexuais (conteúdos pornográficos, sexualmente maliciosos) e Valores negativos (conteúdo racista, tendencioso, por exemplo, sobre drogas)" (PONTE, 2012, p.22). Em relação à análise dos programas de qualidade voltados especificamente para crianças, outra referência muito útil é o livro *Qualidade na programação infantil da TV Brasil*, baseado em extensa pesquisa de Inês Vitorino Sampaio e Andréa Cavalcanti (2012). Ainda que nossa pesquisa esteja voltada aos programas para adultos que as crianças assistem, consideramos importante fazer o registro desta fonte.

Se de modo geral, como afirmam Bob Hodge e David Tripp, as crianças conseguem decodificar a televisão de forma ativa e poderosa, e muitos dos programas que assistem são potencialmente ricos em significados e em valores culturais, é importante destacar que nem todos os programas e modos de assisti-los favorecem o mesmo benefício para todas as crianças. As crianças não são vistas como igualmente ativas e "leitoras", em quaisquer circunstâncias, da mesma forma que não se considera que todos os programas sejam densos ou culturalmente valiosos. Sabemos que na programação da televisão brasileira existe uma diversidade de programas de diversos gêneros, e muitos deles nós não

indicaríamos como bons programas a serem vistos pelas crianças, ainda que a classificação indicativa o permita. Um exemplo disso: após as crianças do grupo com o qual eu atuava em 2013 me mobilizarem a esta pesquisa, comecei a assistir o programa *Esquenta* com Regina Casé, exibido pela Rede Globo, um programa que ia e ainda vai ao ar nas tardes de domingo e certa vez vi um dos humoristas, Fabio Porchat, que, colocando as mãos na cintura da Cantora 'Valeska Popozuda' a conduzia, dizendo: - "Vamos lá, vai ser rapidinho, pá pum!" E na classificação indicativa esse programa é considerado como "Livre".

Outro programa que toda vez que assistia me inquietava, ao saber que crianças poderiam estar assistindo aquilo, era *A Escolinha do Professor Raimundo Nova Geração* (TV Globo), até porque a classificação indicativa que constava na telinha era "Livre" e depois passou a ser próprio as crianças a partir de 10 anos de idade. No entanto, o conteúdo das piadas e falas dos personagens eram sempre ambíguos, em sua grande maioria remetiam a sexo, contendo machismo, demonstrado por "Zé Bonitinho", e expondo a mulher como objeto sexual e/ou submissa, como as personagens "Marina da Glória" e "Capitu". O objetivo aqui não é avaliar se tais programas são bons ou ruins para as crianças, mas, sobretudo, fazer uma análise daquilo que é importante que se repense em nossa sociedade, considerando a criança enquanto sujeito ativo nesse meio social, e ao mesmo tempo vivendo a infância (Kramer, 2006), que lhe garante direitos especiais. Entre esses direitos, estão os Direitos de Mídia das Crianças: não só à Participação, mas também à Proteção e à Provisão (Buckingham, 2007).

Para os produtores de TV, segundo Hodge e Tripp, é importante uma programação voltada para família, "multinivelada", que possa ser

“lida” de formas diversas, mas com programas apropriados a cada idade. Segundo os autores esta seria uma melhor solução do que tentar ajustar a programação a níveis específicos de desenvolvimento, a contemplar cada faixa etária de modo específico (HODGE e TRIPP *apud* GIRARDELLO, 2000). Para esses autores, de modo geral as crianças aprendem muito com os programas que os familiares concebem como “muito adultos” para elas, mesmo que estas reajam a essa programação de modo próprio, inerente à infância (HODGE e TRIPP, *apud* GIRARDELLO, 2000). Mas não podemos esquecer que os autores estavam falando de uma realidade, a televisão australiana, onde havia muito mais proteção às crianças em relação à TV do que no Brasil de hoje, com muitos canais públicos e controle em relação a horários, etc. Assim, quando falam de programas "muito adultos", possivelmente se referem a programas com temas e linguagens complexas e difíceis, não necessariamente com os tipos de problemas ('baixaria") que identificamos acima nos programas brasileiros.

Para Hodge e Tripp é certo que as crianças necessitam de uma programação permeada pela fantasia, como desenhos animados para as menores. Em suma, todas as crianças precisam de programas que condizem com a sua realidade e com os seus diferentes contextos, que dependem de faixa etária e aspectos sociais, culturais e individuais. Os mesmos autores dizem que a mediação e a interação das crianças com a televisão é responsabilidade dos adultos em contato com as crianças. Eles consideram que os adultos que assumem um papel de importância na vida da criança devem ter cautela ao proibir programas que são assistidos de forma ávida pelas crianças, ou que possam ocasionar nelas respostas de forma positiva (HODGE e TRIPP *apud* GIRARDELLO). Mais uma vez

destacamos que os autores estão se referindo a um contexto onde a televisão aberta era predominantemente pública, na qual mesmo os programas para adultos se pautavam por claros critérios éticos e jornalísticos, ao contrário de boa parte da programação para adultos hoje disponível nos canais abertos brasileiros.

No caso da televisão aberta brasileira, percebemos que mesmo diante de um documento que procura orientar a audiência, *O Manual da Classificação Indicativa*, percebemos ainda o quanto o nosso sistema ainda é falho. E isso acontece principalmente em razão de os interesses do mercado de consumo ainda prevalecerem em relação às crianças, que por isso muitas vezes ficam à mercê de uma programação que não é de seu interesse, ou que acabam "caindo no gosto das crianças", por não haver outras opções de repertórios e de escolhas.

### **2.3. Conteúdos para adultos assistidos pelas crianças**

Em relação ao que as próprias crianças consideram que seja uma programação *para crianças e para adultos*, podemos encontrar muitas referências em outras pesquisas. Por exemplo, Duarte (2008) traz à tona a fala de uma criança: “Eu acho que TV é para crianças, adultos e jovem [jovens] e nós crianças devemos ver o desenho [desenhos] [...] as novelas principalmente a novela ‘Malhação’ ela é muito legal. ” Mencionando suas diferentes preferências, um outro menino, aluno de uma escola pública de São Paulo informa: “como na minha casa a minha vó não sai da televisão, só [vejo] quando ela vai para o trabalho. A minha irmã só assiste na hora da novela da tarde e da noite (...) ela [Ela] gosta mais da novela das oito” (p.89).

Outra fala que colocamos em destaque é a de Paloma, uma menina de 9 anos de Serro-MG: “As coisas ruins da TV estão sempre nos programas dos adultos. Para resolver este problema e (é) só as crianças assistirem programas infantis e os adultos procurarem os bons programas” (ALEGRIA, 2008, p,89).

Em geral o gênero telenovela não é voltado prioritariamente ao público infantil. Certamente, salvo algumas exceções, as telenovelas brasileiras veiculadas aqui tratam de temas relacionados ao mundo adolescente e/ou adulto. Entretanto, este gênero lidera a preferência do público infantil, nas faixas etárias entre 4 a 11 anos, segundo institutos de pesquisa. De acordo com os dados do Ibope do Jornal O Globo, da Coluna “Controle Remoto”, em dezembro de 2005 a novela *Belíssima* era líder no *ranking* dos programas mais assistidos pelo público que contempla esta faixa etária. Destaca-se que dos primeiros cinco programas da lista de preferidos deste público, apenas dois não eram teleficções, como novelas, séries e minisséries (FISCHBERG, 2008, p.109).

O autor David Buckingham <sup>20</sup>(1996) traz uma pesquisa realizada com alguns grupos de pais e crianças, a qual trata sobre o modo como as crianças reagem emocionalmente aos conteúdos televisivos, ou seja, o que elas sentem a partir do que assistem na TV. O autor fala de um cenário vivenciado nos anos 1990 na Inglaterra. No país em questão existe um horário limite: até as 21h só podem ser exibidos programas apropriados para crianças, e depois desse horário essa mediação fica por conta da família. Lembramos que no Brasil não se conta hoje com qualquer limite nesse sentido, desde a decisão do STF, já mencionada, que em 31/08/2016

---

<sup>20</sup> Tradução Gilka Girardello.

liberou as emissoras para transmitirem seus programas sem respeitar os horários estabelecidos pela Classificação Indicativa.

Na pesquisa de Buckingham (1996), “tanto os pais como as crianças reivindicavam o direito de tomar as suas próprias decisões sobre o que elas deveriam ou não ver, apesar de muitas vezes tais decisões serem conflitantes” (p.303). Quase todas as crianças afirmaram que já haviam assistido a filmes e vídeos que oficialmente seriam inapropriados a elas, e a maioria também disse ter assistido programas transmitidos depois das 21h.

É importante frisar que essa pesquisa de Buckingham não foi feita com crianças tão pequenas e não aconteceu com crianças de educação infantil, e sim com crianças a partir de seis anos de idade. Conforme o autor, as famílias que mostravam fazer menor mediação, ou ainda “menos controle” diante dos conteúdos a que as crianças assistiam (idem, p.303) eram as famílias de classe trabalhadora, embora isso não acontecesse exclusivamente nelas. O autor salienta que ainda que alguns pais tenham demonstrado preocupação em relação às crianças menores quanto à possibilidade de elas imitarem as brigas e ‘lulinhas’ assistidas na televisão, o que mais os preocupava sobre o tema da violência é que as crianças pudessem ficarem emocionalmente perturbadas e assustadas.

"Respostas emocionais negativas das crianças diante da televisão, como medo, repulsa, tristeza e preocupação, mostraram ser experiências comuns" (idem, p.305), verificou a pesquisa. Todas as crianças entrevistadas puderam se lembrar de situações em que programas e filmes vistos na televisão tinham provocado nelas pesadelos, ou tinham trazido a elas ansiedades de longo prazo, tais como medo de crime, acrescenta o autor, mas observa que, no entanto, "tais respostas raramente

pareceram ser muito severas ou duradouras, e os poucos casos de crianças que ficaram traumatizadas por algo que tinham visto na televisão pareceram se limitar a crianças que já sofriam de problemas sociais ou psicológicos" (idem).

Ainda assim, a pesquisa de Buckingham (1996, p. 306) identificou que alguns temas evocaram respostas negativas de medo ou ansiedade em crianças todas as idades, tanto em meninos quanto em meninas, tanto em filmes de horror, como em noticiários ou mesmo em comédias: "Estes temas foram muito previsíveis e incluíam violação corporal, corporais, o sobrenatural, a morte de animais, ameaças à harmonia familiar e a crianças." (idem, p.306) Ao observarmos a realidade da TV brasileira, no que tange aos canais abertos, podemos estabelecer algumas relações com os gêneros televisivos mencionados na pesquisa inglesa.

Em relação às preferências das crianças, muito se poderia dizer. Ao comentar que "as crianças dedicam em média somente 25% de suas preferências à programação infantil e o resto à dos adultos" Martín-Barbero cita Joshua Meyrowitz, que para ele compreendeu o que há de revolucionário na televisão, ao afirmar: "Ao autorizar as crianças a assistirem às guerras, aos enterros, aos jogos de sedução, aos interlúdios sexuais e às intrigas criminais, a telinha as expõe aos temas que comportamentos que os adultos se esforçaram para ocultar-lhes durante séculos" (Meyrowitz, *apud* Martín-Barbero, 2004, p.408). Os desafios que isso impõe não podem, para Martín-Barbero, ser resolvidos de forma simplista:

Sem investigação do que estas mudanças estão produzindo culturalmente no país - e especialmente no que concerne à relação das crianças e dos jovens



com as mídias e as tecnologias audiovisuais - as políticas de comunicação, e particularmente as televisivas, continuarão presas na impotência a que são reduzidas pelos interesses cruzados dos conglomerados econômicos e grupos políticos (...). (Martín-Barbero, 2004, p. 412).

Essa advertência de Martín-Barbero, os dados apresentados quanto à programação da televisão aberta no Brasil, as orientações do Manual da Nova Classificação Indicativa (2006), bem como as pesquisas de outros autores, reforçam a ideia de que as crianças que convivem e interagem nos mesmos espaços que adultos e jovens, acabam muitas vezes por assistir programas que não são pensados para elas, ou que podem não estar de acordo com a classificação indicativa a sua faixa etária. Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para a compreensão dos desafios que isso acarreta.

#### **2.4. Crianças, televisão e produção cultural**

Diante de todas as transformações pelas quais a sociedade contemporânea vem passando e as novas concepções em relação à criança e à própria infância, faz-se necessário repensar a produção cultural para esses sujeitos, a partir também dos adventos tecnológicos e veículos de comunicação que à medida que se fazem mais presentes na vida das crianças, sugerem outros modos de ser e agir na sociedade, e conseqüentemente inspiram novos roteiros em suas brincadeiras.

Como professora acompanhei o cotidiano da comunidade onde realizei minha investigação empírica, embora nunca tivesse ido anteriormente àquela unidade como pesquisadora. Mas nestes três anos em que atuei como profissional da Rede Municipal de Florianópolis,

observei que as crianças pouco frequentavam atividades culturais voltadas ao teatro, cinema, música, capoeira, esportes, salvo alguns projetos sociais que existem na região. Percebi então que o maior acesso aos bens culturais das crianças dessa comunidade se dava através da televisão, e como a população deste local tem baixo poder aquisitivo, a TV aberta é muitas vezes a principal oportunidade de acesso a informações e ampliação da cultura.

Pretendemos falar aqui um pouco sobre a produção cultural que se tem destinado às crianças por meio da televisão. Temos que levar em conta que o acesso às tecnologias digitais e à televisão vem crescendo nos últimos tempos. Destacamos como a indústria cultural está muito ligada ao mercado de consumo, mas ao mesmo tempo percebemos que existe um público relativamente ativo e crítico, capaz de compreender certas intencionalidades e valores associados a certos produtos. Quanto às crianças, essa criticidade é (ou não) desenvolvida ao longo da infância através das mediações estabelecidas pelos adultos.

A preocupação da sociedade com o consumo televisivo das crianças se justifica, dada a falta de qualidade nos conteúdos e as linguagens impróprias aos públicos desta faixa etária que muitas vezes se verifica (Duarte, 2008). O autor Nelson Hoineff fala: “O que a televisão gera hoje é em grande parte não apenas ofensivo ao cidadão como inibidor de seu crescimento. A maior parte dos brasileiros se forma através da televisão e o tipo de formação que ela vem produzindo é indiscutivelmente nefasta” (*apud* Duarte, 2008, p. 83). Para o mesmo autor o problema maior não concentra-se no veículo propriamente dito, mas sim na “adequação formal e narrativa do conteúdo ao meio” (ALEGRIA, 2008, p.83) .

Em uma pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Educação e Mídias (GRUPEM, PUC-Rio) sobre “Crianças, televisão e valores morais”, foi feito o questionamento: “O que podemos identificar, nos textos [das] crianças, como fontes de mediação na interação com a TV”? (idem, p.87). Em uma primeira aproximação aos textos infantis elaborados pelas crianças participantes da pesquisa, buscou-se indicativos que possibilitassem a identificação e expressão dos valores atribuídos àquilo que as crianças fazem da TV (idem).

Alegria (2008) em relação à referida pesquisa (GRUPEM, PUC-Rio) destaca a importância da televisão, e o quanto as crianças sabem do papel relevante que a televisão desenvolve enquanto veículo de comunicação de massa. No mesmo sentido, as crianças têm uma visão mais ampla, a nível planetário, desse sistema de comunicação por meio da TV. Para sintetizar tal ideia, a pesquisa traz uma das cartas escrita por Pedro, de 9 anos de idade, que mora na cidade de Serro, interior de Minas Gerais:

A verdade é que a televisão tem um significado muito grande na vida do ser humano. Não importa a idade ou posição social, ela veio e tomou conta do planeta, pois é na frente da telinha que na maioria das vezes damos melhores sorrisos, nos emocionamos com alegrias e deixamos, às vezes sem perceber, rolar uma lágrima no rosto ao ver a transmissão de um belo jogo numa final de copa do mundo, ou infelizmente [infelizmente] ao poder ver do outro lado do mundo aviões se chocando contra as mais belas torres gêmeas nos Estados Unidos. Esta é a prova de que a TV é sem dúvida uma forma extraordinária [extraordinária] de demonstrar ao mundo os mais belos espetáculos ou o mais triste que os nossos olhos já viram. Portanto é a TV o maior meio de comunicação existente (Pedro, 9 anos, Serro-MG).(Alegria, 2008).

Tendo em vista que as crianças são indivíduos com capacidades críticas, a elas cabe também participar da decisão sobre a programação que desejam assistir, mas vale ressaltar que a mediação do adulto se faz indispensável, pois sabemos assim como existe uma gama de possibilidades enriquecedoras para as crianças na televisão, existem também mensagens/ conteúdos a serem problematizados com as crianças, ou ainda que podem considerados negativos, de acordo com cada faixa etária e com as especificidades de cada uma. Interessa-nos saber as opiniões delas sobre determinados programas, os sentimentos despertados a partir do que veem na TV, essas expressões suscitadas nas crianças, e os modos como elas se sentem diante dos conteúdos televisivos. É isso o que nos interessou discutir nesta pesquisa.

Em sociedades tal qual aquela em que vivemos, as mídias assumem um papel também de problematização moral, sendo assim, constroem e veiculam guias de valor, que o pedagogo catalão Josep Maria Puig define como produtos culturais ou realidades informativo-significativas que têm como propósito modelar e orientar os modos de vida e a convivência de uns indivíduos com os outros, formando grupos em uma sociedade (DUARTE, MIGLIORA, LEITE, 2008).

A apropriação das mensagens midiáticas acontece por meio dos indivíduos, grupos e comunidades, quando na reorganização da recepção de significados, são atribuídos a eles sentidos próprios e inseridos em suas práticas cotidianas. É assim que a criança se apropria dos inúmeros discursos que ela presencia, e a partir disso os recria, modificando-os, em processos de "reprodução interpretativa", como os concebe William Corsaro (2002). Nesta perspectiva a produção cultural das crianças não se trata de uma questão meramente de imitação. Muito além disso, as

crianças aprendem de forma criativa as informações que recebem do mundo adulto para produzir culturas singulares (BIEGING, 2011). Neste sentido as crianças não apenas reproduzem acriticamente tudo aquilo que elas assistem na televisão. Mas é somente desenvolvendo algumas das inúmeras potencialidades que a criança tem, como criatividade, imaginário, curiosidade, que ela é capaz de ressignificar e transformar as experiências que vive, inclusive a de ver televisão, produzindo cultura.

## **2.5. Imaginário e brincadeira na pesquisa sobre crianças e televisão.**

Pressupomos a brincadeira enquanto forma como as crianças se expressam no mundo e assim a vemos como um instrumento metodológico essencial a esta pesquisa, tanto na observação, nos registros, bem como na análise dos roteiros de brincadeiras estabelecidos pelas crianças no espaço de educação infantil. Em razão de esta pesquisa buscar promover reflexões sobre as relações das brincadeiras das crianças com conteúdos adultos televisivos e utilizá-las como parte da metodologia da pesquisa, faz-se necessário trazer alguns referenciais teóricos e uma breve discussão sobre essa abordagem.

De acordo com Munarim (2007), as crianças brincam como modo de se relacionar com o mundo. “Através de gestos e ações, interpretam o que acontece à sua volta, desenvolvem regras e estruturas de relacionamento, se impõem desafios e levantam hipóteses sobre os problemas e situações da vida ao assumirem papéis e representações” (p.8). Neste sentido, as crianças interagem com o mundo, superam conflitos e dialogam com seus pares, com os adultos e com a natureza por meio de atividades imaginárias como o faz-de-conta. O que a autora

coloca no centro aqui não é a função essencial que a brincadeira desenvolve, mas principalmente “as condições e os meios para que ela aconteça” (idem). Por meio da reflexão acerca da importância da brincadeira no cotidiano das crianças, somos levados a pensar no modo como as brincadeiras se constituem como base para as mudanças que a infância atravessa na sociedade contemporânea.

Na brincadeira a criança é livre para ser quem ela quer, e este é o momento no qual nós, professores, observamos de modo mais enriquecedor o potencial lúdico e imaginário das crianças. E se a televisão é um dos meios de comunicação e para grande parte da população de periferia é também o mais importante acesso aos bens culturais, é muitas vezes inspiradas por ela que as crianças criam seus roteiros de brincadeiras, a partir de conteúdos os mais diversos, tanto positivos como negativos para as crianças.

A concepção de imaginação de Paul Ricoeur contribui para a análise de como os processos e produtos da comunicação são lidos e ressignificados pelos indivíduos, já que para o autor a imaginação é um "espaço subjetivo de ensaio e interpretação, de produção de significados e de apropriação" (Girardello, 2012, p. 75). A noção de que a presença da mídia na rotina das crianças possa vir a contribuir com a construção de um espaço imaginativo e de autoria é um ponto norteador dos mais importantes neste campo.

Cada contexto de pesquisa exige a invenção de uma forma de aproximação e interlocução com as crianças. [...] quando se trabalhava com crianças pequenas, de educação infantil, era preciso uma atenção muito fina as informações sobre esses temas que eram expressas durante as brincadeiras e conversas entre as crianças, ou mesmo a inserção

de perguntas uma de cada vez, aos poucos, da forma mais natural possível e integrada à interação lúdica que se procurava manter com as crianças. (...) (GIRARDELLO e FANTIN, 2009, p.17).

Desse modo, outra categoria importante nas pesquisas em nosso grupo é o imaginário infantil. A partir dos seus inúmeros significados, aquele que mais temos utilizado tem ênfase social e antropológica, a partir de Gilbert Durand, que compreende “o imaginário como uma dimensão coletiva da imaginação ou como acervo do imaginado” (GIRARDELLO e FANTIN, 2009, p.13). Nesta perspectiva procura-se analisar quais personagens, que podem ser reais ou ficcionais, permeiam a imaginação das crianças, quais enredos e histórias são de fato referência para suas brincadeiras e de que maneira elas os simbolizam no seu cotidiano (GIRARDELLO e FANTIN, 2009).

A valorização das brincadeiras das crianças como possibilidade de conhecer melhor a presença do imaginário televisivo em suas vidas tem relação com o que diz Gilles Brougère:

A brincadeira não aparece como uma imitação servil daquilo que é visto na televisão, mas sim como um conjunto de imagens que têm a vantagem de ser conhecidas por todas, ou quase todas as crianças, a ser combinadas, utilizadas, transformadas, no âmbito de uma estrutura lúdica (BROUGÈRE, 2004, p.54)

O imaginário infantil define-se assim como uma forma específica da relação da criança com o mundo, algo próprio do processo de formação do desenvolvimento da personalidade e da racionalidade de cada criança, de acordo com Sarmiento (2002). Mas é importante também destacar, como faz o autor, que é no âmbito social e cultural que acontecem estes processos. As condições sociais e culturais subsidiadas nesses processos

são heterogêneas, porém incidem diante de uma condição infantil comum: a de uma geração que se encontra privada de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sobre o controle dos adultos (SARMENTO, 2002).

E a fim de observarmos se as crianças de fato assistem a programas com conteúdos para adultos, e em caso afirmativo, como os recebem e o que fazem com eles, é que partimos para a pesquisa em campo, com um olhar atento a cada criança e às muitas formas de manifestação de seu imaginário: suas falas, seus gestos, desenhos, narrativas e também, muito especialmente, suas brincadeiras.



## CAPÍTULO III

### PESQUISA DE CAMPO: COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS

A etapa empírica da pesquisa, envolveu um processo de observação participante junto a um grupo de crianças de 5 a 6 anos de idade, com ênfase para as brincadeiras das crianças, em uma creche localizada no bairro Monte Cristo, município de Florianópolis. Para assegurar as crianças participantes da pesquisa, decidimos não mencionar o nome da instituição de ensino, e denominá-la apenas com o nome do bairro: "Creche Monte Cristo", visto que existem três delas na localidade, todas próximas umas das outras. Para preservar a identidade das crianças, assim como fizemos com o nome da unidade educativa, também optamos por pedir que as crianças e as professoras do grupo escolhessem pseudônimos, e assim cada uma pôde escolher o nome de algum personagem com quem se identificasse.

Na comunidade local existem alguns aspectos de muita fragilidade social, ou seja, crianças e adultos que vivem ali enfrentam riscos sociais, como problemas referentes ao tráfico de drogas e ao conflito entre as comunidades locais dos comandos do tráfico, gerando violência de diversas formas, etc. Verifica-se, assim, uma certa vulnerabilidade social<sup>7</sup> e colocamos este termo em destaque, pois sabemos que esta não é a situação de todos os que ali vivem, mas atinge principalmente as crianças, que convivem com tais problemas desde tão pequenas.

A observação foi realizada com carga horária total de 48 horas, em apoio e diálogo com a professora do grupo. Pretendeu-se inicialmente realizar a pesquisa em 9 encontros com o grupo, no período

compreendido entre 13:00 e 18:30, ou seja, 5 horas e 30 minutos a cada encontro. É importante que se destaque que na Rede Municipal Educação de Florianópolis o trabalho desempenhado pelos professores se estende até as 17:00. Sendo assim, no período entre as 17:00 as 18:30, as crianças ficam sob a supervisão das auxiliares de sala, em atividades "livres", visto que no período anterior as atividades são planejadas pelos professores. Entendemos esses momentos como ocasião especialmente rica para observar as crianças, suas brincadeiras, e as conversas entre elas.

Apresento a seguir alguns dos referenciais teórico-metodológicos que embasaram mais diretamente a formulação da pesquisa empírica, permitindo que eu pudesse imergir no campo, participando e observando de perto a rotina deste grupo de crianças.

### **3.1. Planejando a entrada no campo da pesquisa.**

A pesquisa qualitativa exige que o pesquisador execute planos elaborados e flexíveis, visto que em algumas pesquisas estatísticas e experimentais muitas ideias e perspectivas se modificam no decorrer do processo, como observa Fantin (2009). Entrelaçam-se questões inesperadas com hipóteses previstas, e novas configurações são sugeridas, sendo fundamental que o pesquisador não se preocupe em seguir os planos e roteiros estabelecidos, mas que esteja apto a modificar suas ideias a qualquer momento, priorizando as ações mais importantes e deixando de lado outras que não apresentam tanta relevância. (RABITTI, *apud* FANTIN, 2009).

A flexibilidade na pesquisa é fundamental. Quantas vezes como pesquisadores temos que modificar nossos planos por diversos motivos, especialmente na pesquisa com crianças pequenas. Mudanças no próprio

texto, nas teorias que na área da infância e da audiência televisiva infantil constantemente sugerem novas leituras. E na prática da pesquisa com as crianças, ainda que eu traga comigo a experiência como professora de educação infantil atuante na mesma rede de ensino em relação ao campo de pesquisa, sabemos que cada criança é única e o quanto as crianças têm criatividade, criticidade, imaginação, dentre outros aspectos, fazendo com que suas opiniões e ideias mudem sempre rapidamente. A comunidade de pesquisa também difere.

As proposições gerais da pesquisa foram formuladas antes da entrada no campo, assim houve modificações no decorrer da pesquisa. Sabemos que a flexibilidade é imprescindível neste tipo de processo metodológico, e os caminhos que nos levaram à pesquisa, bem como as contribuições e movimentos dos participantes foram responsáveis pelas mudanças nos planos, no que concerne às etapas metodológicas.

E o trabalho pedagógico diário como professora me fez repensar no movimento constante que é necessário também na pesquisa. Por vezes, nos momentos da roda com o grupo no qual atuo profissionalmente com as crianças, transportava-me para os momentos de reflexão da pesquisa. Via constantemente as crianças trazendo em suas brincadeiras reflexos dos conteúdos adultos que assistem na televisão, e assim fui elaborando e reelaborando a construção da minha pesquisa, em diálogo com o que as outras 25 crianças, no contexto mais específico da pesquisa de campo, na Creche Monte Cristo, vieram nos trazer.

Como a pesquisa foi realizada com crianças pequenas da educação infantil, julgamos o método da observação participante como o mais adequado. A observação participante é um procedimento bastante frequente hoje nas pesquisas com crianças. Pesquisadores argumentam

que “em pesquisas com crianças é impossível observar sem participar, a observação é sempre com participação” (MARTINS FILHO e BARBOSA, 2010 p.23-24). É algo até inviável o pesquisador escapar da participação, visto que as crianças exigem sua atenção a todo o momento, ao puxar os adultos "para suas brincadeiras, interações, relações, produções, experimentos e diálogos", assim convidando-os a participarem. Os pesquisadores assumem um papel de um *outro* indivíduo, que tanto observa quanto também é observado. Deste modo, pesquisados e pesquisadores vão estabelecendo relações e criando laços, o que contribui no desenvolvimento de uma participação sensível às produções das crianças (MARTINS FILHO e BARBOSA, 2010).

Ao considerar a pesquisa com crianças pequenas da Educação Infantil, pensamos nos preciosos momentos de roda de conversa no nosso cotidiano de professora, quando as crianças nos relatam tantas coisas e sentem-se ouvidas por todas as outras do grupo. Em razão disso, destacamos a importância da roda de conversa também na pesquisa, pois ela foi o principal momento de diálogo com as crianças, no qual pretendíamos saber o que elas assistiam na televisão, e o que elas achavam, sentiam, pensavam a partir daquilo. Esses momentos foram gravados em áudio.

Considerando que as interações com as mídias atuam na construção de relações que ampliam o conhecimento de si, do outro e do mundo, é importante compreender as possibilidades de tal apropriação em diferentes contextos socioculturais e o papel que a mediação escolar desempenha nesta experiência. Para tal é preciso que nos aproximemos das crianças e procurando saber o que elas pensam, sentem, e dizem sobre

sua experiência com as mídias (...) (FANTIN, 2009, p.2)

Vale ressaltar que os olhares das crianças atravessam-se também pelas mediações do mundo adulto, em sua variedade de expressões por meio da cultura. É possível perceber na fala das crianças “obviedades, estranhamentos e sofisticadas impressões que desafiam nossa capacidade de interpretar os possíveis significados que se movimentam nos sinuosos caminhos da mediação” (FANTIN, 2009, p.55).

A importância da televisão na vida das crianças pode também ser expressa por meio de estratégias lúdicas, como desenhos, e a realização de brincadeiras sociodramáticas de faz-de-conta. Por isso, alguns momentos destas brincadeiras escolhidos pelas crianças foram gravados em vídeo, com duração de aproximadamente 1 minuto. Considerando a importância da participação ativa das crianças no processo da pesquisa qualitativa, a proposta era observar as brincadeiras espontâneas das crianças, sendo assim, elas próprias delimitaram a gravação do vídeo, e o combinado estabelecido por meio da expressão "Câmera Ação! ".

As metodologias utilizando vídeo, segundo Martins Filho e Barbosa (2010), são muito frequentes em pesquisas com crianças. O registro por meio de vídeos contribui expressivamente “na captação de imagens que revelam os diferentes jeitos de ser criança em suas peculiaridades, bem como a dinâmica do mundo cultural que circunda as (re) produções infantis presentes no contexto da instituição” (p.23). Os mesmos autores acrescentam, que o uso de filmagens nas pesquisas permite obter "dados os mais próximos possíveis ao movimento das

crianças", no sentido de que a imagem filmada e sua transcrição, ao mesmo tempo, "articulam entre si a possibilidade de captar com maior expansão e expressão aquilo que não é perceptível à primeira vista" (idem).

Martins Filho e Barbosa (2010) apontam ainda que as imagens que são captadas espontaneamente traduzem situações que podem ocorrer uma única vez. As imagens filmadas trazem elementos diferentes da observação e do registro escrito, pois aquilo que muitas vezes escapa à observação a olho nu, o vídeo resgata com maior fidedignidade. Deste modo, a cada cena que se assiste ou que seja revista, possibilita novas interpretações e significados. A filmagem nesta perspectiva é entendida aqui como "memória audiovisual" (p.23).

Em relação ao uso de imagens na pesquisa com crianças, Bauer e Gakell dizem que o uso dessas imagens e do material sonoro para a investigação requer critérios éticos que devem ser seguidos a fim de que se efetive uma boa prática de pesquisa, pois compreende um complexo relacionado as funções que as mídias e tecnologias desempenham em nosso cotidiano (*apud* FANTIN,2009).

O diário de campo também é um dos instrumentos imprescindíveis na pesquisa qualitativa, à medida que dispomos ali nossas impressões, as situações que nos chamam a atenção naquele momento e que podem escapar às escutas do áudio ou até mesmo à captação das imagens dos vídeos.

Em conversa com as crianças na roda, a proposta inicial era me apresentar, falar meu nome e contar algo que eu gosto de fazer, como por exemplo ir à praia, pedir que as crianças se apresentassem e fizessem o mesmo, para que houvesse assim um início de diálogo, e que eu

pudesse ir me aproximando delas. Busquei explicar que pretendia ficar alguns dias ali com elas, realizando uma pesquisa e que elas seriam protagonistas desse processo, se assim concordassem, é claro. Inicialmente a ideia não era chegar falando diretamente sobre televisão. Mencionei de maneira simples como seriam nossos encontros de pesquisa, que eu estaria ali convivendo com as crianças a fim de compreendê-las melhor bem e para isso eu iria propor algumas brincadeiras e observar as “brincadeiras livres” delas.

Pensei em perguntar às crianças, no momento em diálogo na roda, quais eram suas práticas quando não estavam na creche. Ou ainda, em uma linguagem mais acessível ao universo infantil: "O que vocês fazem quando estão em casa?" Ou: "O que você faz desde que acorda até a hora que vai dormir?" E deste modo, propor às crianças que elas expressassem essas ações por meio de desenhos, em papéis entregues às crianças em folha A3 (aquela maior) dividida em 6 quadrinhos, a fim de que a criança expressasse nestes espaços sua rotina, deixando fora o que ela vivencia na instituição de educação infantil, pois o que buscávamos compreender aqui era como se dão as relações das crianças com os conteúdos adultos televisivos fora do espaço escolar.

Para ilustrar um pouco o que pretendemos investigar, trazemos Girardello e Orofino (2009) as quais discutem a pesquisa realizada no ano de 2001, em Florianópolis, com o tema *O imaginário Infantil e as Mídias*, cujo objetivo principal consistia em conhecer como se dá a “presença dos meios de comunicação no cotidiano das crianças” no primeiro ano do ensino fundamental. Em relação ao seu cotidiano, por exemplo, uma criança relatou (idem, p.36):

[...] Vejo Malhação, vejo aquela que começa depois da Malhação, depois vou brincar. De corda, de elástico, depois vou pra casa assistir TV, Porto dos Milagres, jornal, Tela Quente, filme, Ratinho (Karolina, 6 anos)

Ao observar falas como esta, citada acima, é que percebemos que as crianças brincam, e não deixam de ser crianças, mas algo chama a atenção delas, fazendo-as interromper o momento da brincadeira para assistir um programa que originalmente não foi pensado para elas. O que será que esses programas têm, que despertam tanto fascínio nas crianças? Ou será que elas os assistem por falta de alternativas? Se tivessem acesso a programas infantis da mesma forma que têm aos programas como telenovelas, telejornais, programas de auditório, quais será que as crianças escolheriam?

Procurei observar o que as crianças iam trazendo. Minha intenção inicial era, à medida que surgissem temas ligados à televisão, ir estabelecendo diálogos, vendo se as crianças assistem de fato televisão, em que momentos, situações e a quais os programas.

Minha proposta inicial era sugerir brincadeiras sobre o assunto, como por exemplo, criar um programa de TV de faz-de-conta com as crianças, levar câmera, microfone (fictícios), sendo que cada criança poderia desempenhar o personagem que quisesse. A ideia era criar 5 grupos de 5 crianças, visto que eram 25 crianças ao total, e a cada dia seria realizada a apresentação de um grupo com um programa de TV, criado pelas crianças. Elas poderiam fazer juntas um mesmo programa e combinar seus personagens, criando assim um enredo, ou escolher seus personagens separadamente. Em minha proposta metodológica, era importante deixar claro às crianças que nestes programas elas poderiam



brincar de faz-de-conta, no papel dos personagens que quisessem, deixando claro que ninguém estaria ali para julgar e que todas as decisões e escolhas delas seriam apoiadas. Para composição dos personagens procurei fazer o possível para levar as roupas, adereços e materiais para compor os personagens e o cenário, alguns materiais que tinha em acervo próprio, outros que tinha a disponibilidade de utilizar, pertencentes à instituição a qual trabalho. Eu também pretendia, se necessário, adquirir alguns materiais, objetivando o enriquecimento dos repertórios que as crianças pudessem vir a nos trazer.

Procurei, por meio dessa e de outras brincadeiras, assim como as ditas 'livres' também observar os roteiros de como essas crianças brincam e se nestas expressões vinham arraigados também conteúdos adultos que elas tivessem conhecido por meio da televisão.

Mais adiante apresentarei de forma mais detalhada o modo como a pesquisa foi sendo tecida, a partir das manifestações das crianças, das observações, das brincadeiras propostas bem como das brincadeiras livres, assim como da reflexão sobre as questões que destacamos. Desde já, aponto que os momentos das brincadeiras livres no espaço do parque, sua observação e registros, implicaram essenciais discussões. Munarim (2007), em sua pesquisa de mestrado realizada também em instituições de Educação Infantil, fala que o parque é um espaço de transgressão, onde as crianças criam, produzem culturas, e este é um local caracterizado como próprio "das crianças", onde o adulto não interfere tão diretamente como no espaço da sala.

Relato agora o processo de escolha da instituição onde a pesquisa foi feita. Como o foco de meu projeto era perceber como as crianças se relacionam com os conteúdos adultos ofertados pela televisão, e eu já

havia observado e vivenciado a grande frequência destes conteúdos nas comunidades de periferia nas quais atuei, a princípio fui em busca de campos de pesquisa localizados em outros locais, nas periferias na região continental de Florianópolis. Visitei duas instituições na mesma comunidade do bairro Monte Cristo. Em uma das unidades não tive sucesso para o ingresso com a pesquisa, pois, segundo a supervisora, mesmo ela percebendo de forma muito evidenciada as relações das crianças com os conteúdos adultos da TV, o acesso e a própria relação da escola com as famílias era por vezes dificultosa; como é necessário o consentimento das famílias para a prática da pesquisa com as crianças, parti então em busca de outra instituição. E para minha felicidade na unidade ‘Monte Cristo’ a recepção da equipe pedagógica foi maravilhosa, todos demonstraram muito interesse em que a instituição fosse o campo para a pesquisa. Certamente eu teria mais facilidade em realizar a pesquisa em uma das unidades nas quais trabalhei, entretanto preferi garantir um maior distanciamento, para que pudesse me colocar com mais facilidade como pesquisadora. A minha preocupação era a de não ser vista a todo momento como "profe". Como não me foi possível o afastamento das atividades profissionais enquanto professora de Educação Infantil, procurei uma comunidade bem distante e diferente daquela na qual trabalho atualmente, e mesmo sendo bastante distante da unidade a qual atuo, penso que foi a melhor opção, pois de acordo com cada comunidade as relações das crianças com a cultura variam muito.

Em relação ao necessário afastamento da realidade do pesquisador, Martins Filho e Barbosa (2010) dizem que “muitas das pesquisas descrevem a importância do professor no papel de pesquisador

se afastar de suas atividades profissionais durante o período da coleta de dados e análise dos mesmos” (p.25). Este é um dos fatores que favorece de forma decisiva no que tange ao estranhamento da realidade, pois libera o pesquisador dos vícios que acaso lhe acompanhem. Martins Filho argumenta sobre o momento em que fez sua pesquisa, e diz que o afastamento do pesquisador das atividades de professor de crianças pequenas foi essencial para que pudesse ampliar mais seu olhar, e assim perceber e questionar a realidade e as relações que eram estabelecidas – “estranhar o cotidiano é preciso, afastar-se da realidade para ler os dados é essencial”. Para ele, “o redimensionamento da pesquisa só foi possível após seu distanciamento como professor do cotidiano da creche” (MARTINS FILHO e BARBOSA, 2010, p.25).

### **3.2. Na "Creche Monte Cristo"**

Após ter concluído as leituras que embasaram a etapa teórica da pesquisa, as inquietações que me mobilizaram como pesquisadora ainda borbulhavam em mim, e a ansiedade de ir ao campo aumentava cada vez mais, ao mesmo tempo que os trâmites de aprovação no comitê de ética demoravam. E de fato esse processo levou um longo tempo, muito além do esperado. Por isso, tive que adequar a pesquisa empírica ao meu horário de trabalho, conseguindo ir a campo apenas de uma a duas vezes por semana. Por um lado, esses intervalos de tempo maiores me permitiram pensar e repensar melhor as estratégias metodológicas, especialmente levando em conta o olhar de cada criança. Por outro, percebia que as crianças sentiam a minha falta, pois por mais que eu explicasse que não estava ali para ser professora delas, verifiquei que as crianças me enxergavam como tal, ainda que, claro, com o carinho

especial por alguém que as visitava de vez em quando e que dialogava com elas, trazia propostas talvez um pouco diferentes daquelas com as quais estavam acostumadas.

Busco apresentar os resultados desta pesquisa de um modo que ao mesmo tempo proteja todas as crianças participantes, e valorize cada uma delas. Neste sentido, procurando sempre manter um olhar sensível, trago grande parte dos registros na íntegra, para preservar ao máximo os elementos trazidos pelas crianças.

É necessário enfatizar que desde os meus primeiros momentos na Creche Monte Cristo fui imensamente bem recebida pelas profissionais que lá atuam, e especialmente, aquelas que trabalham diretamente com o grupo G6, no qual realizei a pesquisa empírica. O auxílio e muitas vezes a mediação das professoras e auxiliares foram essenciais. E não me refiro apenas às mediações em relação às crianças portadoras de deficiência no grupo, mas também ao apoio para que as crianças compreendessem as propostas e trouxessem as respostas de que eu precisava, ou mesmo novas questões para serem pensadas sobre o assunto.

Retomo agora meu primeiro dia da pesquisa no campo. Depois de tanto tempo de espera em decorrência dos trâmites no comitê de ética e diante da dificuldade de conseguir compatibilizar os dias das minhas horas-atividades, às quais tenho direito como professora na Rede Municipal de Florianópolis, com os dias da pesquisa empírica, eu tinha podido finalmente reformular o calendário e disponibilizá-lo às professoras do grupo.

Eu estava desejosa de conhecer as crianças, ver seus rostinhos, e é claro que a ansiedade em mim foi inevitável, assim como os

questionamentos que me vieram ao pensamento. Será que aquele grupo de crianças demonstraria também toda a problemática que tanto eu já tinha observado em muitas das unidades de educação infantil nas quais trabalhei? Quais seriam as histórias de vida de cada uma delas? Elas iriam ou não permitir que eu as conhecesse do modo como havia traçado em meus objetivos de pesquisa? Embora eu seja professora, atue com crianças e hoje tenha plena segurança do bom trabalho que desempenho junto aos grupos com os quais atuo, sei também que cada criança é única. Sei que cada comunidade tem a sua identidade e que eu estava ali para observar as relações das crianças com os conteúdos adultos da televisão, mas sempre respeitando o modo como as crianças lidavam com todas essas relações.

Cheguei a "Creche Monte Cristo" um pouco antes do horário combinado no período da tarde, pois queria receber as crianças; entretanto, havia me enganado, o grupo com o qual eu faria a pesquisa seria um grupo de G 6, de 25 crianças, todas com idade entre 5 e 6 anos, que ficam em período integral na unidade educativa e não em período parcial como eu havia pensado. Sendo assim, neste grupo as crianças chegavam à unidade no período matutino entre 07:30 e 08:30, ficando a critério da família o horário de chegada. Para mim, isso não era problema algum, apenas isso envolveria outras rotinas, características das unidades em período integral como a hora do sono, pois essas crianças chegam cedo e tem esse momento do descanso. Ou seja, foi algo imprevisto no início da pesquisa, pois com a hora do soninho as crianças vão acordando pelas 13:30, aí fazem o lanche. A partir da rotina das crianças, que tinha que respeitar, pensei então em adequar as propostas que eu levava para o grupo.

Transcrevo a seguir diversos trechos de meus diários de campo, associados a observações e reflexões que fui fazendo ao longo da pesquisa.

### **3.2. Os diários de campo: olhares, diálogos e reflexões**

#### **1º dia de pesquisa**

**Dia 07/10/2016**

À medida que as crianças foram acordando, levantavam do colchão e me observavam curiosas. Servimos o lanche e nesse momento já havia algumas crianças ao meu redor, me chamando de “profe”. Algumas delas vinham me abraçar e perguntavam se eu seria “a nova profe”. Sentamos na roda, e percebi que a professora já havia realizado um trabalho de conscientização do grupo sobre a presença de “uma professora que faria uma pesquisa com elas”. Nessa tarde, havia 17 crianças. Me apresentei e disse: “Assim como a profe *Frozen*, e a profe *Rendeira*<sup>21</sup>, também sou profe em uma escola que fica um pouco longe daqui, lá no Rio Vermelho. Alguém conhece? Existem algumas praias pertinho do Rio Vermelho, vocês sabiam? Tem o Moçambique, a Barra da Lagoa...” Logo um dos meninos disse: “Eu adoro a Barra, meu pai sempre me leva lá”.

Disse que eu estaria ali de vez em quando, não todos os dias, às vezes uma vez por semana, às vezes duas. E que, embora eu fosse professora em outro lugar, desta vez estava ali para fazer uma pesquisa

---

<sup>21</sup> Pseudônimos escolhidos pelas professora e auxiliar de sala, ambas atuam com o grupo.

com elas, se assim concordassem. Falei que eu iria conviver alguns dias e observa-las para que pudessem me ensinar algumas coisas que eu ainda precisava aprender sobre as crianças. Elas concordaram e responderam em alto e bom som num longo -"Siiaiiiiim!" Lembrei às crianças que em outros momentos eu perguntaria novamente sobre o que estavam achando da participação na pesquisa. Continuei: "Já que vocês permitem que eu fique na sala de vocês, vou dizer que com a Thais, podem tratar do assunto que quiserem, sem vergonha e sem medo de nada, pois a Thais não está aqui pra julgar ninguém. Eu quero poder conhecer vocês mais. Pode ser?" As crianças mostraram concordar, e eu continuei: "Então quero propor uma brincadeira", e comecei a cantar: "Atenção! (palmas) Concentração! (palmas), Vai começar! (palmas) a brincadeira (palmas) de falar (palmas) o seu nome (palmas) e algo que (palmas) você gosta (palmas)". Perguntei se eu podia começar, elas responderam que sim. E falei: "Meu nome é Thais e eu gosto de ir ao cinema". E assim cada criança foi se apresentando e falando do que gostava. Abaixo listei o nome de cada uma e o que ela disse que mais gosta de fazer. Já adiantaremos aqui os pseudônimos escolhidos por elas, visto que, como nos comprometemos junto ao Comitê de Ética, a identidade delas será resguardada. Depois sugeri às crianças que escolhêssemos um nome para as nossas brincadeiras, e expliquei que todas as vezes que eu estivesse ali, seria como se estivéssemos em uma bolha gigante e que quando entrássemos nela seríamos quem quiséssemos ser, e propus: "Que tal escolhermos um personagem? Pode ser quem vocês quiserem, personagens de histórias em quadrinhos, desenhos animados, cantores, personagens da televisão, enfim, vocês é quem definem". Sugeri às crianças a escolha de personagens com que se identificassem e/ou de que mais gostassem.

Abaixo elenco a escolha dos pseudônimos, relacionando-os às atividades preferidas de cada criança, tal como elas as apresentaram nesse primeiro encontro.

<b>PERSONAGEM</b>	<b>ATIVIDADE QUE MAIS GOSTA DE REALIZAR</b>
<i>Thor</i>	Soltar pipa.
<i>Batman</i>	Jogar futebol.
<i>Sr. Batata</i>	Assistir DVD da Magali e da Mônica.
<i>Ludmilla</i>	Brincar de boneca.
<i>Barbie Letícia</i>	Tomar sol.
<i>Michael</i>	Ir à praia da Barra da Lagoa.
<i>Isabela</i>	Ir à praia.
<i>Homem Aranha</i>	Ir ao <i>Brinca Mundi</i> .
<i>Manuela</i>	Ir à praia.
<i>Hulk</i>	Ir ao cinema.
<i>Homem de Ferro</i>	Andar de bicicleta.
<i>Mc Pedrinho</i>	Dançar funk. Música preferida: “Baile de favela”.
<i>Barbie</i>	Ir ao Parque Tupã.
<i>Mc Jerry</i>	Dançar funk: “A do bumbum granada, profe! Eu gosto das música do Mc Jerry”.
<i>Ben 10</i>	Ir ao cinema.
<i>Anitta</i>	Assistir DVD da Barbie.



Figura 2: Pseudônimos escolhidos pelas crianças e a seguir a atividade que mais gostam de fazer

A seguir, trago algumas informações sobre os personagens da cultura midiática que acredito estarem associados às escolhas dos pseudônimos feitas pelas crianças. A facilidade com que elas escolheram seus personagens já confirmou, de início, a forte presença das referências da indústria cultural de entretenimento no imaginário das crianças. Ao mesmo tempo, quando elas dizem o que mais gostam de fazer, 10 citaram atividades ao ar livre, enquanto apenas 6 citaram atividades diretamente ligadas à indústria cultural.

**Thor** – É um personagem de super-herói americano, inspirado em lendas vikings. Caracteriza-se por ser um deus dos trovões e das batalhas, usa como arma um martelo. Está associado aos trovões, relâmpagos, tempestades, força.

**Batman** - Conhecido também como cavaleiro das trevas, é um dos mais famosos super-heróis de filmes, desenhos animados e em quadrinhos, de origem americana.

**Sr. Batata** - Mr. Potato Head, traduzido para o português como: "Senhor Cabeça de Batata", é um dos personagens do filme americano *Toy Story* (Estúdios Pixar, 1995), cuja característica principal é ser sarcástico, engraçado, além de seu formato de batata.

**Ludmilla** – é uma cantora e compositora brasileira de funk e música pop que ficou conhecida em 2012 com a canção "Fala Mal de Mim", sendo um de seus maiores sucessos a música "24 horas por dia". Segundo a menina, ela escuta as músicas no rádio, e assiste a cantora na televisão.

**Barbie** – boneca criada em 1959, produzida pela empresa estadunidense Mattel. A boneca original apresentava uma beleza padronizada, sendo loira, magra, alta e de olhos azuis.

**Barbie Letícia** – Modelo da boneca Barbie criado em 2015 para homenagear a rainha Letícia, da Espanha. A boneca apresenta os mesmos padrões de beleza das mais antigas: é loira, magra, alta e de olhos azuis, diferenciada apenas pelas mechas mais escuras nos cabelos.

**Michael** – personagem dos jogos de vídeo game GTA (*Grand Theft Auto*), cuja tradução significa ‘Grande roubo de carros’. O game é de origem estadunidense, e o personagem principal, Michael, é um criminoso, que se torna especialista em tiros e que junto com seus comparsas realiza roubos, assaltos e assassinatos durante o jogo. De acordo com relato do menino, seu personagem escolhido era do game GTA.

**Isabela** – personagem da novela *Cúmplices de um Resgate*, exibida pela emissora SBT, uma regravação da telenovela mexicana *Complices al rescate*. A personagem na trama tem uma irmã gêmea chamada Manuela, e ambas trocam de lugar uma com a outra. Assim que a menina escolheu seu pseudônimo, acrescentou: "É de *Cumplices de um Resgate*, profe!".

**Manuela** – Outra personagem da novela *Cúmplices de um Resgate*, irmã gêmea de Isabela.

**Homem Aranha** - Super-herói clássico dos quadrinhos, inicialmente publicado pela Marvel Comics e depois muitas vezes recriado no cinema e na televisão e em muitos outros produtos comerciais.

**Hulk** - Também conhecido como Incrível Hulk, é um super-herói dos quadrinhos criado nos anos de 1960, recriado muitas vezes também

no cinema, na televisão e em muitos outros produtos comerciais. Tem como característica seu tamanho grande e sua cor verde.

***Homem de Ferro***<sup>22</sup> - (*Iron Man*, em inglês) tradicional super-herói criado para os quadrinhos por Stan Lee em 1963, tornou-se um dos personagens mais conhecidos da Marvel, tendo sido adaptado diversas vezes para desenhos animados e cinema.

***MC Pedrinho***<sup>23</sup> - Pedro Maia, cantor brasileiro de funk adolescente, ficou conhecido no Brasil com a música "Dom Dom Dom", cujo vídeo clipe oficial teve mais de vinte milhões de visualizações na internet. Canta também músicas com temas sexuais, consideradas como impróprias para a sua idade. Neste sentido, em 2015 suas músicas tiveram uma tentativa de proibição pelo Ministério Público dentro do território brasileiro.

***MC Jerry*** – Cantor do gênero funk, de 21 anos, natural da Bahia e radicado em São Paulo. A música “Bumbum granada”, foi a porta de entrada para o sucesso dele e do parceiro de dupla MC Zaac.

***Ben 10*** – Desenho animado norte-americano produzido pelo "Cartoon Network Studios". O personagem Ben 10 é um garoto de aproximadamente 9 a 10 anos, que utiliza um dispositivo alienígena nos braços (semelhante um relógio) chamado de "Omnitrix. Este dispositivo faz com que ele transforme-se em alienígenas e com essas identidades ele luta em favor do bem contra outros alienígenas que estão do lado do mal. O desenho é exibido na TV aberta pela emissora SBT no programa *Bom Dia e Cia* e também no canal por assinatura *Cartoon Network*.

---

<sup>22</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem\\_de\\_Ferro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_de_Ferro) Acesso em: 03/12/2016

<sup>23</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/MC\\_Pedrinho](https://pt.wikipedia.org/wiki/MC_Pedrinho) Acesso em: 04/12/2016

**Anitta** – Larissa de Macedo Machado é o nome verdadeiro da cantora do gênero pop, dance e R&B. Apresentou alguns programas como na Rede Globo de televisão, “*Sai do chão*” (2014), e na Multishow *Música Boa Ao Vivo* (2016). Com 23 anos de idade, a cantora está no auge do sucesso, tendo iniciado a carreira em 2010.<sup>24</sup> Uma das suas músicas de maior sucesso foi “Show das Poderosas” (2013), e na época desta pesquisa sua música mais tocada nas rádios e apresentada na televisão era ‘Sim ou não’ (2016), cantada ao lado do cantor colombiano Maluma.

Nos outros dias que se seguiram fomos conhecendo as outras crianças do grupo, que escolheram como pseudônimos os seguintes:

**Policial** – profissional que trabalha em serviço da população e atua na segura pública.

**MC Biel**<sup>25</sup> - Gabriel Araújo Marins Rodrigues, nasceu em 1996 “é um cantor brasileiro de pop e funk melody. Em abril de 2015, devido ao sucesso que fez na internet, assinou um contrato com a gravadora Warner Music”.

**Ladybug** - *As Aventuras de Ladybug* (ou *Miraculous*), é uma série de animação nipo-franco-coreana. Por meio dos personagens a indústria cultural dedica-se a produzir além de brinquedos como bonecos, fantasias dos personagens, maletas, como roupas e muitos outros acessórios para as crianças. Algumas crianças afirmaram assistir a série em DVD e no computador, remetendo-se assim ao uso da internet.

**Ariel** - Personagem-título de filmes da Walt Disney Pictures, como *A Pequena Sereia* (1989). Faz parte da linha das princesas da

---

<sup>24</sup> Mais informações ver em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anitta> Acesso em: 04/12/2016

<sup>25</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Biel\\_\(cantor\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Biel_(cantor)) Acesso em: 04/12/2016

Disney, e gerou muitos produtos produzidos por meio da figura da linda sereia de cabelos vermelhos, tais como: materiais escolares, brinquedos, roupas, calçados etc.

*Super Mario*<sup>26</sup> - "é um personagem fictício da franquia e série de jogos eletrônicos Mario da Nintendo, criado pelo desenvolvedor e designer de jogos eletrônicos japonês Shigeru Miyamoto". Foi conhecido também como o mascote da marca 'Nintendo', e desde sua criação apareceu em aproximadamente 200 jogos. Como o menino participou apenas de dois dias da pesquisa, não consegui saber ao certo se ele tinha conhecido o personagem pelo game, ou na TV.

Voltando ao primeiro dia de pesquisa: conversei com o grupo de crianças sobre a proposta de elas permitirem que eu as filmasse no meu celular enquanto elas brincavam, sendo que o nosso combinado seria que elas falassem as palavras mágicas "Câmera Ação!". Desta forma, toda vez que uma criança mencionasse estas palavras, estaria ao mesmo tempo dando consentimento e convidando à participação das demais, para "entrarem na brincadeira". Eu disse ainda que toda vez que eu estivesse ali o nosso maior assunto seriam brincadeiras. E logo as crianças toparam e demonstraram entusiasmo!

Depois de alguns minutos na roda, conhecendo um pouco mais as crianças, as convidei para irem ao parque, e enquanto nos organizávamos vi MC Jerry vibrando com a ideia: ele começou a dançar e rebolar num ritmo de funk, olhando-se no espelho, e depois correu em direção ao parque. Neste espaço externo estavam mais outros dois grupos, mas isso não impediu que eu observasse atentamente as ações das

---

<sup>26</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario\\_\(personagem\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario_(personagem)) Acesso em: 04/12/16

crianças do "nosso" grupo. Eu circulava pelo parque, conversava com algumas crianças, enquanto via que muitas delas estavam brincando de pega-pega. Quando vi que Thor e MC Jerry estavam os dois brincando no mesmo balanço, cantando uma música, me aproximei e ouvi: "Ho ho ho, há há/ Feliz natal vou desejar/ Ho ho ho há há/ Feliz natal vou desejar". Quando viu que me aproximei, Barbie, que estava atenta às minhas observações, percebeu meu interesse, então olhei para os meninos e disse: "Poxa, nunca ouvi essa música, legal!" E Barbie respondeu: "É do 'intube' profe!" E os meninos continuaram a cantar o refrão.

Esse fato nos dá indicativos sobre as relações das crianças desta comunidade, não apenas com os conteúdos televisivos, mas também com aqueles disponíveis na internet, e também do acesso relativamente fácil que essas crianças da educação infantil, com idade entre 5 e 6 anos, têm a esses recursos tecnológicos. Segundo a pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2015*<sup>27</sup>, o acesso à internet entre crianças e jovens entre 9 e 17 anos, especialmente via celular, é fortemente disseminado em todas as classes sociais, ainda que permaneça a desigualdade na intensidade de acesso entre as classes sociais. Embora essa pesquisa não tenha estudado as crianças com menos de 9 anos, ela informa a idade do primeiro acesso: 5% das crianças das classes D e E tinham acessado à internet pela primeira vez antes dos 6 anos de idade, e 10% na classe C.

Muitas produções de mídia, assim como uma diversidade de "novas formas midiáticas" (BUCKINGHAM, 2007, p. 120) que antes eram inacessíveis tornaram-se na atualidade mais acessíveis ao "consumo doméstico". Nesse processo o mesmo autor argumenta "que as fronteiras

---

<sup>27</sup> Pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2015*. Disp. em: <<<http://cetic.br/tics/kidsonline/2015/criancas/A3/>>>

entre a produção e o consumo e entre a comunicação de massa e a comunicação interpessoal começam a desmoronar” (idem). É certo que as tecnologias, principalmente TVs, celulares, computadores e notebooks tornaram-se mais acessíveis a grande parte da população brasileira, especialmente a TV e o celular. Mesmo diante dos preços que ainda continuam caros para grande parte da população brasileira, ainda assim estão mais acessíveis hoje do que comparados há alguns anos atrás quando apenas uma elite minoritária possuía esses aparelhos em casa.

Ao chegar em casa estava curiosa para saber sobre aquele vídeo no qual as crianças haviam falado. E ele consta em uma página do *youtube*<sup>28</sup>. Ao assistir ao vídeo, percebemos adolescentes cantando a música: MC Brinquedo, MC Pikachu, MC 2K e MC Bin Laden. Na análise do vídeo, podemos ver crianças, adolescentes cantando e dançando entre decorações e figurinos natalinos no ritmo de funk, sendo que os conteúdos e mensagens da música, o cenário e as próprias imagens, podem ser consideradas apropriadas para as crianças.

*Aqui é o MC Brinquedo/ Tá mandando na moral  
/Natal, natal /O meu som é feliz natal /Natal, natal  
/O meu som é feliz natal /Tava na rua com o papai  
noel /Entregando os presente /E fazendo jingle bell  
/Eu falei assim /Vamos fazer um acordo /Vamos  
dar presente /Pra quem estudou o ano todo /Tá  
gostoso, tá sensacional /A todos os fãs um feliz  
natal /Tá gostoso, tá sensacional /A todos os fãs  
um feliz natal /Nesse final de ano /A gente vai  
comemorar /É a KL produtora Joga as duas mãos  
pro ar Bololô, ha ha /Feliz natal vou desejar  
Bololô, ha ha /Feliz natal vou desejar /Bololô, ha*

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=J0kWN0THs9o>>>  
Acesso em: 08/10/2016.

*ha Feliz natal vou desejar /Bololô, ha ha /Feliz natal vou desejar (Música Feliz Natal, Feliz Natal).*

Penso nos diferentes ritmos e gêneros musicais como modos de manifestar as diversas culturas que encontram-se enraizadas tanto nos contextos mais populares como nos eruditos. E como sempre refleti enquanto professora, continuo com as mesmas convicções de não podemos nós professores e/ou pesquisadores impor às crianças quais culturas são melhores ou piores, especialmente no contexto teórico de nossos autores de referência, como Martin-Barbero e Buckingham, marcado pela crítica ao elitismo cultural. Diante das diversas culturas e suas manifestações, quem somos nós para impor às crianças nossos gostos e ideologias? Enquanto professores, acredito que é o nosso papel buscar propiciar o maior número de vivências estético-culturais às nossas crianças, no sentido da ampliação e enriquecimento de seu repertório. Mas neste momento o que estava em jogo era conhecer mais de perto a experiência cultural das 25 crianças participantes da pesquisa, seus gostos e preferências, e como elas se relacionam com os conteúdos para adultos presentes nas mídias, sobretudo a televisão.

Instantes depois da conversa com as crianças sobre o vídeo que haviam visto no *Youtube*, observei também no parque as crianças brincando de super-heróis e escutei as falas: Thor: “Bala de canhão”. E Homem-Aranha: “Agora você vai ver o meu poder!”<sup>29</sup>, ao disparar teias

---

<sup>29</sup> Ver em ODININO, Juliane Di Paula Queiroz: *Super heroínas em imagem e ação: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.



imaginariamente. Aqui o que observamos são as relações de poder atrelados aos personagens de super-heróis e outras questões que não pretendemos focar.

Observei um grupo de meninas cantando ao brincar no balanço, como não identifiquei a canção, me aproximei e disse: "Que música linda! Não a conhecia". Então as meninas me responderam que era a música da novela *Cúmplices de um Resgate*. Identifiquei a palavra "Superstar" na música<sup>30</sup> ao ouvi-las cantando e decidi então pesquisar na internet. Mais adiante, no próximo registro do diário de campo voltei a falar sobre a mesma música.

Depois *MC Jerry* se aproximou de mim, perguntou se agora eu ficaria sempre com eles; expliquei então que viria algumas vezes ali, não todos os dias como as profes do seu grupo. Ele se aproximou de mim novamente e disse: "Ô profe, tu sabes que meu pai é DJ? É, e ele toca pagode". Esse apontamento, demonstra um pouco sobre os gostos musicais do menino e a sua forte relação com músicas deste e de outros gêneros como também o funk, que abordo mais à frente.

Depois as crianças entraram e vieram jantar. Após a janta as crianças fizeram a higiene e aos poucos vieram para o tapete. Aproximaram-se de mim e conversamos mais um pouco. Enquanto isso, vi algumas crianças brincando de faz-de-conta na reprodução de papéis sociais: *Anitta* colocava um toco de madeira no ombro, como se fosse um celular, e dizia falar com o marido, enquanto ela arrumava e fazia as tarefas da casa.

---

<sup>30</sup> Disponível na página: <https://www.youtube.com/watch?v=-Ap3IaRz81U>. Acesso em: 08/10/2016.

E nesta tarde findava o primeiro encontro que eu havia por tanto tempo planejado e esperado. Saí da creche muito feliz e com muita esperança de que aquelas crianças me ajudariam e muito a pensar sobre os materiais que estão sendo oferecidos às crianças por meio da televisão.

## **2º dia de pesquisa** **Dia 14/10/16**

Neste dia, após uma semana da primeira ida a campo, havia 18 crianças na sala. Assim como da outra vez, no momento que cheguei as crianças estavam dormindo, e à medida que elas foram acordando e se levantando, eu as fui auxiliando a colocar o calçado, me aproximando assim para conversar com cada uma delas.

Depois do lanche, sentamos na roda com o grupo, e com as professoras. Falei com as crianças sobre a minha vinda novamente ali. E logo MC Jerry me interrompeu dizendo: “Por que tu não veio mais aqui com a gente nos outros dia? ”. Respondi, explicando novamente às crianças que eu estaria ali com elas uma ou duas vezes por semana. Hulk fez sinal com dedinhos, simbolizando o número dois, dizendo: “Só duas? ”.

Me apresentei novamente, pois havia algumas crianças que não tinham estado na semana anterior, falei que não precisariam ter vergonha de mim, e repeti a proposta de que quando eu entrasse ali, era como se nos imaginássemos em uma bolha gigante onde poderíamos ser quem quiséssemos ser. Escolhemos os pseudônimos junto com as outras crianças do grupo, e perguntei novamente se poderia continuar ali, e se elas gostariam de me ajudar na pesquisa a que estava me dedicando, e que

a participação delas seria fundamental. Mais uma vez, responderam com um longo “simmmm!”.

Mencionei ainda que meu objetivo ali não era julgar nenhuma criança, nenhuma brincadeira, palavras, frases, que nem se preocupassem até mesmo com aquelas regras que existem na sala, do tipo "não falar palavrões", e que para dialogar sobre qualquer assunto comigo não necessitariam ter vergonha, pois poderíamos conversar abertamente sobre qualquer coisa. Vi que as crianças ficaram atentas olhando para mim e nada disseram, então continuei falando, dando exemplos dos temas problemáticos que poderíamos conversar, se elas quisessem trazê-los, tais como: notícias, violência, músicas, sexo (neste momento houve algumas risadas, outras crianças permaneceram atentas à minha fala, demonstrando interesse).

Na roda conversei com o grupo sobre a proposta desse dia, explicando que a ideia era que, por meio do desenho, elas mostrassem o que fazem quando não estão na creche, desde o momento que acordam até o momento em que dormem. Expliquei que a rotina no espaço da creche eu já conhecia, então queria saber um pouco mais como era a vida delas fora da unidade educativa. Frisei bem a questão: *o que você faz quando não está na creche?* Quando percebi que não havia mais dúvidas, distribuí as folhas de papel com seis quadradinhos, que poderiam ser todos preenchidos ou não, ficaria a critério de cada criança nos contar o que fazia parte do seu dia.

Em relação a Metodologia de pesquisa utilizando os desenhos produzidos pelas crianças Martins Filho (2010) destaca que ainda que essa estratégia apareça em menores proporções, é de grande importância metodológica. “O desenho infantil é considerado uma produção cultural

das crianças e um instrumento revelador das representações infantis” (24). Segundo o autor, a justificativa mais comum nas pesquisas que utilizam essa metodologia é que a iconografia representa as formas que as crianças apresentam de reconstruir o espaço da instituição/creche como o lugar da própria da infância. Entretanto, o mesmo autor destaca, mais do que o simples ato de desenhar, especial tarefa é a de interpretar os desenhos emendados aos “olhares e a falas de seus autores – as crianças” (idem).

Durante a pesquisa e mediante a metodologia com o uso dos desenhos das crianças, procurei ficar atenta a cada fala, cada gesto, também posteriormente proposta fui escutando o que as crianças tinham a dizer sobre os desenhos e procurei valorizar cada detalhe.

Apresento a seguir o registro dessa atividade. Para melhor organização das ideias, coloquei primeiro os registros fotográficos de cada produção e o pseudônimo que cada criança escolheu, seguido dos relatos das crianças em relação ao desenho:

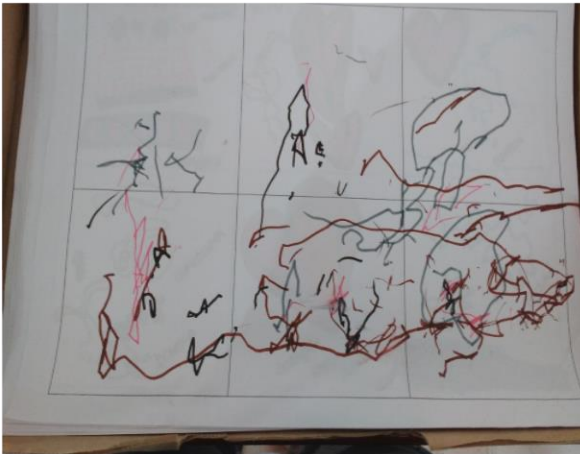


Figura 3- Desenho de Sr. Batata – 14/10/2016

**Sr. Batata.** Como a menina é portadora de necessidades físicas especiais, tem algumas limitações neste sentido, mas com a ajuda da professora de educação especial conseguimos fazer com que ela relatasse cada rabisco que fazia, até porque a cada rabisco a criança atribui um significado. Ela foi narrando: “Em casa eu brinco de boneca”. Depois, apontando para outro rabisco, disse: “Eu vejo TV!” Perguntei então: “Quais programas tu gostas de assistir?” Ela respondeu que eram os DVDs dos “Malaquias” e “Toy Story”. E a professora que a acompanha acrescentou que a menina é muito “antenada” nos personagens do momento que estão em alta nas mídias.



Figura 4 – Desenho de Chiquititas – 14/10/2016

**Chiquititas** - No primeiro quadrinho a menina desenhou uma TV, um controle remoto e um armário, e quando perguntei o que ela gostava de ver na televisão, sua resposta foi: “Eu gosto de ver *Chiquititas*”. Perguntei então se existe algum programa que ela assiste junto com a família, sua resposta foi: “*Cúmplices de um Resgate*. Ah, a

gente vê também o *Programa do Ratinho*. Todo dia quando eu chego em casa eu deito na cama da minha mãe e vejo um monte de desenho na internet”. Relatou ainda que brinca de boneca, de fazer de conta que é mamãe e de fazer comidinha.



Figura 5 – Desenho de Hulk- 14/10/2016

**Hulk-** O menino disse que no quadro 1 era ele brincando com a espada. No 2: -“Tá eu e minha prima pequena vendo TV”. E relatou gostar de assistir TV: “A gente assiste desenhos e *Eu sou Luna*”, que segundo ele é um filme. Disse que gosta de assistir também *Ladybug*. E perguntei o que ele assistia junto com a família e sua resposta foi: “Jogo de futebol”. No quadrinho 3: “Sou eu e minha mãe fazendo comida”. No quadro 4: “Eu jogando bola com meus amigos”. No quadro 5: “Eu e minha mãe dormindo”. E quando perguntei qual objeto era aquele ao lado, sua resposta foi "TV". No quadro 6: “Eu e minha mãe colhendo frutas da horta, não é na minha casa, é na minha bisa”.



Figura 6 – Desenho de Barbie Letícia – 14/10/2016

**Barbie Letícia** - Ela desenhou no quadro 1 uma figura que representa o momento das refeições, dizendo: “Aqui ó, é a carne, depois o macarrão, depois a carne, o macarrão e ovo. No quadro 2 ela desenhou a mamãe, e ela como se estivesse dentro da barriga dela, ambas assistindo TV. Quando perguntei o que ela assistia, respondeu: “Eu assisto *Carrossel* e *Chiquititas*. E tem aquele outro negócio que tu falou”. Perguntei “que negócio?” E ela, um pouco encabulada, falou-me no ouvido bem baixinho: “Sexo! ”. E tu assistes junto com a mamãe ou com alguém na tua casa? “Não. Eu assisto escondido. Uma vez eu pedi o controle pra minha mãe, eu disse que era pra assistir desenho, mas eu quis ver isso aí!” (e preferiu não continuar mais). No relato da menina percebo que ela tem curiosidade em saber mais, e talvez a necessidade de dialogar mais sobre sexualidade e sexo. Sabemos que as crianças têm curiosidade sobre esse assunto, e evidentemente devemos dialogar com elas sobre o

tema, sempre considerando a idade e a maturidade da criança, sendo que o modo como falamos é de suma importância.



Figura – 7 Desenho de Manuela- 14/10/2016

**Manuela** - No quadro 1, a menina desenhou brincar de bonecas, e no quadro 2, assistir televisão: “Eu assisto TV, vou no cinema, assisto filme de terror de uma menina que eu tenho medo! ”. Perguntei: “Mas este filme assistes onde? Em casa ou no cinema?” Ela respondeu: “Em casa. Quando perguntei que filme era, ela respondeu: “Sei lá, eu tenho medo, acho que é de uma menina sangrenta”. Depois acrescentou: “Eu gosto do programa do Raul Gil, que é um tipo de programa bem legal, que tem canção das crianças”.





Figura 8 – Desenho de Ariel – 14/10/2016

**Ariel** - A menina desenhou na maioria dos quadros ela brincando com a mãe, a irmã, e o cachorro. No quadro 5, ela apresentou a irmã, uma TV e um sofá. E quando perguntei o que assistia na televisão, mencionou: “Eu gosto da Frozen!” Perguntei: “tem algum outro que você também assiste? E ela: “*Cúmplices de um Resgate!*”.



Figura 9 – Desenho de Power Rangers– 14/10/2016

**Power Rangers** - Em seus quadros, o menino desenhou animais como cachorro e rato. No quadro 3, desenhou o boneco "Minions", que disse adorar. No quadro 4, desenhou uma TV. No quadro 5, desenhou sua família, uma mesa com cereal e uma caneca, e segundo sua descrição eles tomam café da manhã juntos e assistem TV. Perguntei "o que vocês assistem? E ele: "Eu gosto de *power rangers*, de desenho, e tem um filme que eu assisto que é assustador e me dá um medo!" (falou tremendo).



Figura 10 – Desenho de Thor – 14/10/2016

**Thor-** No quadro 1, o menino desenhou seu cachorro, uma casa e uma pessoa cozinhando. Em todos os outros registros desenhou brincadeiras de carrinhos.



Figura 11 – Desenho de Ben 10 – 14/10/2016

**Ben 10** - Ele criou uma história em quadrinhos do personagem pelo qual é fascinado, o "Ben 10". A cor predominante em sua narrativa foi o verde, a mesma do personagem, modificando apenas as cores dos cabelos, ou dos inimigos do Ben10. Sobre o primeiro quadrinho, ele relatou:

O zumbi, e caiu um meteoro, daí ele virou um herói. Mas ele não sabia usar o poder dele mas usou aqui [apontando para o quadrinho 2, ao lado]. Aí tava [o Ben 10] lutando com uma aranha. Depois um cara com uma flecha que se transforma numa massa cinzenta [no quadrinho 5]. Lutando com um lobo. [No quadrinho 6] o Ben 10 se transformou no [personagem] Diamante.



Figura 12 – Desenho de Anitta – 14/10/2016

**Anitta** - No quadrinho 2 a menina desenhou um sofá e seu relato foi: “Eu vejo a Barbie e gosto também de ver a Anitta”. Perguntei onde ela via Anitta. “Não sei, mas eu gosto dela. E vejo na TV e escuto no som da minha casa”.



Figura 13 – Desenho de MC Jerry

**Mc Jerry** - Em seus comentários sobre os desenhos percebi que o tio é uma presença bastante importante na vida dele, e nos próprios desenhos podemos observar isso. Na maioria dos quadrinhos existem duas pessoas, uma seria ele, a outra o tio. Nos quadros 1 e 3: “Tô brincando com meu tio de luta”. Quadro 2: “Andando de bicicleta com a minha mãe”. No quadro 4, há desenhos de uma criança, que seria ele, e de alguns cachorros: “Brinco de atirar e brinco com meus cachorros”. “Nossa, mas você tem um montão de cachorros!” falei, acrescentando: “E o seu tio, é pequenininho ou grande?” “É grande! ”. Depois conheci pessoalmente o tio, que é adolescente e vem buscá-lo todos os dias, segundo relatado pelas professoras.

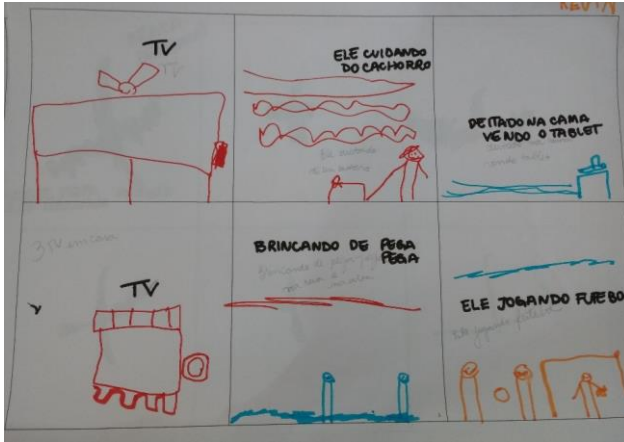


Figura 14 – Desenho de Homem Aranha

**Homem Aranha** - No quadrinho 1 o menino desenhou uma TV e disse: “Eu gosto de cartum e de desenho”. “E quando você está com sua família assistindo TV, qual programa assistem?” Ele respondeu: “Novela”, mas não informou quais. No quadrinho 2: “Brinco com meu cachorro”. No quadro 3: “Eu fico deitado na cama vendo o tablet”. No quadro 4 desenhou outra TV e afirmou ter 3 televisões em casa. No quadro 5: “Brinco de pega-pega na rua ou na área da casa da minha vó que é bem grande”. No quadro 6: “Sou eu jogando futebol”.

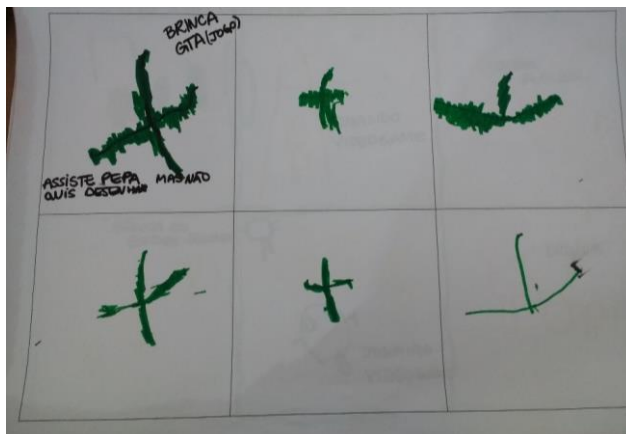


Figura 15 – Desenho de Michael – 14/10/2016

**Michael** - Segundo o relato dele, todos os registros representam o jogo de videogame GTA. Ele não quis conversar sobre o desenho, e a aproximação com Michael ainda necessitou de mais alguns dias. O nome do jogo - Grande Roubo de Carros - já nos dá indícios de sua temática. De acordo com a classificação indicativa, este jogo não é recomendado para menores de 18 anos.



Figura 16 – Desenho de Batman – 14/10/2016

**Batman-** No quadro 2 o menino desenhou ele mesmo em casa jogando videogame e disse: "Eu jogo homem aranha, homem de ferro." Perguntei: "Mas isso é um desenho ou um jogo de videogame?", e logo ele respondeu: "Videogame! ”.



Figura 17 – Desenho de Ludmilla – 14/10/2016



**Ludmilla-** Em seus desenhos a menina registrou que a atividade que mais realiza fora da creche é brincar de boneca. Isso apareceu na maioria dos quadrinhos.



Figura 18 – Desenho de Barbie – 14/10/2016

**Barbie-** No quadrinho 1 a menina desenhou uma TV. E o que assistes na televisão? “Desenhos eu gosto”. Quais? “Da Frozen”. E com sua família, quais programas você assiste? –“A novela da Tancinha<sup>31</sup>!” E qual personagem tu mais gostas? “A Tancinha”. Depois, no quadrinho 2, ela desenhou o pai e a mãe juntos, entretanto eles são separados. No quadrinho 3 ela descreveu brincar no parquinho. No 4: “Aqui é uma cama, eu fico dormindo né”. No quadro 5: “Eu brincando no balanço”.

<sup>31</sup> Refere-se à Telenovela *Haja Coração*, exibida pela Rede Globo, inspirada na antiga novela exibida também pela Globo, *Sassaricando*. A trama traz como personagem principal Tancinha, interpretada pela atriz Mariana Ximenes, que é uma feirante, e que em muitos momentos é mencionada por ‘seus belos melões’, referência aos seus seios. A telenovela foi exibida às 19 horas e foi ao ar até novembro de 2016, sendo situada pela Classificação Indicativa como adequada a partir dos 10 anos de idade.

No quadro 6, desenhou um cachorro, um carro, e segundo sua descrição ela passeia com o pai de carro.

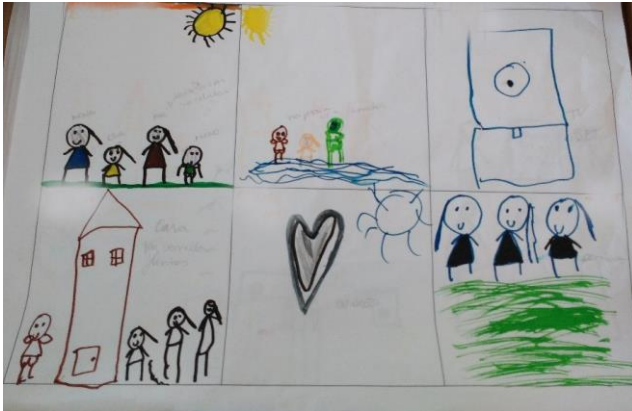


Figura 19 – Desenho de Ladybug – 14/10/2016

**Ladybug** - No quadrinho 1 a menina desenhou a irmã, ela própria, a mãe e o irmão. A menina apontou para a mãe e disse: “Ela deixa eu mexer no celular dela! ”. No quadro 2 ela está na praia com a família. No quadro 3 desenhou a TV, e quando perguntei o que significava o objeto, ela disse: “É uma televisão no SBT”. Perguntei: "O que tu gostas de assistir?" – “*Chiquititas e Cúmplices de um Resgate*”. E que programas você assiste com sua família? “A Globo”. No quadro 4 ela se desenhou fazendo comida com a família. “Às vezes a minha mãe deixa eu ajudar ela a fazer comida”.

Depois fomos ao pátio, onde as crianças estavam brincando com seus brinquedos pois a sexta-feira é dia do brinquedo. Eu cheguei um pouco depois, pois estava na sala com algumas crianças terminando de coletar os dados sobre os registros desenhados. Ao me verem, várias

crianças começaram a gritar ao mesmo tempo: "Câmera - Ação!". Ou seja, não consegui filmar a brincadeira de todas as crianças e percebi que elas falavam aquela expressão porque o amigo falava, ou talvez porque achassem legal. Decidi então filmar as brincadeiras espontâneas e disse às crianças que conversaríamos na roda novamente sobre esse assunto.

Pensei em conversar com as crianças na roda novamente e construir melhor com eles a ideia da brincadeira "Câmera-ação", que seria a expressão usada quando a criança ou um grupo delas estivesse brincando e quisesse que eu filmasse no meu celular a brincadeira. Entretanto, infelizmente isso não foi possível, pois logo depois veio o momento da janta, depois o da higiene e eu continuei coletando as descrições das crianças sobre cada quadro que elas haviam desenhado. Como preferi fazer isso com cada criança em particular, sei que o processo envolveu mais tempo do que eu tinha previsto, mas a qualidade do trabalho acredito ter sido a melhor possível, pois consegui conversar com cada criança, conhecendo um pouco mais do cotidiano delas quando estão fora do espaço da creche. Conversei sobre os desenhos sentada na cadeira na sala, somente eu e a criança. Depois vi no cantinho dos brinquedos um espaço gostoso para conversarmos, então sentei no tapete colorido no chão e fui chamando as crianças com quem ainda não havia conversado sobre o desenho e ao final fiquei muito feliz com os resultados.

O que podemos pensar a partir das produções e registros das crianças? Destaco que nosso objetivo com esse procedimento não era analisarmos os desenhos em si, em suas dimensões estéticas ou mesmo psicológicas. A ideia era a de conseguir escutar melhor as crianças, de forma mais lúdica e aberta a diferentes linguagens. As falas das crianças

sobre os desenhos, trazidas na íntegra, buscam uma forma de compreendermos melhor o que elas tinham a dizer, conforme todo o contexto e não apenas um recorte, como seriam apenas os registros por meio do desenho. Nesta perspectiva, penso que os comentários das crianças enriquecem e ampliam o sentido das análises.

Os desenhos e os relatos das 18 crianças que participaram da proposição daquela tarde permitiram saber um pouco sobre o que elas fazem em seu cotidiano, quando não estão na creche. E das 18 crianças que participaram, 14 demonstraram assistir televisão, tanto por meio dos desenhos como dos comentários sobre eles. E quando perguntei quais os programas mais assistem, as respostas foram variadas. Surgiram programas que são destinados para a infância, caracterizados pela classificação indicativa 'Livre', simbolizada pela letra 'L', que normalmente aparece no canto inferior da tela da televisão. Como também as crianças demonstraram assistir a programas e conteúdos considerados "próprios para adultos" de acordo com a classificação indicativa.

Segundo relato das crianças, 13 das 14 que trouxeram a televisão como parte da sua rotina no lar, gostam de assistir a programas classificados como 'Livres', sendo muitos deles pensados para o público infantil, e apenas 1 criança trouxe o jogo GTA, que, como mencionamos acima, é um jogo que envolve níveis altos de tensão emocional e violência, não sendo classificado como indicado para crianças. Destaco que algumas das mesmas crianças que afirmaram assistir a programas considerados próprios para a faixa etária delas, assistem também a programas com conteúdos adultos considerados inapropriados para a idade.

Para conhecer melhor a classificação dos programas mencionados pelas crianças, verifiquei a faixa etária a que eles correspondem, na Classificação Indicativa disponível no site do Ministério da Justiça<sup>32</sup>, chegando aos dados da tabela abaixo:

<b>Programa de TV</b>	<b>Gênero</b>	<b>Nº de crianças que afirmaram assistir</b>	<b>Classificação Indicativa</b>
<i>Cúmplices de um resgate</i>	Telenovela	3	Livre
<i>Chiquititas</i>	Telenovela	3	Livre
<i>Carrossel</i>	Telenovela		Livre
Cantora Anitta	Musical/Dance	1	Não encontrado
Desenhos animados	Animação	8	Livre
Filmes (Títulos n/especificados)	Diversos/ animação/ação/terror, etc.	2	Variável
Jogo de vídeo game <i>GTA</i>	Ação	1	18 anos
Jogo de vídeo game <i>Homem Aranha</i>	Ação/luta	1	10 anos
Novelas da Rede Globo Ex: <i>Haja coração</i>	Telenovela	1	10 anos
<i>Power Rangers</i>	Séries de ação, aventura e fantasia científica	1	Livre
Programas com cenas de sexo	Diversos	1	18 anos
<i>Programa Raul Gil</i>	Programa de auditório	1	Livre
<i>Programa do Ratinho</i>	Programa de auditório	1	14 anos

<sup>32</sup> Classificação indicativa. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/ClassificacaoIndicativa/EscolhaTipo.jsp>  
Acesso em: 28/10/2016

Figura 20 - Classificação Indicativa dos programas que as crianças disseram assistir

É importante destacar que um dos programas mencionados pelas crianças, que elas assistiam que é o caso da “Escolinha do professor Raimundo Nova Geração”, não está descrito na tabela, por ter sido mensurado em outro momento e em outro contexto pelas crianças.

### **3º dia de pesquisa**

**Dia 21/10**

Liguei para a Unidade apenas para frisar que eu estava a caminho da creche, pois já havia enviado o cronograma à supervisora e ele estava exposto na sala. Fui informada de que naquele dia haveria um baile a fantasia com as crianças de todos os grupos, e que o espaço a ser realizado seria a sala do G 6, no qual eu vinha desenvolvendo a pesquisa. Embora assim eu não fosse conseguir fazer o que havia proposto - a construção de uma televisão artesanal com as crianças, fiquei entusiasmada com a ideia de um bailinho. Como não havia pensado nisso antes para a minha pesquisa? Por meio da música as crianças nos demonstram seus gostos, gestos e sua cultura. Como não sabia previamente sobre o bailinho, não levei fantasia para mim, mas a professora auxiliar do grupo me emprestou uma gentilmente. Então me produzi, me maquiei e virei a fadinha negra. Eu já estava com uma roupa preta (isso ajudou), acrescentei acessórios pretos, asas, anteninhas e uma varinha. Depois fiz uma maquiagem preta com brilhos. Tudo que eu queria naquele momento era estar com as crianças e com as professoras sem que houvesse um olhar de estranhamento. Meu objetivo ali era me entrosar com as crianças, me

aproximar ainda mais daquelas envolvidas na pesquisa, e para isso eu precisava dançar, brincar, observar as crianças. Imaginem se em meio ao bailinho uma pessoa estranha à unidade, somente ela com roupas comuns, ficasse no espaço da sala apenas registrando em um caderno e fotografando? Acredito que não haveria aproximação com as crianças e muito menos faria com que as elas fossem participantes da pesquisa. Decidi que quando o baile iniciasse eu daria o meu melhor para interagir e ao mesmo tempo observar tudo que eu pudesse ali, pois pela minha experiência profissional, muitas coisas importantes emergem de momentos como este, inclusive a própria ideia de minha pesquisa.

As crianças foram se levantando do momento do soninho, a professora auxiliar de educação especial *Xuxa* (pseudônimo escolhido pela professora) ligou o som e colocou uma música com um ritmo que parecia um pop/funk, e aos poucos as crianças se levantaram alegres, algumas até dançando, e entusiasmadas. Quis prestar atenção no que dizia a letra da música, mas não consegui, pois à medida que as crianças acordavam vinham ao meu encontro me beijar, ou pedir para eu amarrar seus calçados. Depois do lanchinho servido na sala, começamos a organizar as crianças para o baile. Homem de Ferro dirigiu-se a mim com um cocar indígena na mão, dizendo: “Me ajuda a colocar? ”. E acrescentou: “Índio tem que pintar o corpo<sup>33</sup>!” Fui atrás então de tintas para pintura facial e pintei conforme ele pediu.

---

<sup>33</sup> Sales, Andrea, de L. Ribeiro e Sales, Macelo da Cunha. **Contribuições para desconstrução de estereótipos: a imagem do índio brasileiro.** Muito poderia ser dito para problematizar a visão estereotipada que ainda se tem nas escolas sobre os indígenas. Como o tema é amplo e importante e eu não teria condições de abordá-lo com a atenção que merece neste momento, deixo aqui o registro, e a sugestão de leitura de um artigo sobre o tema, em:

Depois disso muitas das crianças vieram até mim pedindo para eu pintar e desenhar o rosto ou as mãos delas. Considerando que se tratava de uma pesquisa participativa, e de um pedido das crianças, não pude me negar. Avisei que eu não era especialista nestes desenhos, mas que eu iria tentar fazer algo bonito. Peguei o modelo na internet da teia de aranha que a grande maioria dos meninos me pediu e a desenhei nas mãos deles. Alguns pediram que fizéssemos neles a máscara do Homem Aranha e a professora Rapunzel fez isso. Fiquei ali uns 30 minutos fazendo desenho nas crianças.

E chegou o momento do bailinho. A sala do G6 estava toda decorada com produções realizadas pelas crianças e também pelas professoras, criando assim um ambiente estético afinado com a proposta de Halloween<sup>34</sup>. Havia bruxinhas, chapeuzinhos de bruxa, máscaras, máscaras de super-heróis desenhadas, abóboras, tecidos pretos, luzes coloridas e um globo grande espelhado ajudaram a compor esse o cenário para o baile.

A festa iniciou com músicas de temas infantis cantados pela cantora Xuxa e outros, intercaladas com algumas músicas com temas originalmente produzidos para adolescentes ou adultos, como os seguintes hits: Ludmilla, “24 horas por dia”; Anitta, "Bang-bang", e "Show das poderosas"; Thiago Brava, no gênero sertanejo: "Amiga parceira", entre outros.

---

<http://www.ufrj.br/graduacao/prodociencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo7.pdf>

Acesso em: 05/12/2016

<sup>34</sup> Da mesma forma, para discutir e problematizar a promoção do Halloween nas escolas sugere-se a leitura do artigo disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodociencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo7.pdf> Acesso em: 06/12/16



Para breve discussão vamos analisar algumas das mensagens explícitas nas músicas, ressaltando que enquanto as músicas tocavam as crianças permaneciam cantando, dançando e brincando, aparentemente sem problematizar aquilo a que cada letra de música remetia. Elas estavam ali apenas sendo crianças, se divertindo ao som de músicas que circulam e são populares na comunidade na qual estão inseridas.

*Tu não tem nada pra fazer/E fica nessa agonia/Fala de mim, pensa em mim/Vinte e quatro horas por dia [...] Faz carinha feia/ Quando passa do meu lado/ Ainda por cima baba/ Me olhando de cima a baixo/ O novinho ficou maluco/ E até parou no tempo/ Quando eu mandei quadradinho/Mostrando o meu talento/ Calça apertada, bunda empinada/Dez vezes melhor que a sua namorada/ Para tudo: pego no copo/ Com a unha decorada/ Oh, mandada safadinha/ Eu já descobri seu truque/ Pra saber da minha vida/ Não sai do meu Facebook [...]*

Como podemos perceber, a música de autoria da própria cantora Ludmilla traz em seu conteúdo a mulher como um símbolo sexual, que com seu padrão de beleza e o modo como se veste, chama atenção tanto dos "novinhos" (garotos jovens) quanto das "mandadas". No momento em que a cantora diz "quando eu mandei quadradinho"<sup>35</sup>, muitas crianças se movimentavam, colocando a mão no joelho e requebrando-se em um ritmo lento. Quanto ao verso "Pra saber da minha vida, não sai do meu facebook", observamos que ele se transformou em uma espécie de slogan entre muitas pessoas, inclusive crianças, e pudemos perceber até mesmo

---

<sup>35</sup> Quadradinho de oito – dança do gênero funk cujo o objetivo é ficar com as costas no chão requebrando-se.

nas telenovelas personagens mencionando a mesma frase. Neste contexto, a criança pode apropriar-se da ideia de que para conhecer melhor alguém basta apenas acessar a página da rede social desta pessoa. E sabemos que conhecer verdadeiramente uma pessoa vai muito além disso.

E quanto à música interpretada por Thiago Brava, “Amiga parceira” de autoria dos funkeiros e compositores Menor e Pikeno, notei que fez o maior sucesso com as crianças deste grupo. Observei muitas delas cantando, vi especialmente MC Jerry dançando coreograficamente a música, com um lindo gingado, que me fez lembrar das danças africanas. Mas, diante do conteúdo das letras, e ao perceber que muitas crianças sabiam de cor cada palavra delas, isso me preocupou. Abaixo a letra da música ‘Amiga parceira’.

*Ela gosta muito de viagem/Vodka, tequila e breja/Mas sempre quando chama uma mina/ Escuta que o namorado não deixa/ Nunca foi por qualquer conversinha/ Que o coração dessa mina balança/ Mas se bem que não é culpa dela/ Se o dedo dela não curte aliança/ Mas é fácil de ver que sozinha/ Ela rouba qualquer cena/ Mas dessa vez não vai tá sozinha/ Porque toda loira tem sua morena/ E fazer elas de namoradas/ Isso todo mundo quer/ Manda passar outro dia/ Que a frase do dia é/ Amiga, parceira/ Só se for amiga solteira [...] Livre, louca, curte a vida/ E o melhor vou te dizer/ Não só sabe suas loucuras/ Mas vive elas com você.*

A música fala de duas amigas, e os cantores são os narradores e contempladores da beleza das duas moças. Destacamos que as preferências da "amiga" são viagens e bebidas alcoólicas, e ao deparar-se com a desaprovação do namorado ela decide seguir apenas suas vontades e ser livre. O conceito de liberdade explícito aqui não é só o de uma

mulher independente, o que seria muito positivo, mas o de poder beber aquilo que sentir vontade sem se preocupar com outras pessoas. E segundo a música, uma boa amiga é aquela que não tem compromisso com outras pessoas, para que assim possa dedicar-se apenas a amizade delas, caso contrário esta não é uma "amiga parceira".

Considerando que as letras das músicas são também formas de linguagem, preocupamo-nos em saber como nossas crianças irão se desenvolver e se constituir inseridas em uma cultura que não é delas e nem pensada para elas? É papel da escola promover um contato ainda maior das crianças com essas referências, que já parecem tão naturalizadas na cultura a ponto de serem apresentadas no bailinho da educação infantil? Não seria papel da educação, ao contrário, ajudar a mediar tais ideias e os valores que podem promover, por exemplo, do ponto de vista da constituição de gênero entre as crianças? Deixo essa questão anotada aqui e continuo compartilhando meus registros.

Ainda no bailinho as crianças dançavam naquele espaço, todos os grupos reunidos ali na sala do G 6. Percebi que algumas crianças do nosso grupo preferiram ficar sentadas conversando com os colegas, observando a festa. Em certo momento *Homem de Ferro* pegou um livro e ficou folheando suas páginas com olhar atento, como se ali não houvesse tantas informações sonoras e visuais, ou seja, em nenhum momento aquelas músicas pareceram chamar sua atenção. Mas a grande maioria das crianças dançavam e brincavam ao mesmo tempo.

A supervisora da creche apareceu fantasiada de policial, e as crianças adoraram sua fantasia. Num certo momento as crianças correram atrás dela e gritavam dizendo: "Vem, tem que achar a arma do bandido!". Correram por alguns instantes e logo voltaram para o local onde acontecia

o bailinho. Talvez a relação que as crianças estabeleceram a figura da policial possa ser em detrimento das observações que estabelecem na rotina de sua comunidade e nos arredores como é o caso da forte presença do tráfico de drogas e de policiais por ali.

No momento em que a música “Essa mina é louca” tocou, as crianças cantaram em coro, divertindo-se. E eu continuei ali, dançando com as crianças e observando atentamente cada uma delas, até que *Princesa* se aproximou de mim. Como mencionei anteriormente, ela teve paralisia cerebral ao nascer e tem algumas limitações, mas é muito esperta. Eu ainda não havia conseguido nenhum diálogo com ela, pois ela sempre ficava me observando cautelosamente, mas quando me viu dançando, pegou-me pelas mãos convidando-me para dançar com ela. Posso dizer que essa experiência foi linda, pois foi através da música que Princesa permitiu que eu me aproximasse dela. As professoras já haviam relatado sobre a dificuldade que ela tinha de expressar-se por meio da fala e com a música todas essas dificuldades pareciam não existir. Juntas, dançamos muitas músicas, ela grudou na minha cintura, não queria mais largar (risos).

Quando escutei a música-tema da novela *Carrossel* - “Entre duendes e fadas, a terra encantada, espera por nós” - me arrepiei, pois transportei-me a minha infância, quando assistia essa novela em sua versão mexicana, dublada na época. A emoção foi ainda mais forte quando escutei o coro das crianças cantando essa música. Sem dúvida essa foi a música que a maioria das crianças cantaram com maior entusiasmo. Percebi que elas gostam muito das músicas que são destinadas em sua gênese para os adultos, mas parece que algumas músicas, especificamente aquelas com temas infantis, têm mais

significado para as crianças. O que não há muito é a veiculação delas na televisão, para que as crianças tenham mais possibilidade de contato com aquilo que busca falar diretamente com elas.

Outro aspecto que observei foi quando se ouviu duas músicas da telenovela *Cúmplices de um Resgate* exibida pelo SBT. Lembrei que nos comentários de muitas crianças sobre seus desenhos, elas me diziam que assistiam essa novela, que até inspirou a escolha de alguns pseudônimos. A supervisora já havia perguntado previamente às crianças que músicas elas queriam ouvir. E as meninas foram quase unânimes em relação a música de abertura desta novela, “Superstar”:

*Óculos escuros, viagens e roupas caras/ Quero a vida de uma superstar/ Mordomo, motorista e um guarda-costas/ Eu sou a nova estrela que todos adoram/ Muitos autógrafos eu vou ter que dar/Britney e Shakira agora terão que se preocupar/ Ninguém pode tirar o desejo que eu tenho de brilhar! (Superstar) vou ser a nova estrela/ (Superstar) uh uh/ (Superstar) todos vão gostar/ (Superstar) no topo eu vou chegar, uh! /Mil paparazzis estarão fazendo fila/Pra simplesmente vir aqui me entrevistar/Milhões de fãs irão a todos os meus shows/ Ninguém pode tirar o desejo que eu tenho de brilhar!/ (Superstar) é por mim que você busca/ (Superstar) ah, ah/ (Superstar) super estrela/ (Superstar)/ Tenho os meus sonhos/ Sei que posso alcançar/ Sonhos distantes e por eles vou lutar/ Estou aqui, meu momento é agora sim/ Ninguém pode impedir o desejo que eu tenho de brilhar! [...]*

Observamos que o conteúdo dessa letra não seria classificado como "impróprio" para as crianças, até porque esta novela *Cúmplices de um Resgate* era um dos poucos programas endereçados para as crianças

que ainda permaneciam na programação das emissoras abertas no Brasil na época em que foi feita a pesquisa. Mas é evidente que os valores promovidos por essa música - consumismo e cultura à celebridade - podem ser discutíveis em relação à realidade da maioria das crianças brasileiras, e também a das crianças da comunidade do Monte Cristo. Essas representações culturais e sociais são postas e veiculadas a todo momento na mídia e muitas vezes apropriadas com naturalidade pelas crianças, como se o desejo legítimo de a criança tem de brilhar e realizar seus sonhos se reduza uma vida regada ‘a mordomias e roupas caras’ conforme incita música. Também aí poderíamos nos perguntar: é papel da escola promover esses valores, sem problematizá-los?

Em relação a Telenovela *Cúmplices de um Resgate*, ao assisti-la percebemos que ela trata de situações cotidianas como problemas familiares entre pais e filhos, marido e esposa, a qual busca um espaço no mercado de trabalho e o marido insiste que ela pare de trabalhar para cuidar da casa, e ela não concordando posiciona-se com muita convicção a importância do trabalho para ela. Este tema bastante problemático demonstra ainda nos dias atuais questões referentes a identidade de gênero, que percebo ser um ponto positivo trazer tais mensagens para que as crianças percebam essas relações já desde a mais tenra idade. A novela além de trazer como personagens muitas crianças traz uma linguagem visual colorida, alegre e a cada mudança de cena aparece uma espécie de tela de touch screen trazendo números, frases e imagens de maneira muito divertida. A novela ainda traz temas como a luta do bem contra o mal, comum em grande parte das histórias de super-heróis e conto de fadas. ‘Cúmplices de um Resgate’ ia ao ar na emissora SBT as 20:30

MC Jerry dirige-se à supervisora da creche que está colocando as músicas via internet pelo aplicativo Spotify<sup>36</sup>. E o menino pede: "Por favor, aquela do MC Pedrinho! Não tem problema, essa música pode, é bonita, fala de amor". Neste sentido, lembro que, a partir de todo o nosso referencial teórico, sabemos que as crianças não são meramente passivas na recepção dos diversos conteúdos ofertados pela TV e pelas diversas mídias. Ao contrário, são seres críticos, que expõem suas opiniões e argumentam suas ideias e ponto de vista. Dentro desta perspectiva, tenho claro que as crianças não apenas reproduzem tudo aquilo que observam, especialmente na TV, elas se apropriam e ressignificam o que lhes é ofertado. Isso, porém, não tira a responsabilidade dos adultos pela qualidade da provisão, ou seja, pela busca de oferecer o melhor às crianças, e não o pior. Como professora e pesquisadora, ao mesmo tempo que as contemplo, tento compreendê-las melhor, buscando fazer uma reflexão, ainda que breve, sobre a infância contemporânea, especialmente a das crianças que vivem nas periferias.

A supervisora então colocou para tocar a música que o menino havia pedido, intitulada "O nosso amor", interpretada na voz de MC Pedrinho, cantor ao qual as crianças, especialmente os meninos demonstraram identificar-se:

*Não conheci o amor/ Só conhecia a bondade/ E  
hoje conheci você/ Que é amor de verdade/ O teu  
jeito de sorrir/ O teu jeito de falar/ Fico meio  
perturbado/Quando vejo seu olhar/ Você é quem*

---

<sup>36</sup> Spotify- é um serviço de música comercial e vídeo comercial que fornece conteúdo provido de restrição de gestão de direitos digitais de gravadoras e empresas de mídia. Para encontrar as músicas, basta navegar e escolher em uma das opções como: artista, gênero, lista de produção ou gravadora. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Spotify> Acesso em: 07/12/16.

*me faz feliz /E me faz delirar/ E você quem fez/ Eu por ti se apaixonar! /Vou estar com você/ Quando mais precisar/ Querendo ou não querendo/ Comigo pode contar/ Duvide da luz dos astros/ Que o sol tenha calor/ Dúvida até da verdade/ Mas confia em mim amor/ Mas confia em mim amor*

Acredito que a identificação do menino com o cantor MC Pedrinho possa ser em razão de este ser um adolescente de 14 anos, com uma voz que percebemos ser ainda bastante infantil. Mas é importante também frisar que ele é autor e intérprete de muitas outras músicas do gênero chamado de "funk ousadia", cujas músicas trazem conteúdos que consideramos totalmente inapropriados para crianças e até mesmo para adolescentes de sua idade.

No momento em que tocava a música do cantor MC Pedrinho, observei muitas crianças cantando, até mesmo aquelas que estavam sentadas, e que preferiram não dançar, como *Homem Aranha e Policial*. Acredito que em todas as circunstâncias sempre há algo ou alguém que nos toca mais, e *MC Jerry* foi uma das crianças que me chamou a atenção em muitos os momentos, tanto nos registros por meio dos desenhos e dos relatos, como em suas brincadeiras espontâneas. No bailinho não foi diferente, prestei muita atenção no modo como o menino se expressava, o movimento do seu corpo, como dançava, o gingado e o quanto demonstrava ser apaixonado por músicas.

Conversei com a supervisora e disse que todos aqueles elementos que as crianças estavam me trazendo naquele momento eram preciosos, e que as músicas também são produtos veiculados na mídia, inclusive na TV, por isso seria importante saber o que de fato as crianças gostam e veem e/ou escutam quando estão em casa. Um pouco depois, ela foi ao encontro de *MC Jerry* e disse a ele que ia colocar a música que ele havia



pedido, mas advertiu: “A gente sabe que essa música não pode”!, querendo dizer que aquele não seria o espaço para ouvir aquela música, mas que ela atenderia o pedido dele e dos colegas. A música escolhida foi “Bumbum granada”. Parti a filmar, mas eis que a câmera do meu celular apagou. Reiniciei o celular e nada, de novo. Tentei não me desesperar, apesar de saber que aqueles eram momentos ricos para a pesquisa. Decidi pedir ajuda das professoras e da supervisora, que me emprestaram uma câmera para filmar.<sup>37</sup> Foi um pouco corrido, mas no fim deu tudo certo, consegui fotografar e filmar alguns momentos de dança das crianças com a música escolhida:

*[...] Vários homem bomba/ Bomba, bomba, bomba, bomba aqui/ Vários homem bomba/ Lomba, lomba, lomba, lomba lá [...] Os mano tá tipo bomba /E as mina bumbum granada/ Vai taca/ Taca, taca, taca, taca, taca [...] Beleza, tá querendo peitá/ Só que tu não entende nada/ Se quiser pode vim/ Que essa mina é preparada/ Melhor dá espaço pra ela/ Porque a potência é braba/ Vai taca, taca, taca [...]*

E por fim filmei as crianças, ambos cantando e dançando juntos a música “Bumbum granada”: Mc Jerry, Mc Pedrinho, Batman, Huck, Policial e outras crianças. Percebi duas meninas dançando juntas no canto da sala: Ludmilla e Ladybug. Ambas as crianças dançavam cada uma a seu modo, mas que lembram muito os movimentos dos cantores no clipe disponível no youtube e nas apresentações nos programas de televisão, que eram reproduzidos pelos meninos, *Ludmilla e Ladybug* dançavam de modo semelhante as dançarinas, com a mãos nos joelhos elas balançavam

---

<sup>37</sup> Ressalto que todas as crianças do grupo foram autorizadas pelas famílias, como mostram os anexos, além do consentimento delas próprias.

seus corpos. Enquanto isso haviam outras crianças do grupo que estavam ao redor da roda que demonstravam-se desinteressadas pela música.

Diante das observações naquele momento e depois ao rever o vídeo, o qual me ajudou visualizar melhor as ações de cada criança, o que em tempo real e sem esta ferramenta seria inviável recordar-me, pude observar os movimentos das crianças. Algumas delas cantando e dançando com o semblante mais sério e de maneira mais impositiva, que foi o caso dos meninos, com exceção de *MC Jerry* que dançava requebrando-se com um gingado que eu nunca havia visto em nenhuma criança. Já as meninas realizavam movimentos na tentativa de reproduzir os movimentos sensuais coreografados pelas dançarinas. Ainda que saibamos que as crianças não tenham real proporção de todo o contexto da música assim como suas mensagens explícitas e implícitas nas letras da canção como também na forma de movimentar os corpos de quem dança. É claro que as crianças cantam e dançam esse tipo de músicas não compreendendo o que realmente dizem as mensagens, até porque não fazem parte do contexto da maioria delas e sim dos adultos.

Esta música assim como outras que percebi as crianças trazendo em seus repertórios como momentos de brincadeiras de show de calouras e brincando de ‘ser’ os cantores (as) dançarinos (as), nos preocupa pelo fato de não serem conteúdos endereçados a elas. E nós como educadores precisamos tratar este tema com grande atenção, pois vemos a necessidade da mediação, e que além dos adultos familiares, nós como professores, normalmente temos mais embasamentos em detrimento de nossa formação ser específica para a infância e as crianças. Deste modo dialogar com as crianças para problematizar preconceitos, num trabalho bem delicado de mídia-educação, por se tratarem de crianças pequenas.

Neste sentido um trabalho que esclareça as crianças que essas músicas são comerciais, que procuram chamar atenção e exagerar nos valores que trazem tais como individualismo, fama, poder, vaidade, para vender mais, e que visam, sobretudo fins comerciais.

### **Dia 26/ 10 – períodos matutino e vespertino**

#### **(Equivalente ao 4º e 5º dia de pesquisa)**

Cheguei as 07h35 à creche, era uma manhã muito chuvosa, e havia três crianças com a auxiliar de sala, pois no período que compreende das 07h30 às 08h00 da manhã as crianças ficam com ela. Observei as crianças, conversei com aquelas que chegavam.

Como neste dia eu já havia planejado atividades - a construção da televisão artesanal - junto com o grupo de crianças, visto que a pesquisa só teria sentido se houvesse a participação delas, a professora auxiliar (que substitui a professora nos dias em que esta tem hora-atividade) ficou em outra sala, também porque , naquele dia haviam muitos outros profissionais faltando. Assim, apenas ficou na sala comigo e com as crianças a professora auxiliar de Educação Especial que acompanha *Sr. Batata*, e que escolheu como seu pseudônimo *Xuxa*. De fato percebi que Xuxa não é apenas auxiliar de educação especial, ela é também especial pelo fato de enxergar as coisas além, e enquanto eu pensava algo ela propunha, sugeria e auxiliava as crianças em tudo aquilo que havia pensado para aquele dia.

Por um lado, sem a presença das professoras do grupo, eu tinha a oportunidade de estar com o grupo tendo mais liberdade com as crianças, deixando que elas se sentissem mais à vontade comigo. Pensei

que talvez assim elas trouxessem mais elementos para o que eu vinha buscando na pesquisa. Por outro lado, como professora sei o quanto é dificultoso muitas vezes conseguirmos propor às crianças atividades com a efetiva participação delas, ouvindo-as, respeitando suas opiniões, desejos e vontades. Assim, foi importante o apoio da professora *Xuxa*, que necessitava também auxiliar a nossa *Sr. Batata*.

Nessa manhã, como era um dia muito chuvoso, havia apenas 16 crianças presentes, que foram chegando aos poucos. Depois do café da manhã fizemos a roda e conversamos um pouco sobre as propostas para o nosso dia, bem como para pesquisa em geral, como os nossos chamados “combinados”. Conversei com as crianças novamente sobre o momento “Câmera-Ação”, e disse-lhes que talvez eu não tivesse explicado direito ou então as crianças não haviam compreendido bem o real sentido da proposta. Falei que em às vezes algumas crianças tinham começado a gritar “Câmera Ação” e aos poucos todas estavam gritando a frase ao mesmo tempo. Problematizei com elas: “Crianças, eu gostaria muito de filmar e registrar cada momento de cada um de vocês, mas aqui existem quantas Thais?” “Uma!, responderam. “Quantos celulares?” “Um!” “E se todos vocês pedirem para eu filmar vocês ao mesmo tempo vou conseguir?” As crianças pensaram um pouco e responderam que eu não conseguiria. Continuei, dizendo que este combinado só seria usado quando elas estivessem brincando e/ou fazendo algo que elas achassem muito legal, que quisessem que ele fosse gravado. Combinamos então que diriam “Câmera-Ação” diante destas circunstâncias. E perguntei mais uma vez se estavam gostando da minha presença ali, e que daria continuidade à minha pesquisa se elas assim permitissem, e ouvi

novamente, bem alto: "Simmmm"! As brincadeiras mais citadas pelas crianças foram:

<i>Homem Aranha:</i> "Pega-pega";
<i>Policia:</i> "Pega-pega fogo" ;
<i>Hulk:</i> "Pega-pega congela";
<i>Manuela:</i> "Pega-pega alturinha";
<i>Anitta:</i> "Pega-pega alturinha";
<i>Barbie Letícia:</i> "Pega-pega";
<i>MC Jerry:</i> "Pega-pega fogo";
<i>Michael:</i> "Pega-pega congela".

Cantei uma música na roda e pedi às crianças que falassem uma brincadeira de que gostavam muito e as respostas delas foram: a de "pega-pega" e suas derivações, como "pega-pega alturinha" (quando têm que procurar subir no lugar mais alto) e "pega-pega fogo". Das 16 crianças participantes das proposições deste dia, 8 disseram que sua brincadeira preferida era "pega-pega". Outras brincadeiras também surgiram: 2 crianças escolheram "brincar de boneca", e as outras citaram: "futebol", "esconde-esconde", "queimada", "monstro"; "pato-cinza" (semelhante a "choco", segundo a professora); e "Sou eu flash".

Nesta manhã eu já havia levado a caixa de papelão cortada em formato de cubo para fazermos a televisão de brinquedo. Fiz isso previamente, pois necessitava cortar o papelão com estilete, assim já o deixei cortado e para dar mais firmeza à caixa coleí folhas de revista no

papelão. Queria que a caixa também tivesse mais vida, mais informações por meio das imagens, e observaria se as crianças comentariam alguma coisa algo diante das imagens coladas no cubo.

Logo que cheguei à roda com o cubo, comecei a explicar que teríamos a possibilidade de produzir muitas coisas legais, mas que para isso precisaria muito da ajuda delas. As crianças entusiasmadas aceitaram, e sem que eu mencionasse uma palavra, Homem de Ferro já gritou: "É uma TV!". Em seguida os colegas, muito animados, também diziam: "Eba, uma televisão!" (MC Jerry); "Que legal, uma televisão!" (Manuela). Respondi que era isso mesmo, mas problematizei: "Mas essa TV está pronta? O que será que ela precisa para ser de fato uma TV, vocês me ajudam?" "Tem que pintar de outra cor" (MC Jerry). "Tem que colocar os botões. Ô profe, a gente pode colocar tampinhas de garrafa" (Manuela). "E antena" (Homem de Ferro). "Tem que ter um controle" (Ladybug). Falei que poderíamos colorir a TV com guache ou então colocar nela desenhos que seriam feitos pelas próprias crianças, e assim deixei que elas decidissem o que achavam mais interessante. O grupo dividiu-se, pois algumas crianças preferiam fazer desenhos, outras pintar com guache. Disse que faríamos uma votação para decidir, reforçando a importância de decidirmos as ações juntos. Falei rapidamente do momento que nossa cidade estava vivenciando: era época de eleições, comentei que as famílias delas já haviam ido ou iriam votar para decidir quem iria governar a nossa cidade e disse que era responsabilidade nossa também, enquanto crianças, decidir o que era melhor para todos nós. Escolheríamos o que a maioria decidisse, portanto quem votasse em uma opção, não votaria na outra, expliquei. Disse-lhes então: "Em regime de votação: quem prefere forrar a TV com desenhos feitos por vocês?" Seis

crianças escolheram essa opção, levantando o dedo. "E quem prefere colorir a caixa com tinta guache?" 14 crianças votaram. Acredito que algumas crianças votaram nas duas opções, mas o que vale é que a maioria claramente optou por colorir a TV usando tinta guache. Acrescentei: "E agora, qual a cor?" Logo algumas crianças gritaram: "Preta! A televisão tem que ser preta!", ainda que houvesse outras opções de cores.

Fizemos votação de novo para a escolha da cor. E ficou decidido pelo grupo que a televisão seria colorida de preto, e que a caixa de baixo, que seria o apoio e a parte onde colocaríamos os botões e outras funções da TV, seria verde.



Figura 21 - Votação para decidir: Desenho ou pintura da caixa? Colorir de verde ou preto? (Foto Thais, 26/10/2016)

As crianças coloriram a caixa, e eu e Xuxa organizamos o grupo para que todas participassem, mas, com o objetivo de que houvesse qualidade e tranquilidade nesse momento, fomos chamando as crianças aos poucos, em grupos de 3, para colorirem as caixas com pincel e tinta.



Figura 22 – Pinturas das caixas, 26/10/16 (Foto de Thais)





Figura 23 – Pintura das caixas, 26/10/2016 (Foto de Thais)

## 6º dia de pesquisa

### Dia 07/11/2016 - Período Matutino

Cheguei à creche pela manhã às 07h30, as crianças chegavam aos poucos e quando me viram chegando com uma mala grande com rodinhas, logo ficaram entusiasmadas e curiosas e perguntavam: "Ô

profe, o que tu tens aí nessa mala?" (Thor e Hulk). Respondi: "Surpresa! Vai ser uma surpresa que logo, logo vou mostrar para vocês!"

Confesso que a escolha dos objetos que coloquei na mala não foi fácil para mim, pois minha proposta para esse dia era levar objetos diferentes, além daqueles que as crianças já estão acostumadas a utilizar nas unidades de educação infantil, que pudessem desencadear manifestações referentes a conteúdos para adultos que as crianças eventualmente vissem na televisão. Neste sentido estes objetos ajudariam a criança no processo de ressignificação, bem como na expressão dos modos como recebem tais conteúdos. Ao colocar um par de sapatos de salto alto na mala, minutos depois os tirei, lembrando dos textos instigantes de Neil Postman <sup>38</sup> sobre uma possível morte da infância. Mas logo depois lembrei da minha própria infância, que foi muito feliz, por sinal, e de como eu e minha amiga usávamos os sapatos de salto da minha mãe nos momentos das brincadeiras de reprodução de papéis sociais, inspiradas em algumas personagens de novela que na época eu assistia. Depois dessa reflexão e das minhas reminiscências, coloquei os sapatos de salto novamente na mala.

No momento da roda as crianças estavam muito entusiasmadas e curiosas com a ideia do que poderia haver ali dentro. Coloquei a mala no centro da roda e próxima a nossa TV, produzida pelo próprio grupo. Conversei com as crianças, dizendo-lhes que naquela manhã poderíamos fazer um programa de televisão se elas concordassem. As crianças concordaram. E aí, então, mostrei a mala e disse-lhes que ali dentro havia alguns elementos que elas poderiam escolher para criar o programa de

---

<sup>38</sup> Ver Buckingham (2007).

televisão. Abri a mala fazendo um certo suspense, enquanto as crianças diziam: “Abre logo, profê! ”. Assim que abri a mala, as crianças começaram a tirar os objetos: acessórios para os cabelos, flores, arco de noiva, bonés, fone de ouvido, óculos transparentes, óculos de sol, sapatos de salto alto, microfone, colares, chapéus coloridos, máscara de lobo, mascara preta.

Cada criança foi escolhendo os objetos que iria usar. O fone de ouvido foi o objeto que várias crianças queriam ao mesmo tempo, dizendo: "Eu quero!" (Homem de Ferro). "Sai, eu que quero!" (MC Jerry). Combinamos então que criaríamos um programa de televisão e que ficaria a critério de cada criança apresentar o programa sozinha ou com os colegas, mas que tudo aconteceria de forma mais espontânea do que na semana anterior, quando tínhamos formado grupos na tentativa de um ensaio para o programa, que vimos não ter dado muito certo. Nesta nova proposta as crianças criariam espontaneamente personagens ou narrativas de programas de televisão, e combinamos que elas poderiam utilizar os objetos que quisessem para compor seus personagens. Combinamos também que toda vez que falássemos “Câmera-Ação” iríamos gravar a apresentação delas.

Decidimos dividir em grupos de 5 por vez, com o objetivo de as crianças não se sentirem tímidas. Fomos ao solário da Creche primeiro com Ludmila, Policial, Batman, Manuella e Isabela. Quando estávamos realizando a atividade com cada criança, começou a chover. Conseguimos gravar com duas delas apenas antes de chover. Ludmila usou o arco de noiva, colocou o sapato salto e disse: “Eu sou a Tancinha! É que ela casou com o Apolo!”, referindo-se aos momentos finais da novela das sete “Haja Coração”, transmitida pela TV Globo, que ia ao ar de segunda a

sábado as 19 horas. Voltamos para a sala devido à chuva e reformulamos os planos. Combinamos de fazer o programa de televisão com todas as crianças juntas novamente e observar a quais caminhos as crianças nos levariam.

Nos reunimos no espaço do tapete, e colocamos ali a TV e os objetos para que as crianças compusessem seus personagens de modo livre e espontâneo.

O primeiro a se oferecer foi Homem de Ferro, que começou seu programa dizendo: “Eu sou o pastor Duck”. “E o que o pastor fala?” - perguntei. “Hoje, gente, vamos abençoar a Deus”. O que mais? “Tem que orar! ”. E com o microfone nas mãos o menino juntou suas mãozinhas, prostrou levemente sua cabeça em sinal de oração e silenciou-se por alguns instantes. MC Jerry quis apresentar um cantor em um programa de músicas, mas não mencionou o nome do programa. Escolheu como acessório o fone de ouvido e cantou ao microfone a música “Tô chegando”, interpretada pelo cantor MC Biel. As meninas quiseram entrar na brincadeira, então enquanto *MC Jerry* cantava, *Isabela, Ludmila, Ladybug e Manuela* dançavam, e os colegas acompanhavam a canção cantando e batendo palmas. As crianças cantavam em coro: “Ó tô chegando, hein/ ó que que é isso, hein/ ó coisa louca/mas só de castigo vai se apaixonar”. Depois *Isabela* e *Ladybug* também apresentaram uma música, iniciando bem tímidas, mas depois cantaram com a ajuda dos colegas que também acompanharam em coro: “[...] porque eu vou te levar/ basta só acreditar/ Nós vamos ter que fugir agora/ fugir agora”. E ao terminar de cantar perguntei qual o nome do programa que apresenta essa música. Alguns meninos responderam *Carrossel*, mas as meninas que cantavam responderam: “*Cúmplices de um resgate*”. MC Pedrinho

cantou também, usando como acessórios o fone de ouvido, uma de suas músicas preferidas, do cantor cujo nome ele tinha escolhido para seu pseudônimo, MC Pedrinho. A música era a mesma “Nosso amor”, já mencionada anteriormente.

*Hulk*, usando o fone de ouvido e o microfone, também trouxe, de seu repertório, a música interpretada na televisão pelo cantor MC Biel “Tô chegando” e os amigos novamente cantaram em coro junto com ele.

*Ben 10* começou a cantar a música tema de abertura do desenho do BEN 10, mas ficou com vergonha e não cantou mais. Depois, com a ajuda de Rafael, escolheu cantar a canção infantil tradicional “Borboletinha”.

*Sr. Batata* também pediu para cantar: “ A do violão e do cachorro! ”. *Manuela* a acompanhou a cantar, depois que as duas escolheram seus acessórios. Manuela usou óculos escuros e sapatos de salto alto. Eu ajudei *Sr. Batata* a escolher o acessório para ela usar e ela optou por um adereço de chapeuzinho no cabelo, segurando uma bolsinha dourada. As duas iniciaram a cantar e os amigos também cantaram juntos. Destaco o refrão da canção que elas escolheram:

*“Se o nosso amor se acabar/ eu de você não quero nada/ pode ficar com a casa inteira e o nosso carro. Por você eu vivo e morro/ mas dessa casa eu só vou levar/ meu violão e o nosso cachorro. Se amanhã a gente se acertar tudo bem/ mas se a gente não voltar/ posso beber, posso chorar e até ficar no choro. Mas dessa casa eu só vou levar/ meu violão e o nosso cachorro”.*

A música cantada pelas duas meninas do grupo interpretada pela dupla sertaneja feminina Simone e Simaria<sup>39</sup>, cuja autoria é de umas delas, Simaria Mendes. Além de esta ser uma música que vinha sendo constantemente veiculada pelas diversas mídias, como televisão, rádios, outdoors, na época da pesquisa, a dupla é composta por duas belas jovens, que em suas apresentações utilizam figurinos alegres e com muito brilho. Podemos analisar aqui duas questões, uma delas é o refrão que traz dois elementos fáceis de serem lembrados pelas crianças, o violão e o cachorro são dois elementos de fácil compreensão para as crianças fazendo assim com que elas se identifiquem, ainda que este não seja o objetivo da autora da música. Outro ponto que destacamos é que a música em questão “Meu violão e o nosso cachorro” está fortemente sendo evidenciada pelas diversas mídias, e as crianças que não estão isoladas do mundo, ao contrário disso, elas participam da rotina do lar, assistem nos programas de televisão, vídeos no *youtube*, celulares, tablets, notebooks e etc. e escutam nas rádios Neste sentido é preciso que se destaque que essas músicas caem no gosto infantil, por estarem constantemente em evidencia, o que não acontecem com as músicas infantis. A verdade é que raras são as vezes que vemos as músicas de repertórios infantis no auge das mídias. Vale ressaltar a ideia de que crianças não precisam ouvir apenas músicas infantis, pois existe um repertório muito bom de compositores brasileiros, e que como professores podemos ampliar ainda mais esses repertórios com nossas crianças nos espaços de educação infantil.

---

<sup>39</sup> Simone e Simaria – são os nomes das duas irmãs cantoras de música sertaneja e forró que compõem a dupla. Disponível em: [http://www.simoneesimaria.com.br/2015/?page\\_id=2446](http://www.simoneesimaria.com.br/2015/?page_id=2446) Acesso em: 10/12/16.

*Manuela e Ladybug* escolheram como acessórios sapatos de salto alto e apresentaram a música da dupla Maiara e Maraisa intitulada “50 reais”:

*[...] Que lixo!/Cê ta de brincadeira/ Então é aqui o seu futebol toda quarta-feira/E por acaso esse motel/ É o mesmo que me trouxe na lua de mel/ É o mesmo que você me prometeu o céu/ E agora me tirou o chão/ E não precisa se vestir/ Eu já vi tudo que eu tinha pra ver aqui/ Que decepção/ Um a zero pra minha intuição/ Não sei se dou na cara dela ou bato em você/ Mas eu não vim atrapalhar sua noite de prazer/ E pra ajudar a pagar a dama que lhe satisfaz/Toma aqui uns 50 reais [...]]**[Enquanto elas cantam os amigos cantam outras parte mas Ladybug continua cantando]* *E não precisa se vestir/ Eu já vi tudo que eu tinha que ver aqui/ Que decepção/ Um a zero pra minha intuição/ Não sei se dou na cara dela ou bato em você/ Mas eu não vim atrapalhar sua noite de prazer/ E pra ajudar a pagar a dama que lhe satisfaz.*

Ao ouvir as crianças cantando essa música, confesso que me preocupou bastante. O ritmo é alegre, a entonação de voz das cantoras é forte há muitas rimas o que facilita a ‘memorização’ da letra, mas as mensagens com certeza não são próprias para crianças, sejam elas de qualquer idade, e torna-se mais agravante ainda sendo com crianças da educação infantil de 5 e 6 anos. O conteúdo da música fala de uma mulher que flagra o marido com outra mulher em um motel e ainda menciona que ele não precisa vestir-se pois ela já presenciou a própria cena da traição. Ou seja, a mensagem trazida pela música remete-se ao próprio ato sexual, traição e violência, e desta forma percebemos o quanto nosso sistema de educação e informação ainda é falho por permitir que músicas como estas sejam veiculadas em qualquer horário, principalmente na televisão e nas rádios, não respeitando assim a criança e seus direitos.

Após a apresentação das meninas, *MC Biel* quis cantar e anunciou sua música escolhida, “Baile de favela”, mas algumas crianças intervieram dizendo: “É putaria!” e “Não pode, profe, tem palavrão!” (MC Jerry). Eu não sabia ao certo quais eram as palavras da canção, e logo pensei que não fossem adequadas às crianças, mas conversei com elas dizendo que eu estava ali para saber do que elas realmente gostavam, e acrescentei: "Lembram quando eu disse que estaria aqui com vocês e em nenhum momento iria julgar qualquer escolha ou fala que vocês trouxessem? Sei que vocês têm o combinado de não ouvir esse tipo de música aqui e nem falar palavras parecidas neste ambiente da creche. Mas esse momento agora é todo de vocês, e quem escolhe o programa e músicas são vocês, certo?" As crianças concordaram, e eu estava ainda mais ansiosa para saber quais mensagens estavam associadas a essa música já de imediato classificada pelas próprias crianças como algo que “não podia”. Por outro lado, sei da minha responsabilidade ao ter permitido que o menino trouxesse essa música, mas de que valeria a pesquisa com a participação das crianças se eu negasse aquilo que as crianças de fato têm em seu repertório?

*MC Biel* então usou o fone de ouvido, o microfone e começou a cantar: “Baile de favela/ Que a Marconi, é baile de favela/E a São Rafael, é baile de favela/ E os menor preparado pra [...] com a [...] dela”. *MC Biel* não pronunciou essas duas palavras, ficando reticente. Mas seus amigos, que cantavam juntos, completaram a frase com termos que remetem ao ato sexual e ao órgão sexual feminino. Neste momento fiquei em dúvida se o menino não cantou por vergonha de mim, ou por estar na presença de suas professoras, já que existe um combinado na sala segundo o qual



‘não é legal’ mencionar palavras que agridam outras pessoas, e que as crianças considerem “palavrões feios”.

A partir da discussão gerada no grupo, sobre se deveríamos ou não permitir que MC Biel cantasse tal música como sua apresentação do programa de televisão, pude perceber que muitas das crianças já conheciam aquela música e por isso a classificaram como não sendo própria para elas, visto que traz palavrões e "não ensina coisas legais" segundo a opinião das crianças do grupo.

Entretanto, outras músicas foram trazidas pelas crianças que também tratavam de conteúdos adultos que não são endereçados ou adequados às crianças, como mensagens remetendo a sexo, violência, traição, e à imagem da mulher como um mero objeto sexual. Pude perceber assim que para aquelas crianças, desde que não contenham ‘palavrões’ ou referências mais explícitas a temas proibidos, as canções são adequadas para serem cantadas na escola. Acredito que essas crianças, com 5 ou 6 anos de idade, ainda possam não ter elementos suficientes para uma compreensão mais aprofundada dos temas. Para elas essas são músicas "legais", do gosto delas, normalmente por terem rimas e refrãos fáceis, com ritmo e sonoridade que contagiam as crianças, nos diversos gêneros funk, pop, sertanejo, pagode, samba, infantil, entre outros. Assim, mesmo evitando cair em uma visão da criança como vulnerável e indefesa, considero que seja importante que os educadores possam discutir o que significa para a formação das crianças essa presença tão forte e não mediada de produtos culturais midiáticos que banalizam problemas sociais e naturalizam preconceitos.

Muitas das músicas cantadas e dançadas pelas crianças tanto no baile a fantasia (dias anteriores) como no show de calouros são conteúdos

próprios para adultos e não para crianças, especialmente elas sendo da educação infantil, ainda tão pequenas. As letras de muitas dessas músicas de fato têm vários temas não indicados para as crianças, com referência a armas, e a associação do erotismo com violência. Não podemos esquecer que as crianças parecem tomar contato com músicas deste gênero pela TV, então possivelmente há toda uma cenografia, uma coreografia, associada a essas letras. Claro, que precisamos tomar o cuidado de não sermos moralistas, de não achar que músicas com conotação sexual que as crianças podem até nem captar, sejam a coisa mais horrível do mundo. O problema maior talvez seja as representações implícitas nelas, de gênero, violência, consumismo, etc. Sei que poderia ter buscado compreender o que as crianças entendiam diante do conteúdo dessas mensagens, entretanto, levei em consideração a idade delas, ainda tão pequenas. Por isso decidi tomar imenso cuidado sempre que tratava com as crianças especialmente quanto a temas polêmicos como violência, conotação sexual dentre outros assuntos, dialogando assim nos momentos na roda com todo o grupo e não com cada criança fazendo perguntas a cada uma delas.

Mesmo eu tendo traçado planos e definido o cronograma para as propostas de cada dia, preciso destacar que sempre ficou muito claro para mim, enquanto pesquisadora no âmbito da educação infantil, que quem definiria os caminhos por onde iríamos andar seriam as crianças. Nessa perspectiva, os objetivos, o problema central, o embasamento teórico de meu trabalho, continuam sendo os mesmos, elaborados por mim, a partir de tudo aquilo que sempre me inquietou ao observar o modo como as crianças se relacionam com os conteúdos adultos. Mas os procedimentos metodológicos da pesquisa muitas vezes tiveram que ser modificados, a

partir do que emergiu das escolhas e observações das crianças. Havíamos pensado inicialmente em realizar um programa de televisão de faz-de-conta, em 5 encontros, com um grupo de 5 crianças por vez. Entretanto, percebemos que as crianças ficaram tímidas, talvez em função de, na faixa etária de 5 a 6 anos, ainda não contarem como referências e repertório suficientes para apresentar um programa de modo espontâneo por mais que eu tenha enfatizado o caráter de brincadeira da proposta. E o que percebi como mais difícil para as crianças foi articular seus diálogos a fim de "produzir um programa", mesmo que com caráter lúdico.

Nesta manhã a proposta era realizar o programa de televisão com as crianças, mas na verdade os caminhos nos levaram à criação de um programa de calouros, pois vimos que a música foi predominantemente mais forte e as crianças sentiram-se mais à vontade ao cantar.

Desde o início da pesquisa optei por não escolher um tema específico para abordar, como violência, sexo, drogas, notícias, e sim decidi ir aberta a tudo que as crianças pudessem trazer. Também em relação à metodologia, mesmo levando várias propostas de procedimentos, percebi que a música foi um dos caminhos por onde as crianças mais demonstraram o modo como elas recebem programas e produções com conteúdos adultos.

Eis que me vi retornando ao nosso ponto de partida, onde iniciei os estudos sobre as mídias nas brincadeiras das crianças (2014) em uma pesquisa já citada anteriormente. A presente pesquisa emergiu das inquietações que vivenciei como professora de educação infantil em uma comunidade próxima a esta, a partir de temas potencialmente problemáticos e vi que a grande maioria deles estavam presentes também nas músicas que as crianças cantavam e dançavam.

**Dia 07/11 - Período vespertino**  
**(Equivalente ao 7º dia de pesquisa)**

Decidimos então que no período da tarde eu voltaria e continuaríamos com a brincadeira sobre o programa de televisão. Pensei em fazer o programa de show de calouros, como já tinha sido realizado certo dia na creche, organizado pelo grupo de profissionais da unidade. Trouxe caixas de som da própria creche, contando com a grande ajuda das professoras do grupo, especialmente a professora Xuxa. Colocamos dois microfones. E agora sim eles funcionaram e ainda por cima sem fio! - o que daria maior liberdade de movimento às crianças. No momento da roda, propus que continuássemos o programa de televisão com um show de calouros, em que cada criança poderia escolher cantar qualquer música. Eu contei com o auxílio do celular, da internet e do *bluetooth* para procurar as músicas escolhidas, para sincronizá-las assim no mesmo momento em que a criança cantava. Fui colocando as músicas escolhidas pelas crianças no celular e as foi tocando nas caixas de som, para que as crianças fossem cantando. Dessa vez foi muito mais divertido, pois havia também o ritmo e a instrumentação da canção, com os próprios cantores ao fundo no som. Observamos o quanto as crianças se divertiram, cantaram juntos, brincaram com essa nova proposição.

As crianças reunidas na roda estavam entusiasmadas com a ideia de cantar “no microfone de verdade”. E começaram as apresentações do show de calouros:

*MC Biel* cantou a música “Tô chegando”, interpretada pelo cantor *Biel* (nome do cantor, o mesmo o qual escolheu para ser seu

pseudônimo) e os colegas cantaram junto com ele. O menino escolheu usar o boné virado para trás em sua apresentação.

**Homem de Ferro** cantou a música tradicional infantil “Borboletinha está na cozinha/ fazendo chocolate para a madrinha”.

**Manuella** usando tiara de flores no cabelo, e **Ladybug** cantaram a música “ Se o nosso amor se acabar/ eu de você não quero nada/ pode ficar com a casa inteira e nosso carro” [...] (Música ‘Meu violão e o nosso cachorro’, citada anteriormente).

**Isabella e Anitta** usaram sapato salto e cantaram lindamente a música-tema da novela infantil *Cúmplices de um resgate*: “Porque eu vou te levar/ Basta só acreditar/ Nós vamos ter que fugir agora/ Fugir agora/ Basta me dar as mãos/ Você tem que confiar/ Nós vamos ter que fugir agora/ Fugir agora/ E você vai ter que vir comigo”.

Emoção mesmo foi ver **Sr. Batata**, que mesmo com suas limitações cantou a música de Luan Santana “Escreve aí”. Confesso que ao ver a menina cantar, as lágrimas nos meus olhos foram inevitáveis, impossível não me emocionar com o conjunto daquele momento, a força de vontade que ela tem de viver, de como é feliz, e aquela música que eu particularmente acho linda. Ela cantou sozinha, e era muito claro que Sr. Batata sabia todas as palavras que compunham a canção, pois seu aspecto cognitivo não foi afetado, apenas sua oralidade é comprometida, ela consegue pronunciar as palavras, ainda que com dificuldade e mais devagar. E assim a menina cantou a música, dizendo algumas das palavras, as outras imagino que apenas seu pensamento acompanhava. Mas em todos os momentos do refrão da canção ela chegava a se levantar da cadeira entusiasmada, dizendo: “É só você fazer assim, que eu volto!

Que eu volto! Que eu volto!" A letra da música de Luan Santana que Sr. Batata escolheu cantar:

*Chego em casa / E dou de cara com sua foto/ Uma ducha e um vinho pra acalmar/ E eu penso "vou partir pra outra logo"/ Mas quem é que eu tô tentando enganar?/ Mas quem é que eu tô tentando enganar?/ É só você fazer assim/ Que eu volto/ É só você fazer assim/ Que eu volto/ Que eu volto" [...]*

**Ariel** e **Ladybug** cantaram a música “Pra ver se cola” do grupo musical “Trem da alegria” criado em 1985 que fez sucesso nas décadas de 80 a 90, e atualmente a música foi regravada por alguns personagens da novela *Cúmplices de* um resgate e é exibida algumas vezes na telenovela:

*Entre borrachas e apontadores / Mora o meu grande amor/ Colei seu nome com várias cores/ No livro que ele me emprestou/ Mandei mil balas e mariolas/ Roubei as flores todas do jardim/ Eu faço tudo na minha escola/ Pra ver se ele gosta de mim/ Cola o teu desenho no meu/ Pra ver se cola/ Cola o meu retrato no teu/ E me namora/ Comigo nessa dança/ Um sonho de criança/ E o meu coração cola no teu/ Pra ver se cola*

**Ludmilla** e **Barbie** cantam a música da cantora Ludmila 24 horas por dia e as crianças do grupo adoraram! Esta música já foi apresentada anteriormente.

**Policial** e **MC Pedrinho** cantam novamente a música “Tô chegando”. **Homem Aranha** e **Thor** pediram para cantar a música "Feliz Natal", mas quem mais empolgou-se cantando a música foi **Huck** que estava sentado na cadeira mas fazia os gestos conforme a música. E depois

*Huck* pediu para cantar junto no microfone com *Thor e Homem Aranha* que estava com vergonha e entregou o microfone ao amigo. A música "Feliz Natal" já foi apresentada anteriormente no diário.

**Dia 06/12/16**

**(8º dia de pesquisa)**

Nesta tarde a proposta era realizar uma avaliação e um encerramento do trabalho realizado ao longo de 10 semanas com o grupo de crianças. Eu tinha pensado em fazer um lanche especial para comemorar, mas em razão de uma portaria da Prefeitura Municipal de Florianópolis não permitir levar alimentos externos para dentro das unidades educativas, realizei apenas a avaliação do grupo, o que não deixou de ser precioso, marcando estes últimos momentos da pesquisa.

À medida que as crianças foram despertando do descanso, vinham ao meu encontro me cumprimentar.

Sentamos na roda e expliquei os motivos pessoais que fizeram com que eu ficasse afastada alguns dias, sem retornar ali. Disse-lhes então: "Crianças, hoje eu vim aqui para me despedir de vocês". Escutei um coro: "Ahhh, profel!", demonstrando que não haviam gostado da notícia. Perguntei se alguma criança lembrava qual tinha sido a primeira proposta que eu havia feito a elas para 'a nossa brincadeira', ou seja, para todas as vezes que eu estivesse ali. As crianças ficaram pensativas e MC Pedrinho por fim respondeu: "Que era pra gente escolher um nome de um animal que queria ser". Logo depois ele próprio e um colega pensaram novamente e Homem de Ferro respondeu: "O nome de alguém que a gente queria ser". Respondi que era exatamente isso e acrescentei: "Vamos

relembrar nossos nomes de faz-de-conta?" Fui então mencionando os pseudônimos e cada criança e os próprios colegas foram identificando. Foi muito bacana ver a participação e o envolvimento das crianças!

E ao perceber todo o envolvimento do grupo, problematizei: "Crianças, vocês sabem que a Thais é professora, mas não vim aqui para ser professora de vocês. Vim para fazer uma pesquisa, lembram? E que todas as vezes que estivesse aqui poderíamos relacionar a minha presença às brincadeiras. Vocês sabem o que é uma pesquisa? O que é pesquisar?" Ainda que no início tenha apresentado as propostas ao grupo na tentativa de elucidar o que era uma pesquisa, busquei saber das crianças, após os encontros, juntamente com suas opiniões e críticas, o que de fato entenderam por pesquisa.

E as respostas foram: "Descobrimo!" (Homem de Ferro). E quando perguntei o que a minha presença representava para as crianças, e uma delas respondeu: "É que ela [pesquisadora] ficava gravando nós! (MC Jerry)". Dialoguei com as crianças, lembrando que eu as fotografava, filmava e também anotava tudo ali em meu caderno. Enquanto isso Homem de Ferro me interrompeu, dizendo: "É que assim tu se lembra de nós, profe!" Respondi: "É bem isso, eu faço tudo isso como forma de registrar para nunca mais esquecer de vocês, inclusive no meu coração, porque vocês são muito importantes para mim". E acrescentei: "Vocês me ajudaram fazer a minha pesquisa e assim a pensar mais uma porção de coisas sobre as crianças e os programas de televisão que vocês gostam de assistir".

Ainda na roda relembramos os nossos momentos juntos, as "nossas brincadeiras". "Quem lembra?" Homem de Ferro logo emendou: "Tu chamou cada criança pra fazer o programa de televisão!" "Aí tu



trouxe as fantasias também” (Hulk). MC Biel lembrou: “Tu trouxe boné azul e óculos!”. Grande parte das crianças relataram que a fantasia mais legal que levei para o programa de televisão foi um fone de ouvido, que segundo elas “era de DJ”.

Perguntei de quais de todas as nossas brincadeiras haviam gostado mais, ou então talvez não gostado. Abaixo, as respostas das crianças que optaram por falar na roda sobre a sua escolha:

A grande maioria das crianças afirmaram que a atividade que mais gostaram foi cantar e usar o microfone. Ou seja, das 15 crianças que opinaram neste momento de avaliação, sete relataram que cantar com o microfone foi divertido. Foram elas: Thor, MC Pedrinho, MC Jerry, Isabella, MC Biel, Ladybug e Manuella.

Ben 10 e Policial – “Programa de televisão”.

Sr. Batata – “O desenho, o programa de televisão. E de tudo!” (Esse momento foi impossível não me emocionar, diante de todas as dificuldades motoras da menina, com grande esforço ao formular a frase dizendo que ‘gostou de tudo’, fiquei muito feliz!)

Barbie Letícia- “Das joias” (referindo-se aos colares e pulseiras que levei junto com as fantasias).

Hulk: “Das fantasias e das coisas de DJ” (referindo-se ao microfone e ao fone de ouvido).

Michael: Gostou da festa a fantasia, referindo-se ao dia em que eu estava com o grupo e havia uma festa na unidade com muitas músicas.

Homem de Ferro: “A parte de escolher os super-heróis”.

Ariel: “Desenhar”.

Ainda referindo-se ao dia da despedida com o grupo e à avaliação delas diante da participação da pesquisa, muitas indagações sobre o tema

de pesquisa e sobre a comunidade em si permeavam meus pensamentos. Sabia que não poderia trazer para elas todos os meus questionamentos, pois são crianças muito pequenas, e têm de ser respeitadas. E então, em diálogo com o grupo de crianças, iniciei algumas indagações que julguei importantes no momento. Quando perguntei às crianças se elas gostavam mais de programas de crianças ou de adultos, a grande maioria respondeu que sua preferência eram os programas para crianças. Mas quais programas de fato seriam apropriados para elas? Busquei saber então como elas entendiam essa questão dos programas que seriam ou não próprios para elas. Segundo relato das crianças, elas assistem o *Programa do Ratinho*, então, no contexto dessa discussão, a professora do grupo interveio e perguntou a elas: “E o Ratinho, é programa de adulto ou de criança?” As crianças responderam que era de adulto, apesar de não saberem dizer o porquê seria destinado a este público. Enquanto conversávamos sobre o tema, MC Jerry falou: “E tem a *Escolinha do Professor Raimundo*”. “Quem aqui assiste a *Escolinha do Professor Raimundo*”? E 12 das 19 crianças presentes levantaram o braço, respondendo que assistiam. “E esse programa é para adultos ou para crianças?”, perguntei. Logo MC Biel respondeu: “Não, é só de adulto, porque tem coisas que criança não pode ver”. Sabia que renderia uma grande discussão conversar sobre este tema com o grupo, mas percebi que as crianças estavam sentindo-se cansadas, algumas inquietas, vi ali que elas estavam com a necessidade de mudar o foco e ir brincar. Assim encaminhamos as crianças para irem brincar no pátio.

No pátio fiquei observando as crianças brincando, mas na verdade estava aos poucos me despedindo de cada uma e aproveitando cada momento com elas ali. Ao caminhar pelo pátio vi um grupo de

meninas discutindo qual papel cada uma seria na brincadeira. Manuela disse: “Eu sou a Carinha de Anjo”. Ladybug decidiu: Eu então sou a Manu (personagens de *Cúmplices de um Resgate*). Alguns minutos depois, percebi Ladybug discutindo com a colega representando o papel de uma personagem, dizendo: “Pára, Dulce Maria!” (Personagem da novela *Cúmplices de um Resgate*).

Depois retornamos à sala, me despedi de todos, das crianças e das profissionais que me receberam tão bem. Destaquei que o papel de cada uma delas foi fundamental para que a pesquisa acontecesse e que eu estava imensamente grata. Terminei dando um beijo em cada uma e dizendo: “Nunca vou me esquecer de vocês, vou levá-los pra sempre no meu coração”. E as crianças foram acenando despedindo com um longo: “Tchaaaauuuuu, profê”, que pude ouvir até próxima a porta de saída da unidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei nesta pesquisa discutir e investigar de que forma um grupo de crianças pequenas estão se relacionando com os conteúdos produzidos para os adultos que elas assistem na televisão. A partir do embasamento teórico, de pesquisas sobre a audiência infantil, do *Manual da Classificação Indicativa* e dos apontamentos que fiz sobre as participações das crianças na pesquisa de campo pude tecer algumas reflexões sobre o tema.

As crianças assistem programas que são para adultos? Diante da pesquisa realizada em campo com o grupo de crianças, percebeu-se que elas assistem de fato a muitos programas transmitidos em canal aberto que são pensados para o público adulto, já que as referências a eles estiveram muito presentes nos relatos e registros das manifestações das crianças. Entre eles, posso mencionar o *Programa do Ratinho* (classificado como inapropriado para menores de 14 anos) exibido pela emissora SBT, e a *Escolinha do Professor Raimundo - Nova Geração*, transmitida pela Rede Globo de Televisão. A respeito deste último, embora a Classificação Indicativa o apresente como um programa "inadequado para crianças com idades inferiores a 10 anos", quem o assiste percebe que este não é um programa que pudesse ser endereçado a nenhuma criança, de qualquer faixa etária, em virtude de os personagens apresentarem piadas e falas ambíguas, que na grande maioria remetem a sexo, à figura da mulher como objeto sexual, e a outros estereótipos indesejáveis do ponto de vista de uma formação para os direitos humanos. Desta forma, a programação não poderia ir ao ar no atual horário, das 13h10min. O mesmo se poderia dizer de muitas músicas cantadas pelas crianças durante a brincadeira do programa de TV no "show de calouros".

Outra questão bastante pertinente é: por que elas assistem a tais programas? Será porque eles são os que mais as interessam? Nossa pesquisa não se propôs a investigar a esta questão. Mas, pelas referências que as crianças trouxeram e pelos dados que temos sobre a programação atualmente disponível na TV aberta, que é a única ou praticamente a única acessível a elas, entendemos que não lhes restam alternativas.

Essas eram algumas das grandes preocupações que eu trouxe para a pesquisa, e que seguem comigo. Diante das pouquíssimas opções de programas infantis e/ou infanto-juvenis disponíveis para as crianças no contexto estudado, como fica o direito de elas serem crianças e vivenciarem a infância em sua singularidade? Será que estão sendo respeitados os quatro princípios norteadores da Convenção dos Direitos das Crianças da ONU, endossada pelo Brasil desde 1989? <sup>40</sup> Eles defendem: “A participação da criança em suas próprias e destinadas decisões afetivas; a proteção da criança contra a discriminação e todas as formas de desprezo e exploração; a prevenção de ofensa à criança; a provisão de assistência para suas necessidades básicas”.

Na pesquisa empírica que fizemos, e em diálogo e atividades propostas com as crianças, elas demonstraram assistir tanto a programas infantis quanto a programas que são dirigidos para adultos, ou que não levam em conta as especificidades do público infantil. Ainda que haja uma normatização, por meio da classificação indicativa, as crianças não parecem estar sendo respeitadas, ou mesmo "protegidas" de uma gama de informações que muitas vezes são inapropriadas para elas, ou que exigiriam mediação.

---

<sup>40</sup> <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/conven%C3%A7%C3%A3o-dos-direitos-da-crian%C3%A7a-direito-de-todos>

O autor David Buckingham, no contexto da Inglaterra, fez uma pesquisa de recepção sobre as respostas emocionais que os programas de televisão destinados a adultos ocasionam nas crianças, especialmente noticiários, filmes de terror e novelas (BUCKINGHAM, 1996). Verificando como tais reações emocionais são presentes na vida das crianças, o autor defende que: "nossas responsabilidades pelas crianças enquanto audiência pareciam ser definidas não apenas em termos de prevenção e controle, mas também em termos da provisão (oferta) positiva que é feita para elas" (p. 316). E não podemos esquecer a diferença entre o contexto das crianças da Creche Monte Cristo e o contexto inglês, onde a programação infantil na televisão pública ocupa grande parte da grade e tem grande tradição de qualidade. Portanto, se lá é preciso dar mais atenção à oferta de programas infantis para crianças, aqui esta atenção precisaria ser ainda muito maior.

Observamos a importância desse debate atualmente no contexto brasileiro, que modificou-se e muito nos últimos anos, no que tange à programação na TV aberta. Diante das transformações na programação diária exibida em diversos horários, inclusive durante o dia, reduziu-se muito o direito das crianças de assistirem a programas que são destinados e pensados para elas, como por exemplo desenhos animados, programas infantis, telenovelas infanto-juvenis. E o fator mais preocupante é que as populações mais fragilizadas nos aspectos econômicos, sociais e psicológicos tendem a ser as mais afetadas, o que se reflete na vida e na própria constituição da criança como um ser social, em que a TV desenvolve papel primordial, tanto no acesso a informações quando à formação ética, estética e cultural.

É certo que em nosso contexto latino-americano e mais especificamente brasileiro ainda estamos muito longe de alcançar que a televisão cumpra tal papel de forma adequada, porém esse é o caminho, ainda que ele seja feito de avanços e também de muitos retrocessos. É preciso olhar para as crianças, considerar que elas permeiam e vivem pelos diversos espaços do lar, pois a criança não está isolada do mundo, ao contrário disso, ela busca saber o que está acontecendo ao seu redor.

Vamos olhar para o modo como nossas crianças estão se constituindo como indivíduos, com pouca participação na sociedade e com poder quase nulo de escolhas, assistindo intensamente a programas que, além de não serem destinados a elas, e assim não levarem em conta o grande potencial da televisão para informar, entreter e ampliar o repertório estético e cultural das crianças, ainda trazem temas potencialmente problemáticos, ou que exigiriam linguagem adequada e mediação, como violência, sexo, consumismo, em cenas que trazem a elas emoções ruins, e que podem até constrangê-las. A verdade é que não estão sendo ofertadas opções às nossas crianças, e estou falando aqui das que vivem em comunidades carentes e não de uma pequena minoria na qual o cenário é completamente distinto.

Como já mencionamos em capítulos anteriores, há algumas décadas atrás havia uma oferta bem maior na programação para as crianças brasileiras. Atualmente existem poucas opções, isso em decorrência dos interesses empresariais que levam em conta sobretudo o mercado de consumo, pouco se importando se as crianças são ou não contempladas com sua programação. Como vimos, as principais emissoras de televisão brasileiras, como a Rede Globo, extinguiram totalmente a programação para as crianças de sua grade. Na TV aberta, a

emissora SBT é uma das poucas que ainda oferece programas que são endereçados ao público infantil, como os que as crianças relataram assistir, durante a pesquisa de campo: *Chiquititas*, *Cúmplices de um Resgate* e desenhos animados. Neste sentido, concluímos que as crianças gostam, sim, de ver desenhos, novelas e programas infantis, e não apenas dos conteúdos produzidos prioritariamente para adultos. Embora as crianças tenham demonstrado gostar de músicas com letras que tratam de conteúdos adultos, que veem na televisão, elas também mostraram grande interesse por músicas do universo infantil, assistidas na programação infantil da emissora SBT.

O problema em questão, então, não é permitir ou não que as crianças assistam televisão, ou tampouco a programas que tragam conteúdos adultos, mas, sim que haja quem se responsabilize pela qualidade, adequação e mediação do que elas assistem. Uma responsabilidade que cabe à sociedade como um todo, ao governo, às empresas de comunicação, ao mercado, à escola e à família. É preciso analisar se o programa a que a criança assiste corresponde a sua faixa etária e às características daquela criança, e diante das dúvidas, ansiedades e questionamentos das crianças, principalmente diante temas potencialmente problemáticos, a mediação do adulto, seja ele professor ou familiar, é imprescindível.

E ao mesmo tempo seria preciso garantir que a criança tivesse acesso a todas as coisas positivas que uma programação de qualidade poderia oferecer para enriquecer a vida dela. Se a questão da qualidade é sempre complexa, existem muitas referências norteadoras, como a "Carta sobre Televisão para Crianças", adotada na Primeira Conferência de Cúpula Mundial sobre Televisão para Crianças, promovida pela



UNESCO na Austrália, em 1995, que diz: "As crianças deverão contar com programas de alta qualidade feitos especificamente para elas, e que não as explorem. Além de diverti-las, deverão permitir que as crianças se desenvolvam física, mental e socialmente até seu potencial máximo" (BUCHT e FEILITZEN, 2002, p.243)

Em relação à mediação na escola/unidade de educação infantil, diálogos entre professores e crianças são de suma importância. No âmbito da educação infantil, os momentos da roda, ou "da rodinha", como os denominamos, as crianças pequenas nos trazem muitos elementos, questionamentos e apontamentos ricos de suas vivências, e cabe ao professor (a) problematizar com as crianças as questões que surgem e dialogar sobre tudo que elas vivenciam e assistem na televisão. Cabe a nós professores (as) propiciar tais momentos, e me incluo muito bem aqui, pois tenho vivido essas experiências durante os nove anos aos quais me dedico às crianças da educação infantil.

Ou podemos apenas deixar passar. Permitir que a própria televisão eduque, e que as crianças, mesmo pequenas, tirem suas próprias conclusões. Não! Não podemos permitir que isso aconteça às nossas crianças. Elas merecem uma educação e uma programação televisiva de qualidade! Merecem uma diversificação de bens culturais. Sabemos que os profissionais que atuam diretamente com as crianças certamente sozinhos não vão conseguir dar conta do desafio, mas podem ao menos buscar compreender os interesses das crianças e ampliar o repertório cultural e vivencial delas, sem impor e também sem negar suas próprias culturas. Neste sentido, o trabalho de Soler (2015), já mencionado, traz diversas propostas, e esperamos que nosso trabalho contribua também

para valorizar a importância da mídia-educação junto às crianças pequenas.

Ainda que a mediação familiar não tenha sido tema de nosso trabalho, não posso deixar de dizer o quanto ela é importante, pois é no lar e com a família que a criança convive e presencia uma gama de informações que recebe pelas mídias. Assim como a família é responsável por cuidar e zelar da criança perante a lei, ela também tem responsabilidade por mediar as informações que as crianças recebem da televisão. O fato, porém, de que muitas famílias em situação de fragilidade socioeconômica não conseguem fazer isso adequadamente, só agrava o problema da oferta escassa de programação indicada às crianças.

Diante os apontamentos das crianças, observamos o quanto os enredos da televisão estão presentes nas brincadeiras das crianças. Outra importante questão é que, mesmo com poucas ofertas para crianças na TV, elas acabam se envolvendo mais com os programas destinados a elas, como é o caso desta telenovela “*Cúmplices de um resgate*”. Este fato é um forte argumento para que haja mais ofertas de qualidade na programação infantil. E o fato de que elas claramente disseram preferir programas ‘para crianças’ mostra como a televisão brasileira em canal aberto desconsidera cada vez mais a necessidade e a demanda desses milhões de crianças, deixando-as sem muitas opções a não ser assistirem programas que não são feitos pensando nelas e que chegam muitas vezes a ser impróprios.

Embora nosso enfoque seja as relações com a TV, é preciso ressaltar que atualmente com o fácil acesso das crianças a internet e aparelhos móveis, estes se fazem cada vez mais presentes na vida dos adultos e das crianças. Conforme mencionado pelas professoras a

utilização do aplicativo ‘Spotify’ na proposta do bailinho, quando disponibilizaram diversos gêneros de músicas as crianças, e o uso do Youtube pelas crianças, conforme relato delas próprias. Desta forma, a sociedade contemporânea capitalista ganha novos arranjos, e os aparelhos tecnológicos assumem diversos papéis além de informativo tem função cada vez maior de entretenimento que é o caso dos jogos, das redes sociais, dentre outros. Neste sentido, na perspectiva tecnológica além dos aparelhos de TV, as crianças têm hoje maior acesso a aparelhos celulares, tablets, notebooks, também denominadas como ‘multitelas’. Evidentemente, que não estamos falando aqui de uma polarização, e é importante frisar que nosso estudo debruça-se, sobretudo, em uma comunidade de periferia, sabemos que nem todas as crianças tem acesso a todos esses aparelhos, mas mediante as falas das crianças nessa pesquisa, percebi que as crianças tem acesso principalmente aos aparelhos de celulares.

É válido ressaltar que ao realizar a pesquisa com crianças pequenas existiram algumas situações de dificuldades no transcórre desta. Isso porque as crianças são muito pequenininhas, e quando percebia que elas não queriam responder o que eu perguntava, sempre tive muito cuidado para que eu não as constrangesse, embora alguns momentos percebi elas tímidas e um pouco envergonhadas, e quando isso acontecia não insistia e dialogava sobre outras coisas para que elas se sentissem bem com esta participação. Destaco ainda que foram raras as vezes que houve algum tipo de constrangimento por parte das crianças, até porque não elaborei questionários prontos, mas sim conversas nos momentos da roda.

As crianças participantes da pesquisa não estarão mais na educação infantil, pois seguirão agora para o ensino fundamental, no 1º ano. A minha proposição ao grupo bem como a todas as crianças que frequentam unidade educativa “Creche Monte Cristo” é realizar um trabalho em conjunto com a família, ouvir as crianças, saber o que elas gostam de assistir na TV, e neste sentido, orienta-las para que a programação seja adequada a elas, e diante de conteúdos que são de certo modo impróprios que acaso assistam, é fundamental que tenha a mediação e diálogo dos adultos, sejam eles familiares e/ou professores.

Tenho total consciência de que por mais inquietações que tenham me permeado o pensar sobre as condições das crianças diante da forte presença dos conteúdos adultos no repertório do brincar delas, não consegui dar conta de articular com a profundidade que desejaria tantas referências teóricas e dados empíricos nas discussões sobre essa temática. Ainda assim, espero que a pesquisa possa contribuir para ressaltar a urgência desse tema, neste momento da educação das crianças em nosso país.

Busco muito mais para as nossas crianças, especialmente as que frequentam o ensino público. Trabalho 40 horas semanais, com dois grupos de 20 crianças cada uma, e sempre procurei trazer o mais amplo repertório e com qualidade às s crianças com as quais atuei durante o ano de 2016 como professora. Mas, acima de tudo, dediquei-me ao máximo de minhas forças físicas e mentais, para conseguir realizar esta pesquisa. Além de responder a todas aquelas inquietações que me mobilizaram a iniciá-la, queria que as crianças se sentissem bem com a minha presença, e se divertissem. Sei bem que a educação infantil vai muito além de mera diversão, mas além do meu profissionalismo como professora e

pesquisadora, busco acima de tudo que as crianças sejam felizes neste espaço.

Sei que o tempo cronológico foi curto diante da importância do tema, mas debrucei-me nos estudos e ao entrar no campo "mergulhei de cabeça" na convivência com aquele grupo, tanto que logo já sentia aquelas crianças como se fossem minhas, como costumamos tratar e denominar as crianças que frequentam os grupos com os quais atuamos como professoras.

Uma das questões que ainda me pergunto é se, de fato, consegui contemplar a participação de todas elas. Pois as inquietações e os questionamentos sempre foram meus, eu é que busquei em uma unidade de educação infantil os sujeitos da pesquisa e precisava que as crianças me apresentassem tudo isso. E elas o fizeram! Entretanto, não partiu delas dialogar sobre o tema. É bem verdade que elas adoravam os momentos da roda, quando conversávamos sobre os programas de televisão, quais eram seus preferidos, suas brincadeiras e muito mais. Mas deixo registrado aqui que procurei fazer o meu melhor para que as crianças realmente se tornassem participantes da pesquisa e se sentissem muito à vontade para participar ou não das proposições.

A pesquisa, enfim, procurou discutir a forma como as crianças, especialmente aquelas que vivem nas periferias, recebem os conteúdos para adultos da televisão. No grupo que estudamos, pudemos observar como esses conteúdos estavam presentes o tempo todo, nos desenhos e brincadeiras das crianças. Temos, por fim, três importantes pontos a destacar, a fim de que se efetive um olhar mais sensível em relação às crianças, especialmente àquelas que não têm muito acesso a bens culturais mais diversificados, além do que mostra a "telinha". Faz-se

necessário o aumento da presença da programação infantil na TV aberta, a mediação na escola e a mediação familiar. Estes são três eixos fundamentais, para que assim sejam respeitados os gostos das crianças e para que elas não assistam apenas aos programas aos quais sua família assiste e que não são destinados especificamente para elas. Criança tem voz, tem vontades e tem de ter o direito de escolha. Mas que escolha ela pode fazer se são tão poucos os programas para crianças a que tem acesso? Quando todos estes eixos não são respeitados, acredito que nossas crianças tampouco estão sendo respeitadas, e os projetos de políticas públicas e educacionais voltados à defesa dos direitos de mídia das crianças precisariam ser urgentemente fortalecidos, em oposição aos interesses privados das emissoras e do mercado publicitário. Por que tanta urgência? Porque cada criança vive uma vez só a sua infância, e ela só será criança durante um determinado tempo cronológico, aquela faixa etária que segundo o ECA, vai de 0 a 12 anos incompletos. Um tempo que passa tão rápido.

## REFERÊNCIAS

ARIËS, Philippe: *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, 1981.

BIEGING, Patricia. *Populares e perdedores: crianças falam sobre estereótipos da mídia*. Blumenau, Nova Letra, 2011.

BIEGING, Patricia. *Da busca de popularidade às práticas de bullying: crianças e produção e sentidos a partir de artefatos midiáticos*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BRASIL. Ministério da Justiça. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 1.100*, de 14 de julho de 2006. Brasília: 2006.

BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *Classificação Indicativa: Guia Prático*. Brasília, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014.

BROUGÈRE, Gilles: *Brinquedos e Companhia*. Tradução: Maria Alice S. Dória. São Paulo: Cortez, 2004.

BUCHT, Catharina e FEILITZEN, Cecilia Von: *Perspectivas sobre a Criança e a Mídia*. Brasília: UNESCO/SEDH/Ministério da Justiça, 2002):

BUCKINGHAM, David. *Crescer na Era das Mídias* Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David. *Moving images: understanding children's emotional responses to television*. Manchester University Press, New York USA, 1996.

CARNEIRO, Vânia, L. Quintão. *Redução da programação infantil da TV aberta e ausência de política pública na promoção dos direitos da criança brasileira. Anais do II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança*. 2015. Disponível em:

[http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1407244791\\_ARQUIVO\\_VLqcReducaoProgamas Infantis.pdf](http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1407244791_ARQUIVO_VLqcReducaoProgamas Infantis.pdf)

COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2005.

CORSARO, A. William. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. Tradução: Manuela Ferreira e Isabel Abreu. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 17, 2002, p. 113-134.

DUARTE, Rosália: (org.) *A Televisão pelo Olhar das Crianças*. São Paulo: Cortez, 2008. In: ALEGRIA, João. O consumo audiovisual culturalmente ativo na infância. p.81 – 94. In: DUARTE, Rosália. MIGLIORA, Rita. LEITE, Camila. O que as crianças pensam sobre o que aprendem com a tevê. p. 95-107.

FANTIN, Mônica. A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas In: GIRARDELLO, Gilka. FANTIN, Mônica. *Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças*. (org). Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

FANTIN, Mônica. Questões teórico metodológicas e éticas na pesquisa com crianças e cinema. *Seminário de Pesquisa em Educação na Região Sul*, ANPED-SUL, Universidade do Vale do Itajaí, 2008.

FERNANDES, Adriana, H; Maria Luiza, Oswald, B, M. A recepção dos desenhos animados da tv. E as relações entre a criança e o adulto: Desencontros e encontros. 2005. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a03v2565.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a03v2565.pdf)

FISCHBERG, Josy. Telenovela como porta de entrada para o mundo adulto. DUARTE, Rosália (org.) *A Televisão pelo Olhar das Crianças*. São Paulo: Cortez, 2008.

FISCHER, Rosa M. B. : *Televisão e Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GARDNER, Howard: *Art, Mind and Brain: a cognitive approach to creativity*. Boston: Basic Books, 1982.



GIRARDELLO, Gilka: Dez Teses sobre as crianças e a TV (Resenha de HODGE, Bob & TRIPP, David: *Children and Television: a semiotic approach*, Polity Press, 1986). *Ateliê da Aurora* ([www.aurora.ufsc.br](http://www.aurora.ufsc.br)), 2000.

GIRARDELLO, Gilka. FANTIN, Mônica. *Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças*. (org). Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

GIRARDELLO, G. & OROFINO, Isabel: A pesquisa de recepção com crianças: mídia, cultura e cotidiano. In: GIRARDELLO, G.; FANTIN, M. (orgs.): *Práticas culturais e consumo de mídia entre crianças*. Florianópolis: NUP/CED, 2009.

GIRARDELLO, Gilka: Autoria narrativa infantil, mídia-educação e novos letramentos: um percurso de pesquisa. *Revista Educação On-line PUC-Rio* nº 11, p. 73-88, 2012.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*, São Paulo, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO: *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas na comunicação e na cultura*. Tradução de Fidelina Gonzáles. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

MARTINS FILHO, Altino; BARBOSA, Maria Carmen S.: Metodologias de Pesquisas com Crianças. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v.18, n.2, jul./dez. 2010.

MUNARIM, Iracema. *Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças*. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

PERROTI, Edmir. A cultura das ruas. In: Pacheco, Elza Dias (org.). *Comunicação, Educação e arte na cultura infanto-juvenil*. Edições Loyola, SP, 1991. p.21-28

PEREIRA, Rita M. Ribes: O menino, os barcos, o mundo: considerações sobre a construção do conhecimento. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n.2, jul/dez 2010.

PEREIRA, Rita M. Ribes: Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr.2015.

PONTE, Cristina: Kids online na Europa e no Brasil. Desafios para a pesquisa comparada sobre as práticas de crianças e adolescentes na internet. Revista eletrônica disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/310/pdf>, maio de 2012.

PROUT, Alan: Reconsiderando a nova Sociologia da Infância. Tradução Fátima Murad. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.

RIBEIRO, Taísa Andrade de Souza Silva: Papel e Tela: um estudo sobre preferências das crianças, literatura infantil e narrativas televisivas. (Dissertação de mestrado). UNESP. Presidente Prudente, 2016.

SAMPAIO, Inês S. V.; CAVALCANTE, Andréa P.P: *Qualidade na programação infantil da TV Brasil*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2002) Imaginário e Culturas da Infância. *Cadernos de Educação* (Revista da Fac. Educação da Univ. de Pelotas, RS, Brasil) ano 12, nº 21:5169.

SOLER, Simone. *Se chover assistimos TV: práticas e mediações pedagógicas em relação à televisão na educação infantil*. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

SOUSA, Mauro Wilton (org): *Sujeito, o lado oculto do receptor*; Tradução e transcrição Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta – São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUZA, Thais Ehrhardt, de. *A relação entre as mídias e as brincadeiras das crianças*. Trabalho de conclusão de curso de Especialização, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

## APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



Sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde desenvolvo o projeto de dissertação intitulado “As crianças e os conteúdos adultos na televisão: recepção, mediação e brincadeira”.

O tema dessa pesquisa emergiu a partir da prática profissional da pesquisadora, como professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Florianópolis. Há alguns anos em diferentes creches de uma mesma comunidade e pude perceber entre as crianças de diferentes faixas etárias o quanto o conteúdo presente nas mídias têm influenciado suas brincadeiras. Observava as crianças durante suas brincadeiras espontâneas, nos diversos locais como parque, pátio e dentro da própria sala. Em grande parte das brincadeiras, as crianças interpretavam papéis de personagens, artistas e apresentadores de programas de TV, por meio do faz-de-conta.

Como principal objetivo de minha pesquisa, busco investigar como as crianças pequenas se relacionam com os conteúdos da TV que são endereçados aos adultos.

Como se trata de uma pesquisa com crianças pequenas da Educação Infantil, ela será realizada principalmente nos preciosos momentos de roda de conversa, quando as crianças nos relatam tantas coisas e sentem-se ouvidas por todas as outras do grupo. A roda será um momento de diálogo com as crianças, no qual pretendemos saber se elas assistem televisão, o que assistem, e o que elas acham, sentem, pensam a partir do que veem na televisão. Esses momentos serão gravados apenas em áudio, com o conhecimento e a concordância delas. Não haverá questionário, apenas conversas informais. A importância da televisão na vida das crianças poderá também ser expressa por elas por meio de

desenhos, e brincadeiras de faz-de-conta. Alguns momentos destas brincadeiras, escolhidos pelas crianças, serão gravados em vídeo, com duração de aproximadamente 1 minuto. Considerando a importância da participação ativa das crianças no processo da pesquisa, a proposta é observar as brincadeiras espontâneas das crianças, sendo assim, elas próprias delimitarão a gravação do vídeo, por meio de "combinados" como a expressão 'Câmera Ação'. É importante destacar que todos os registros tanto por meio de filmagens, diário de campo, desenhos, assim como a realização da própria pesquisa com as crianças será realizada a partir do consentimento delas

A proposta de pesquisa envolve uma etapa de trabalho empírico: um processo de observação participante junto a um grupo de crianças de 5 a 6 anos de idade, com ênfase para as brincadeiras espontâneas das crianças, na Creche Joel Rogério de Freitas, localizada no bairro Monte Cristo, município de Florianópolis. A observação será realizada com carga horária total de 48 horas em apoio e diálogo com a professora do grupo. Pretende-se realizar a pesquisa em 9 encontros com o grupo, no período compreendido entre 13:00 e 18:30, ou seja, 5 horas e 30 minutos a cada encontro. É importante que se destaque que na Rede Municipal Educação de Florianópolis o trabalho desempenhado pelos professores é até as 17:00. Sendo assim, no período entre as 17:00 as 18:30, as crianças ficam com as auxiliares de sala com atividades 'livres', visto que no período anterior as atividades são planejadas pelos professores. Entendemos esses momentos como fonte rica para observar as crianças, suas brincadeiras, e em suas conversas entre elas.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão os de contribuir para a pesquisa educacional sobre o modo como os conteúdos televisivos, principalmente aqueles que são pensados para o público adulto, são trazidos pelas crianças em suas brincadeiras, como forma de ressignificação dessas experiências. Como todos os procedimentos terão caráter lúdico, as crianças estarão também tendo a oportunidade de conversar e refletir criativamente sobre temas de seu cotidiano, com o acompanhamento de uma professora especializada, o que poderá ser uma vivência pedagógica positiva para elas.

É importante destacar que a participação de cada criança é essencial e enriquecedora a pesquisa, mas cabe também a criança decidir se deseja ou não participar desse processo, assim como ela poderá sair a

qualquer momento, ou ainda escolher quais momentos lúdicos quer participar.

Os possíveis riscos com participação das crianças na pesquisa serão os mínimos possíveis, pois estarão frequentando os mesmos espaços aos quais convive cotidianamente, entretanto, destaco que existem riscos das crianças sentirem-se cansadas diante das atividades propostas, mas que elas decidirão os momentos dessa participação.

Ressalto que as fotos e filmagens apenas serão usadas para fins de pesquisa acadêmica, que estarão disponíveis aos pais e responsáveis que tiverem interesse em acompanhar a pesquisa, sendo que uma cópia final da dissertação será entregue a instituição para socialização com as famílias e profissionais.

Outro importante dado a ser destacado é que esta pesquisa segue as normas da RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, e de acordo com esta resolução os pesquisadores garantem indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa bem como direito a ressarcimento e de que modo serão cobertas as possíveis (mesmo que não previstas) despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes. RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012 garante também indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Os procedimentos estarão sendo acompanhados pela a pedagoga e estudante de mestrado Thais Ehrhardt de Souza, com a supervisão da professora responsável, Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello.

Agradeço desde já a atenção dos pais e/ou responsáveis pela criança, e me coloco a disposição para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa pessoalmente, por contato telefônico (98345578) ou por e-mail [thaisehrhardt@hotmail.com](mailto:thaisehrhardt@hotmail.com).

A pesquisadora Thais Ehrhardt de Souza, reside na rua Coronel Américo nº 744, bairro Barreiros, São José. Atua profissionalmente na mesma Rede de Ensino onde será realizada a pesquisa, porém em outra

comunidade, lotada como professora de Educação Infantil, membro efetivo, na rua Luiz Duarte Soares, nº189, bairro Rio Vermelho, Florianópolis.

CEPSH (Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos) localizado no prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 401, na rua Desembargador Vitor Lima nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: 37216094.

E por fim destaco que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Responsabilizo-me em garantir que a criança não terá prejuízo algum na creche caso decida não querer participar da pesquisa, bem como manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases.

Thais Ehrhardt de Souza

Florianópolis, outubro de 2016

## ANEXOS

**Cronograma de realização da pesquisa intitulada:** As crianças e os conteúdos da televisão: recepção, mediação e brincadeira.

Início previsto: 05/10/2016

Término previsto: 11/11/2016

Horário: 13:00 as 18:30

Dia/mês	Proposta para cada momento da pesquisa
07/10	1º dia – Na roda com o grupo, apresentação da pesquisadora, do que ela pretende fazer ali (em linguagem acessível às crianças) e das crianças. Na apresentação, cada um falará o seu nome e contará algo que adora fazer. Exemplo: "Meu nome é Thais, sou professora, e eu adoro ir à praia ver o mar". Escolha dos pseudônimos (nomes fictícios para assegurar a segurança e privacidade das crianças). Observação das crianças em suas brincadeiras livres.
14/10	2º dia - As crianças farão desenhos com lápis colorido a partir da pergunta "O que vocês fazem quando não estão na creche?" Uso de papel A3 dividido em 6 quadrinhos, a fim de ajudar as crianças a pensarem no que fazem nos diversos momentos do seu dia-a-dia. Observação das crianças em suas brincadeiras livres.

21/10	<p>3º dia – Roda de conversa com o grupo de crianças, diálogo sobre TV. Convidar as crianças para a atividade lúdica de produzirmos um programa de televisão de faz-de-conta. Vamos construir uma televisão de brinquedo, com o grupo, usando uma caixa de papelão grande, para que a partir dela façamos o programa. Posteriormente a isso, vamos acompanhar a troca de ideias das crianças, registrando os materiais que as crianças desejariam para a apresentação de seu programa de faz-de-conta.</p> <p>Poderemos dividir em 5 grupos de 5 crianças se todas desejarem participar. Vamos garantir que as apresentações dos programas de faz-de-conta sejam sempre em clima lúdico e informal, e que após cada uma haja retorno positivo para as crianças.</p>
26/10 Matutino	4º dia – Programa de faz-de-conta do grupo 1.
26/10 v Vespertino	5º dia – Programa de faz-de-conta do grupo 2.
04/11	6º dia – Programa de faz-de-conta do grupo 3.
09/11 Matutino	7º dia – Programa de faz-de-conta do grupo 4.
09/11 Vespertino	8º dia Programa de faz-de-conta do grupo 5.
11/11	Avaliação de todo período vivido com o grupo, e encerramento.